

**UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ  
DEPARTAMENTO ACADÊMICO DE ARQUITETURA E URBANISMO  
CURSO DE ARQUITETURA E URBANISMO**

**JULIANA DO VALE TOJAL**

**CULTIVAR MEMÓRIAS: A ARTE COMO ELO DE AFETO E PERTENCIMENTO À  
CURITIBA**

**CURITIBA  
2025**

**JULIANA DO VALE TOJAL**

**CULTIVAR MEMÓRIAS: A ARTE COMO ELO DE AFETO E PERTENCIMENTO À  
CURITIBA**

**Cultivating memories: art as a link of affection and belonging to Curitiba**

Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação  
apresentado como requisito para obtenção do título  
de Bacharel em Arquitetura e Urbanismo da  
Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
(UTFPR).

Orientadora: Thais Saboia Martins

**CURITIBA**

**2025**



[4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/)

Esta licença permite remixe, adaptação e criação a partir do trabalho, para fins não comerciais, desde que sejam atribuídos créditos ao(s) autor(es). Conteúdos elaborados por terceiros, citados e referenciados nesta obra não são cobertos pela licença.

**JULIANA DO VALE TOJAL**

**CULTIVAR MEMÓRIAS: A ARTE COMO ELO DE AFETO E PERTENCIMENTO  
À CURITIBA**

Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação  
apresentado como requisito para a obtenção do  
título de Bacharel em Arquitetura e Urbanismo da  
Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
(UTFPR).

Data de aprovação: 18 de fevereiro de 2025

---

**Roberto Tourinho Fontan, Me.**  
Universidade Positivo

---

**Débora Raquel Faria, Me.**  
Universidade Tecnológica Federal do Paraná

---

**Rafaela Antunes Fortunato, Dr<sup>a</sup>.**  
Universidade Tecnológica Federal do Paraná

---

**Thais Saboia Martins, Dr<sup>a</sup>.**  
Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Orientador(a) e presidente da banca

A Folha de Aprovação assinada encontra-se na Coordenação do Curso

**CURITIBA**

**2025**

## **AGRADECIMENTOS**

Embora esta jornada muitas vezes pareça solitária, ela só foi possível graças ao apoio inestimável de pessoas queridas. Primeiramente, agradeço à minha família, especialmente ao meu pai André Luis Tojal e à minha mãe Elizabete do Vale Tojal, que são minhas maiores referências de amor, apoio e confiança. Agradeço por ouvirem minhas angústias, e por me permitirem conquistar novos lugares. E por me ensinarem o significado da palavra “lar” quando eu ao menos entendia.

Aos meus amigos de infância, Natan e Nataly, minha rede de afeto mesmo à distância. Ao Diego, que me apoiou incondicionalmente durante toda essa trajetória. Aos amigos que fiz durante os anos de faculdade, Gustavo, Thiago, Henrique, Ana Sophia e João Guilherme. Agradeço por todas as trocas de experiências e pelas vivências de uma vida recém-adulta, por me ajudarem nos momentos em que me vi sozinha nesta cidade, tornando esses anos mais leves e cheios de significado.

À minha orientadora, Thais Saboia Martins, sou eternamente grata pelos encontros e ensinamentos que transcenderam a escrita acadêmica. Agradeço também pelas aulas de Projeto Arquitetônico VI e pelas orientações no CBCA, ao lado da professora Karina Scussiato Pimentel, onde tive o privilégio de aprender sobre arquitetura. Suas orientações foram fundamentais para meu crescimento pessoal e profissional. Este trabalho é fruto de um esforço coletivo, e sou imensamente grata por ter a oportunidade de compartilhá-lo.

## RESUMO

TOJAL, Juliana do Vale. **Cultivar memórias:** a arte como elo de afeto e pertencimento à Curitiba. 2025. 115f. Trabalho de conclusão de curso (Bacharelado em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Curitiba, 2025.

A conexão com o ambiente transcende o físico, envolvendo emoções, vivências e memórias. Essa interação gera um sentimento de apego e envolvimento com o lugar, profundo o suficiente para definir a identidade do indivíduo. Compreender a origem de um lugar é crucial para entender como ele influencia a relação humana em diferentes níveis, seja como espaço físico, seja como repositório de significado, memória e identidade. A sociedade desenvolve sistemas de orientação que ajudam os indivíduos a formarem imagens ambientais adequadas, utilizando pontos focais, regiões ou caminhos que harmonizam a relação entre o indivíduo e o ambiente. Esta interação é fundamental para transformar o espaço em um lugar carregado de significado e identidade, fomentando o sentimento de pertencimento. Assim, este trabalho aborda historicamente as relações entre indivíduo e espaço público, propondo que essas conexões sejam desenvolvidas por meio do incentivo à apropriação do espaço. A memória e a percepção dos espaços arquitetônicos também são profundamente pessoais e emotivas, frequentemente transcendendo a forma e a função do espaço. O movimento corporal e a interação com o entorno são essenciais para a formação de memórias individuais e coletivas, enriquecidas por sentimentos e emoções. Portanto, para estabelecer uma conexão profunda entre o indivíduo e a cidade, acredita-se que o desenvolvimento de um centro de bairro possa atender a essa demanda. Este trabalho baseia-se nas diretrizes projetuais apresentadas, fundamentadas em estudos de caso, análise urbana e embasamento teórico histórico, aspirando criar um espaço que promova o desenvolvimento cultural e o sentimento de pertencimento à cidade.

Palavras-chave: conexão; sentimento de pertencimento; cultura; memória.

## **ABSTRACT**

The connection with the environment transcends the physical, involving emotions, experiences, and memories. This interaction generates a sense of attachment and involvement with the place, profound enough to define an individual's identity. Understanding the origin of a place is crucial to comprehending how it influences human relationships on different levels, whether as a physical space or as a repository of meaning, memory, and identity. Society develops orientation systems that help individuals form suitable environmental images, utilizing focal points, regions, or paths that harmonize the relationship between the individual and the environment. This interaction is fundamental in transforming space into a place laden with meaning and identity, fostering a sense of belonging. Thus, this work historically addresses the relationships between the individual and public space, proposing that these connections be developed through the encouragement of space appropriation. The memory and perception of architectural spaces are also deeply personal and emotive, often transcending the form and function of the space. Bodily movement and interaction with the surroundings are essential for the formation of individual and collective memories, enriched by feelings and emotions. Therefore, to establish a deep connection between the individual and the city, it is believed that the development of a neighborhood center can meet this demand. This work is based on the presented design guidelines, grounded in case studies, urban analysis, and historical theoretical foundation, aspiring to create a space that promotes cultural development and a sense of belonging to the city.

Keywords: connection; sense of belonging; culture; memory.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Acrópole Ateniense, Grécia.....	16
Figura 2 - Teatro Epidauro, Grécia.....	17
Figura 3 - Anfiteatro Flaviano (Coliseu), Roma.....	18
Figura 4 - Mosteiro, França.....	19
Figura 5 - Igreja Santo André de Mântua, Itália.....	20
Figura 6 - Palácio das Máquinas, Paris.....	21
Figura 7 - Manifestação política em Curitiba.....	23
Figura 8 - La Defense, Paris	
Figura 9 - Praça do Coreto, São Luís do Paraitinga.....	25
Figura 10 - Festival de inverno, Memorial de Curitiba.....	28
Figura 11 - Petra, Jordânia.....	31
Figura 12 - O retiro secular, Peter Zumthor. Reino Unido.....	33
Figura 13 - Igreja Notre Dame, França.....	35
Figura 14 - Evolução das Artes Cênicas, Poty Lazzarotto. Curitiba.....	38
Figura 15 - Entrada e entorno imediato.....	43
Figura 16 - Entorno imediato do Centro Cultural PILARES, Cidade do México.....	43
Figura 17 - Planta baixa pavimento térreo.....	44
Figura 18 - Planta baixa pavimento superior.....	45
Figura 19 - Corte longitudinal.....	45
Figura 20 - Corte transversal.....	45
Figura 21 - Entrada do Centro Cultural.....	46
Figura 22 - Pátio central com atividades culturais.....	47
Figura 23 - Pátio central com atividades culturais.....	48
Figura 24 - Crianças no pavimento superior.....	48
Figura 25 - Fachada Lleialtat Santsenca, Barcelona. Espanha.....	49
Figura 26 - Mapa do entorno.....	50
Figura 27 - Pátio interno átrio.....	51
Figura 28 - Restauro de fachada.....	51
Figura 29 - Planta do pavimento térreo.....	52
Figura 30 - Planta do primeiro pavimento.....	53
Figura 31 - Planta do segundo pavimento.....	54
Figura 32 - Planta do terceiro pavimento.....	54
Figura 33 - Corte longitudinal.....	55
Figura 34 - Corte transversal.....	56
Figura 35 - Auditório.....	56
Figura 36 - Mapa de localização Lá da Favelinha.....	57
Figura 37 - Croqui ilustrativo da fachada com entorno.....	58
Figura 38 - Fachada do Centro Cultural Lá da Favelinha.....	58

Figura 39 - Planta do primeiro pavimento.....	59
Figura 40 - Planta do segundo pavimento.....	60
Figura 41 - Planta do terceiro pavimento.....	61
Figura 42 - Espaços internos do centro cultural.....	62
Figura 43 - Corte AA.....	62
Figura 44 - Corte BB.....	63
Figura 45 - Mapa do Brasil com destaque ao Paraná e Curitiba.....	65
Figura 46 - Espaços culturais de Curitiba.....	66
Figura 47 - Mapa de centros culturais por regional.....	68
Figura 48 - Mapa de regionais e Ruas da Cidadania.....	69
Figura 49 - Mapa de áreas verdes por regional em Curitiba (2019).....	71
Figura 50 - Mapa de bairros da Regional Matriz.....	72
Figura 51 - Mapa de cheios e vazios da Regional Matriz.....	73
Figura 52 - Mapa de ciclofaixas e ciclorrotas na Regional Matriz.....	74
Figura 53 - Mapa de zoneamento da Regional Matriz.....	75
Figura 54 - Mapa de cheios e vazios do bairro Rebouças.....	76
Figura 55 - Eixo Estrutural: Av. Sete de Setembro e Av. Silva Jardim, respectivamente.....	77
Figura 56 - ZR-4: Av. Silva Jardim e Av. Presidente Getúlio Vargas, respectivamente.....	77
Figura 57 - ZUM-3: Cruzamento entre Av. Pres. Getúlio Vargas e rua Des. Westphalen; e cruzamento entre a Av. Pres. Getúlio Vargas e rua Cons. Laurindo, respectivamente.....	78
Figura 58 - EMF: Cruzamento entre Av. Pres. Getúlio Vargas e rua Des. Westphalen; e cruzamento entre Av. Pres. Getúlio Vargas e rua Santo Antônio, respectivamente.....	78
Figura 59 - Cruzamento entre a Av. Pres. Getúlio Vargas e rua Santo Antônio; e cruzamento entre a Av. Pres. Getúlio Vargas e a rua Cons. Laurindo.....	79
Figura 60 - Mapa de zoneamento do bairro Rebouças.....	79
Figura 61 - Mobilidade não motorizada do terreno até pontos de referência do bairro.....	80
Figura 62 - Isométrica dos parâmetros do terreno.....	81
Figura 63 - Fachada do terreno na rua Lamenha Lins.....	81
Figura 64 - Vista superior terreno.....	82
Figura 65 - Curvas de nível do entorno.....	83
Figura 66 - Isométrica topográfica do terreno.....	83
Figura 67 - Gabarito do entorno.....	84
Figura 68 - Mapa de insolação aos equinócios e solstícios próximo ao meio dia. 85	
Figura 69 - Pontos de ônibus entorno.....	86
Figura 70 - Mapa de caminhabilidade e vitalidade urbana.....	88
Figura 71 - Mapa síntese e equipamentos relevantes do entorno.....	89
Figura 72 - Programa de necessidades do Centro Cultural de bairro.....	91

<b>Figura 73 - Croqui do pavimento térreo.....</b>	<b>92</b>
<b>Figura 74 - Croqui do primeiro pavimento.....</b>	<b>93</b>
<b>Figura 75 - Maquete esquemática de setorização.....</b>	<b>93</b>
<b>Figura 76 - Maquete esquemática dos principais espaços do centro de bairro.....</b>	<b>94</b>
<b>Quadro 1 - Comparativo entre projetos analisados.....</b>	<b>64</b>
<b>Quadro 2 - Espaços culturais e funções em Curitiba.....</b>	<b>67</b>

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO.....</b>	<b>11</b>
<b>1.1 Problema.....</b>	<b>12</b>
<b>1.2 Hipótese.....</b>	<b>12</b>
<b>1.3 Objetivos.....</b>	<b>13</b>
<b>1.4 Justificativa.....</b>	<b>13</b>
<b>1.5 Metodologia.....</b>	<b>14</b>
<b>2. CONCEITUAÇÃO TEMÁTICA.....</b>	<b>16</b>
<b>2.1 Mapear a história: a metamorfose do espaço público.....</b>	<b>16</b>
<b>2.2 Identidade e política: o espaço público como agente organizador da urbe.....</b>	<b>22</b>
2.2.1 Diversidade e vitalidade do espaço público.....	24
2.2.2 Apropriação e interação com o espaço.....	26
<b>2.3 Afetos e arquitetura: a relação entre sentidos e sentimentos.....</b>	<b>27</b>
2.3.1 O espaço e o lugar.....	30
2.3.2 A poética da memória.....	32
<b>2.4 Arte e arquitetura: o espaço cultural ativo.....</b>	<b>34</b>
2.4.1 Arte, cidade e arquitetura.....	36
2.4.2 O centro de bairro como articulador da identidade e pertencimento.....	39
<b>3. ESTUDOS DE CASO.....</b>	<b>42</b>
<b>3.1 Centro Cultural PILARES Eduardo Galeano - Rozana Montiel   Estudio Arquitectura.....</b>	<b>42</b>
<b>3.2 Centre cívic Lleialtat Santsenca 1214 - HARQUITECTES.....</b>	<b>49</b>
<b>3.3 Centro Cultural Lá da Favelinha - Coletivo LEVANTE.....</b>	<b>57</b>
<b>4. INTERPRETAÇÃO DA REALIDADE.....</b>	<b>65</b>
<b>4.1 Contexto histórico e cultural de Curitiba.....</b>	<b>65</b>
<b>4.2 A área de intervenção.....</b>	<b>71</b>
4.2.1 Regional Matriz.....	71
4.2.2 Bairro Rebouças.....	75
4.2.3 O terreno.....	79
<b>5. DIRETRIZES PROJETUAIS.....</b>	<b>87</b>
<b>5.1 Características urbanísticas.....</b>	<b>87</b>
<b>5.2 Programa de necessidades e plano de ocupação.....</b>	<b>89</b>
<b>6. RESULTADOS PROJETUAIS.....</b>	<b>95</b>
<b>7. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>98</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>101</b>
<b>APÊNDICE A.....</b>	<b>107</b>

## 1. INTRODUÇÃO

As experiências vivenciadas nas ruas, embora rotineiras, são singulares, entrelaçando aspectos físicos e emocionais por meio de cores, texturas, aromas, sons e memórias para conectar o corpo ao espaço público. Essa ligação é fundamental para construir o sentimento de pertencimento e identidade. Ao explorar movimentos culturais e arquitetônicos, o indivíduo se apropria do espaço público, conferindo-lhe um novo significado, mesmo quando este se encontra negligenciado.

A arquitetura, por sua vez, oferece estímulos sensoriais que ativam múltiplos sentidos corporais simultaneamente, uma experiência que Bachelard (1988) denomina como "polifonia dos sentidos". Essas sensações despertam a imaginação e aguçam as percepções sensoriais, sendo armazenadas no subconsciente e capaz de serem ativadas posteriormente por estímulos dos sentidos do corpo ao entrarmos em contato com uma vivência semelhante. Ao trazer uma dimensão afetiva ao espaço, a arquitetura transforma-o em um lugar, dotado de identidade e atmosfera sentimental, fortalecendo o sentimento de pertencimento.

Já a memória afetiva desempenha um papel fundamental na construção de experiências profundamente emotivas. O vínculo e as lembranças associadas a um lugar são essenciais para mantê-lo vivo no contexto urbano em constante mutação. Nesse sentido, a cidade é modelada pelas memórias e identidades daqueles que a habitam. O trabalho de Peter Zumthor, refletido em seu extenso portfólio, ilustra como a arquitetura é capaz de criar essa atmosfera a partir das vivências humanas. Desde a concepção do invólucro arquitetônico até a maneira como a luz interage com um móvel de madeira cuidadosamente posicionado, a arquitetura transmite um sentimento de aconchego e conforto que ressoa profundamente com as experiências pessoais e emocionais dos indivíduos produzindo um diálogo contínuo entre passado, presente e futuro.

Com o advento da democratização da arte, a arquitetura desempenhou um papel crucial na criação de espaços dedicados à exposição dessas manifestações artísticas, resultando na concepção dos museus. Ao longo do tempo, esses locais passaram por adaptações significativas, transformando-se em verdadeiros centros culturais. Além de contemplar obras de arte, esses espaços possibilitam à comunidade a oportunidade de engajar-se na produção de sua própria arte,

fomentando, assim, princípios de democracia e colaboração através da expressão criativa.

Atualmente, o setor cultural desempenha uma função crucial no progresso econômico e social das cidades. Nesse contexto, a arte emerge como uma ferramenta fundamental para a humanização destes espaços urbanos. Por meio de movimentos como murais, monumentos, arquitetura e música, ela tem o poder de explorar as dinâmicas sociais e os conflitos que permeiam a sociedade.

Considerando a escassez de exemplos de centros culturais eficazes no Brasil, este estudo busca identificar e analisar a relação entre a presença e a efetividade desses espaços ao longo do tempo e sua influência para o sentimento de pertencimento do indivíduo à cidade. As temáticas históricas e sociais abordadas visam estabelecer uma base teórica para o desenvolvimento de um centro de bairro que promova práticas culturais, políticas e sociais para toda a comunidade curitibana, dispendo sua importância para as futuras gerações.

## **1.1 Problema**

Apesar do papel crucial da arquitetura e das artes na humanização e revitalização dos espaços urbanos, muitas cidades brasileiras, incluindo Curitiba, sofrem com a escassez de centros culturais que efetivamente promovam o sentimento de pertencimento e identidade entre os habitantes. Essa lacuna limita as oportunidades de experiências e interações sociais significativas, contribuindo para uma desconexão entre os indivíduos e o espaço público, onde as experiências cotidianas não são plenamente aproveitadas para fomentar uma ligação emocional e cultural com a cidade.

## **1.2 Hipótese**

Ao compreender o potencial transformador que os centros culturais têm para as cidades, nota-se que não apenas servem como locais de exposição e produção artística, mas também como pontos de encontro que incentivam a coesão social, o engajamento comunitário e a construção de uma identidade coletiva. Identificar os elementos que contribuem para a eficácia desses espaços pode fornecer percepções valiosas para as intervenções urbanas, garantindo que os espaços

públicos se tornem verdadeiros repositórios de significado, memória e identidade para todos os indivíduos.

### **1.3 Objetivos**

Para o desenvolvimento dos objetivos gerais do trabalho, buscou-se compreender ao longo da história como as comunidades desenvolveram-se por meio dos espaços públicos, promovendo a participação ativa dos seres humanos na sociedade e gerando aos indivíduos o sentimento de pertencimento ao criar espaços dedicados ao desenvolvimento cultural, político e social. Além de fortalecer a democracia participativa, dando autonomia à comunidade local e estimulando a inovação e a criatividade na busca por soluções para desafios urbanos e sociais.

Para isso, estabeleceu-se os seguintes objetivos específicos:

- Compreensão do desenvolvimento da arte e cultura nas cidades ao longo dos séculos;
- Identificação dos principais desafios relacionados à valorização da arte e cultura nos espaços urbanos contemporâneos através da arquitetura;
- Exploração de teorias e estudos que abordam o impacto da arte e cultura na formação da identidade e no bem-estar emocional dos indivíduos;
- Compreensão e análise de projetos de centros culturais de diferentes países;
- Análise da cidade de Curitiba e busca por um bairro que possa abrigar um centro de bairro;
- Estabelecer as diretrizes projetuais para um centro de bairro que busque fortalecer a identidade local.

### **1.4 Justificativa**

No contexto atual, o setor cultural desempenha um papel crucial no desenvolvimento econômico e social das cidades. A arte e a arquitetura atuam como ferramentas para explorar e enfrentar as dinâmicas e conflitos sociais, contribuindo significativamente para a humanização dos espaços urbanos. Contudo, observa-se uma carência de centros culturais eficazes no Brasil, o que limita as oportunidades

de interação social e cultural e resulta em uma desconexão entre os indivíduos e o espaço público.

Ao abordar a problemática dessa lacuna e propor a criação de um centro de bairro que promova práticas culturais, políticas e sociais, fortalecendo a identidade local e fomentando o sentimento de pertencimento, promove-se uma maior inclusão e diversidade na esfera pública. Assim, o desenvolvimento de um centro de bairro se justifica pela necessidade de criar espaços que não apenas atendam às funções práticas do cotidiano, mas que também promovam experiências enriquecedoras que integrem aspectos físicos e emocionais.

## **1.5 Metodologia**

Ao investigar as referências que fundamentam esta pesquisa, empreende-se uma análise de cunho histórico, descritivo e crítico, obtida a partir da leitura de livros, dissertações, teses e artigos relacionados ao tema. Desta forma, foi possível desenvolver uma argumentação embasada por abordagens visuais, objetivando a compreensão de momentos históricos e contextos geográficos específicos.

Assim, com o propósito de realizar uma análise histórica abrangente, a seção intitulada "Mapear a história: a metamorfose do espaço público" foi elaborada para examinar a evolução do espaço público desde a Grécia Antiga até os tempos contemporâneos, a fim de datar e compreender aspectos importantes do desenvolvimento social e urbano nestes espaços. Embasado em obras de história da arquitetura, este capítulo explora a progressão desde as ágoras e anfiteatros até a concepção de museus, galerias e centros culturais.

Na sequência, a seção intitulada "Identidade e política: o espaço público como agente organizador da urbe" se baseia em obras de urbanismo e teses de mestrado, com o objetivo principal de discutir e destacar o desenvolvimento da diversidade e vitalidade urbanas, assim como a apropriação e interação do indivíduo com o espaço público.

Seguindo adiante, o capítulo "Afetos e arquitetura: a relação entre sentidos e sentimentos" aborda de forma mais introspectiva a relação entre os sentimentos oferecidos pela arquitetura, uma temática amplamente discutida por estudiosos como Pallasmaa e Peter Zumthor.

Em "Arte e arquitetura: o espaço cultural ativo", propõe-se uma reflexão crítica sobre o papel da arquitetura e da arte na compreensão do espaço. Para este capítulo, a consulta a textos de Guilherme Wisnik mostrou-se essencial.

Considerando a análise da importância da existência de espaços públicos que promovam a vitalidade urbana, este trabalho também se direcionou a pesquisas em *websites*, onde foram encontrados estudos de casos relevantes para o projeto, contribuindo assim para o desenvolvimento das diretrizes projetuais.

Portanto, este estudo ressalta a centralidade do espaço público na configuração e evolução das cidades ao longo do tempo. Ao analisar sua trajetória desde os primórdios até os dias atuais, bem como sua interação com aspectos emocionais e culturais, fica evidente sua relevância como elemento-chave para a coesão social e o desenvolvimento urbano. As conclusões alcançadas oferecem valiosas perspectivas para o planejamento urbano futuro, promovendo a criação de ambientes urbanos mais inclusivos, dinâmicos e sustentáveis, onde o espaço público desempenha um papel fundamental na promoção da qualidade de vida e na identidade comunitária.

## 2. CONCEITUAÇÃO TEMÁTICA

Nesta seção, empreende-se uma análise histórica do desenvolvimento urbano desde os tempos da Grécia Antiga até os dias contemporâneos, focalizando especialmente a evolução dos espaços públicos e suas diversas funções sociais ao longo do tempo. Além disso, explora-se o papel crucial da política na formação da identidade urbana e a forma com que o afeto e as expressões artísticas podem desempenhar um papel fundamental na construção de um sentimento de pertencimento à cidade. Nesse contexto, investiga-se o contributo dos centros culturais para promover e fortalecer esse vínculo emocional com o ambiente urbano.

### 2.1 Mapear a história: a metamorfose do espaço público

A pólis era uma entidade comunitária, formada por famílias com vínculos ancestrais compartilhados, que abrangia "todos os aspectos da vida comunitária, política, cultural, moral e econômica das pessoas" (KITTO, 1980, p.75). A principal contribuição da civilização grega à urbanização e à governança consiste na formulação da democracia, instituída em Atenas, e a criação da cidade-estado grega marcou o início do desenvolvimento do estado de direito a partir do século V a.C.

**Figura 1 - Acrópole Ateniense, Grécia.**



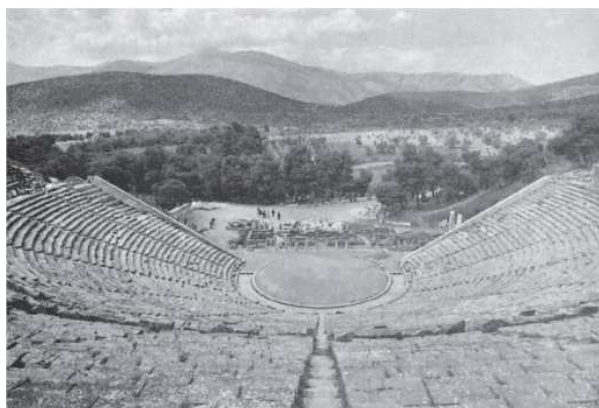
**Fonte: Livro Entender a Arquitetura, Leland M. Roth, 2017.**

No contexto urbano da Grécia Antiga, a Ágora emergiu como o centro cívico por excelência do período clássico. Situada aos pés da acrópole ateniense, a Ágora se configurava como um espaço aberto, adaptável e irregular, circundado por edifícios do entorno, as Stoas, que funcionavam como elementos de fechamento.

Este espaço público multifuncional abrigava atividades comerciais locais, proporcionava educação para os estudantes e permitia a participação direta dos cidadãos nas práticas políticas, demonstrando uma interação dinâmica entre arquitetura, espaço público e vida comunitária.

Além da Ágora, o teatro grego desempenhava um papel fundamental na vida comunitária e na configuração dos espaços urbanos. Originado de rituais religiosos dedicados a Dionísio, o deus do vinho e das festas, o teatro evoluiu como uma forma artística que transmitia conceitos políticos e sociais aos cidadãos gregos. O Teatro de Epidauro, por exemplo, com sua capacidade para abrigar até 7 mil espectadores, não só servia como palco para apresentações teatrais, mas também como espaço para assembleias cívicas, evidenciando a apropriação do espaço público como uma forma intrínseca de política na esfera pública grega.

**Figura 2 - Teatro Epidauro, Grécia.**



**Fonte: Livro Entender a Arquitetura, Leland M. Roth, 2017**

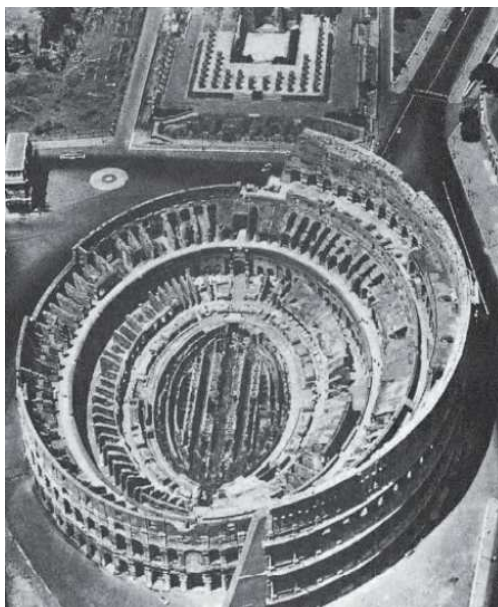
Após a influência dominante da Grécia Antiga, o Império Romano ascendeu como uma potência difusora de sua cultura e valores em territórios conquistados. A cidade, para os romanos, era concebida como a unidade fundamental e essencial de sua organização comunitária, um elemento que se tornou central em sua visão de civilização e poder. Esta perspectiva foi intensificada pela difusão cultural romana, que não apenas consolidou a vida urbana, mas também estimulou um profundo desenvolvimento arquitetônico e urbanístico.

Dessa forma, a construção de edificações públicas ganhou destaque, representando a manifestação física da grandiosidade e organização do Império. Entre essas estruturas, os teatros ocupavam uma posição de destaque, sendo

estrategicamente localizados nas proximidades dos núcleos comerciais urbanos. Estes espaços não apenas refletiam a herança artística grega, através da apresentação de peças adaptadas, mas também incorporaram novas produções, evidenciando a capacidade romana de assimilar e adaptar influências culturais pré-existentes. Além disso, a civilização romana introduziu o conceito de anfiteatro.

[...] Formalmente, o anfiteatro é um teatro duplo de planta elíptica, cercado por todos os lados de arquibancadas para os espectadores. O espetáculo acontece na parte central ou arena, embaixo da qual existem numerosos corredores, câmaras e escotilhas para a tramoia das apresentações e a saída de feras, gladiadores e atores. (PEREIRA, 2010, p.80)

**Figura 3 - Anfiteatro Flaviano (Coliseu), Roma.**



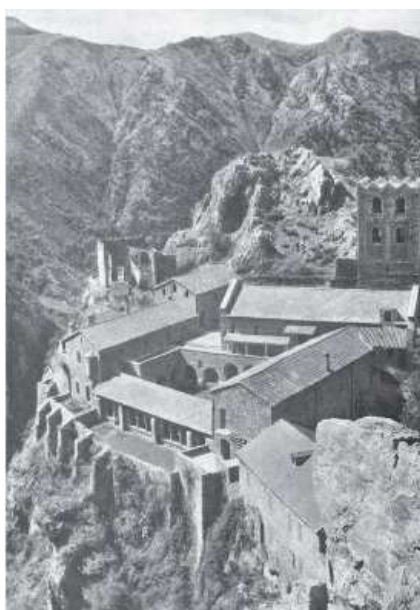
**Fonte: Livro Entender a Arquitetura, Leland M. Roth, 2017**

Após a decadência e subsequente queda do Império Romano em 450 d.C., a paisagem urbana e sociocultural europeia passou por uma reconfiguração marcante, dando início ao período conhecido como Idade Média, iniciada pela fase denominada Idade das Trevas ou Alta Idade Média. Esta fase, que se estendeu até o século IX, foi caracterizada por uma dispersão demográfica e uma interrupção no desenvolvimento de infraestruturas urbanas, refletindo uma diminuição na atividade construtiva e uma retração da vida urbana. Entretanto, com a ascensão do Império Franco e a consolidação do período feudal, denominado Idade Média Clássica, observa-se uma retomada gradual das atividades comerciais e interações culturais.

Este período foi marcado pelo ressurgimento de construções em grande escala, com ênfase na edificação de estruturas eclesiásticas que se tornaram centros de poder e influência na sociedade feudal. A transição para a Baixa Idade Média, a partir do século XIII, marcou um período de florescimento da arquitetura gótica em edificações religiosas e educacionais, além do crescimento e ascensão das cidades, refletido na configuração de bairros destinados à emergente classe social burguesa.

Neste contexto, os mosteiros assumiram um papel fundamental como centros de conhecimento, cultura e poder regional. Inicialmente concebidos como espaços religiosos, os mosteiros evoluíram para repositórios de textos cristãos e pagãos, contribuindo significativamente para a preservação e transmissão do saber durante a Idade Média. Além disso, ao longo do tempo, os mosteiros transformaram-se em espaços multifuncionais, integrando atividades políticas, culturais e agrícolas, e desempenhando um papel crucial na ativação e dinamização do espaço público e na configuração e desenvolvimento das comunidades locais.

**Figura 4 - Mosteiro, França.**



**Fonte: Livro Entender a Arquitetura, Leland M. Roth, 2017**

O advento do Renascimento por volta de 1400 na península itálica marcou uma transição significativa na arquitetura e urbanismo, caracterizada pelo mecenato das artes e pela inter-relação entre arte e arquitetura que, pela primeira vez, desenvolveram-se em conjunto. Este período foi impulsionado pela valorização das realizações humanas em contraposição ao dogma religioso, enfatizando a

importância da razão e da matemática, pilares do Humanismo. Neste sentido, os principais espaços públicos, como igrejas, óperas, bibliotecas e museus de belas artes e história natural, tornaram-se centros vitais de atividade cultural.

O Maneirismo e o Barroco, subsequentes ao Renascimento, introduziram novas dimensões na arquitetura e na espacialidade urbana. O Maneirismo trouxe uma abordagem sensorial e emotiva, destacando-se pela criação de jardins projetados para estimular os sentidos humanos através da integração harmoniosa com a natureza. Estes jardins, com sua vegetação colorida, sons naturais, texturas e aromas, revelaram o domínio italiano sobre os elementos da natureza e ampliaram a experiência espacial, promovendo uma interação mais íntima e sensorial com o ambiente construído. Por sua vez, o Barroco reconfigurou a espacialidade urbana ao desenvolver praças adjacentes às igrejas. Estas praças, inicialmente concebidas como locais para a contemplação do sagrado, evoluíram para se tornar espaços multifuncionais de desenvolvimento cultural e civil, consolidando a interação entre arquitetura, arte e sociedade.

**Figura 5 - Igreja Santo André de Mântua, Itália.**



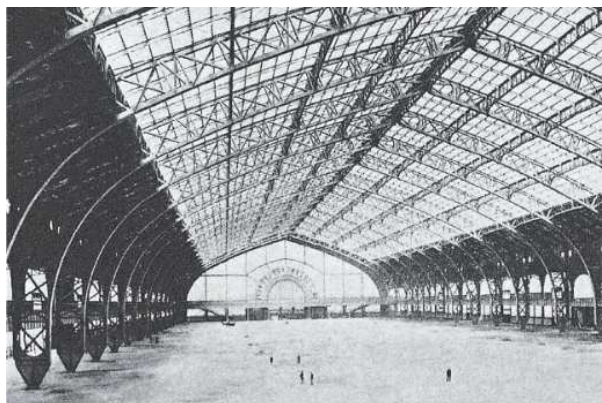
**Fonte: Livro Entender a Arquitetura, Leland M. Roth, 2017**

A transição do humanismo para a era contemporânea foi catalisada pela Revolução Francesa, que instigou profundas transformações sociais, políticas e culturais na Europa. Este período, influenciado pelo Iluminismo, um movimento intelectual centrado na razão e no desenvolvimento científico, testemunhou o

declínio da igreja como força unificadora e o surgimento do ecletismo como estilo dominante no século XIX. Após seu apogeu em 1889, a Europa passou por um período de esgotamento cultural e experimentou uma revitalização impulsionada pela Revolução Industrial e pela introdução da energia elétrica, que ativaram a vida noturna urbana.

Neste contexto de renovação e transformação, os museus emergiram como importantes instituições culturais, desempenhando um papel crucial na educação pública e na disseminação da arte e do conhecimento. As construções arquitetônicas dos museus funcionavam como extensões da arte exposta em seu interior, e as praças urbanas assumiram um papel ampliado, servindo não apenas como espaços de convívio e contemplação, mas também como pontos nodais do sistema viário e núcleos centrais da cidade.

**Figura 6 - Palácio das Máquinas, Paris**



**Fonte: Livro Entender a Arquitetura, Leland M. Roth, 2017**

“Hoje quase todos os aspectos da civilização ocidental moderna têm alguma influência das avassaladoras transformações culturais que tiveram início no século XVIII [...]” (ROTH, 2017, p. 451). No contexto histórico de renovação e transformação urbana, a era moderna surgiu com uma aspiração de reintegração das artes, que haviam sido dispersas ao longo do século XIX, culminando no conceito de "arte total". No final do século XIX, este movimento de incorporação encontrou expressão nas artes aplicadas, com a Alemanha desempenhando um papel proeminente ao propor uma contribuição significativa para a "arte total" através do artesanato, buscando sua aproximação com a indústria. Esta inclusão conduziu à padronização dos materiais artísticos.

Contudo, na contemporaneidade de uma sociedade globalizada, observa-se um novo cenário urbano marcado pelo desafio da remodelação e requalificação urbana. Esta busca pela requalificação urbana não apenas reflete uma necessidade de adaptar e revitalizar os espaços públicos, tornando-os mais inclusivos, dinâmicos e alinhados às demandas da vida moderna, mas também revela os fatores que levam ao esvaziamento urbano. A inter-relação entre arquitetura, arte e urbanismo continua a ser fundamental na configuração e desenvolvimento das cidades, respondendo aos desafios contemporâneos e contribuindo para a ativação e dinamização do espaço público, ao mesmo tempo em que busca soluções para os problemas emergentes relacionados à transformação espacial da cidade.

## **2.2 Identidade e política: o espaço público como agente organizador da urbe**

Borja e Muxí (2003)<sup>1</sup> delineiam uma análise dualista da cidade, categorizando-a em duas dimensões conceituais fundamentais: urbe e pólis. A "urbe" ultrapassa a mera descrição física do espaço urbano, integrando suas dimensões culturais, sociais e políticas. Esta concepção a entende como uma intrincada rede de relações humanas, culturais e sociais que se desenvolvem no contexto urbano, influenciando e sendo influenciada por ele. Nesse contexto, a diversidade e o civismo emergem como elementos vitais para uma convivência harmoniosa e para a compreensão integral da cidade como uma entidade dinâmica e viva. Por outro lado, a "pólis" é definida como o espaço de poder e representação política, onde os conflitos entre diferentes grupos sociais, incluindo dominantes, dominados e marginalizados, encontram espaço para expressão "por meio de grafismos, manifestações políticas, festas, procissões, derrubada de monumentos etc." (DIAS, 2020 p. 01). Sob esta perspectiva, a cidade como pólis é vista como um ambiente propício para o diálogo, a interação e a coesão social, fomentando uma cidadania ativa e engajada na vida comunitária e urbana.

---

<sup>1</sup> BORJA, J.; MUXÍ, Z. El espacio público: ciudad y ciudadanía. Barcelona: Editora Electa, 2003.

**Figura 7 - Manifestação política em Curitiba**

**Fonte: Frédi Vasconcelos, 2019**

No âmbito do urbanismo contemporâneo, a cidade é conceituada como um espaço multifuncional e diversificado, onde a distribuição desigual de funções e serviços influencia diretamente a mobilidade e acessibilidade dos seus habitantes, impactando a cidadania e a qualidade de vida. Assim, a mobilidade e a acessibilidade não se restringem apenas à eficiência do sistema de transporte, mas também à diversidade e distribuição de serviços e atrações na malha urbana. Conseqüentemente, o direito à cidade engloba o acesso equitativo a recursos e atividades de qualidade em todas as suas áreas. Nesta conjunção, o espaço público deve ser compreendido como um elemento estruturante e organizador no tecido urbano, transcendendo a concepção de um espaço residual entre edificações e vias. Configura-se, assim, um território apto a abrigar uma diversidade de usos e funções, atuando como um articulador da urbe e um ponto de interseção e interação entre diferentes áreas metropolitanas.

Este papel do espaço público torna-se ainda mais crucial diante de uma tendência de desequilíbrio dinâmico que impulsiona a fragmentação e privatização das cidades, segmentando-as em espaços e territórios nas dimensões físicas, sociais e administrativas. Portanto, o espaço público destaca-se como um agente fundamental para atuar como um vetor de redistribuição social e equilibrando as desigualdades intrínsecas à urbe. Assim, ele assume uma função organizadora com uma vocação igualitária e integradora, reforçando a necessidade de catalisar a coesão social, facilitar o diálogo e fomentar a interação entre os habitantes urbanos, fortalecendo a dinâmica da vida comunitária.

“[...]Ser visto e reconhecido pelos outros é uma condição de cidadania: pode-se ser plenamente cidadão quando os outros te veem e te reconhecem, quando conheces o teu lugar e quando cada um pode dizer com orgulho o lugar onde vive.” (BORJA; MUXÍ, 2003, p.125)

A cidade deve ser um espaço de diversidade social, econômica e cultural, fundamental para a troca de ideias, produtos e serviços. Esta diversidade funciona como um mercado de trocas e diretrizes culturais comuns (civismo), necessárias para a convivência bem-sucedida na cidade. Essa dinâmica requer o espaço público como cenário vital para a manifestação e expressão dessa diversidade, sendo o palco onde a sociedade desigual e contraditória pode expressar seus conflitos e tornar-se um cenário de mudança política e interação direta e afetuosa entre os diversos segmentos sociais. “O espaço público também possui uma dimensão sociocultural. É um lugar de relação e de identificação, de contato entre as pessoas, de animação urbana e, às vezes, de expressão comunitária.” (BORJA; MUXÍ, 2003, p. 46).

O espaço público é primordialmente conceituado como uma determinação político-jurídica e, concomitantemente, como uma edificação de uso social. Tal dualidade evidencia a intersecção entre as deliberações políticas e jurídicas que determinam a acessibilidade e a utilização do espaço, e as interações humanas que conferem vivacidade a esse âmbito. Esta abordagem sublinha a intrincada natureza deste local, realçando sua complexidade como resultado tanto de intervenções político-urbanísticas quanto de dinâmicas sociais. Dessa forma, o espaço público é identificado como um elemento central no planejamento urbano, desempenhando uma função primordial na organização e estruturação da urbe, na promoção da coesão social, na facilitação do diálogo e no estímulo à vida comunitária.

### 2.2.1 Diversidade e vitalidade do espaço público

A vitalidade e complexidade das metrópoles estão intrinsecamente relacionadas à sua capacidade de gerar e sustentar diversidade. Em grandes centros urbanos, essa característica se manifesta de maneira intensa. A diversidade urbana se consolida na proximidade das pessoas, que manifestam uma ampla gama de “gostos, habilidades, necessidades, carências e obsessões” (JACOBS, 2022,

p.164). Esta interação e diversidade são fundamentais para a vitalidade da paisagem urbana, enriquecida por um acervo significativo de pequenos elementos que, juntos, compõem a riqueza da cidade.

Dessa maneira, a vitalidade e diversidade surgem como elementos primordiais para garantir a efetiva utilização do espaço público, abrangendo a variedade de funções e a heterogeneidade de seus usuários. Espaços públicos de qualidade atraem uma ampla diversidade de pessoas, sendo frequentemente utilizados ao longo do dia e da noite, especialmente quando combinam áreas de circulação e permanência. Essa qualidade é potencializada pela arquitetura, que convida as pessoas a permanecerem no local e diminuïrem a velocidade do tráfego.

A configuração apropriada do espaço urbano não apenas facilita a mobilidade e a interação dos cidadãos, mas também promove a integração social, particularmente quando as pessoas estão inseridas em grupos de referência próximos, como comunidades de bairro, grupos etários e étnicos.

Os espaços públicos surgem como elementos cruciais neste caso. Para que sejam totalmente vivenciados e aproveitados pela comunidade, é imprescindível que atraiam pessoas de diferentes vizinhanças e com propósitos diversos. Caso contrário, esses espaços serão utilizados de forma esporádica, comprometendo a sua função de fomentar a interação e a coesão social. Assim, o refinamento de suas qualidades estéticas, espaciais e formais pode intensificar as relações sociais e o sentimento de pertencimento ao local, potencializando a vitalidade e diversidade da cidade.

**Figura 8 - La Defense, Paris**



**Fonte: Archdaily, 2016**

**Figura 9 - Praça do Coreto, São Luís do Paraitinga**



**Fonte: Archdaily, Bárbara Bonetto, 2017**

Logo, a dinâmica urbana está intrinsecamente conectada à capacidade da cidade de gerar e sustentar diversidade. Esta diversidade é alimentada pela

interação entre as pessoas, pela riqueza dos pequenos elementos que compõem a paisagem urbana e pela eficácia dos espaços públicos em atrair e integrar diferentes segmentos da população. Estes aspectos são fundamentais para o enriquecimento da vida urbana e para a qualidade do espaço construído, reforçando a importância da diversidade como agente organizador e vitalizador da urbe.

### 2.2.2 Apropriação e interação com o espaço

Ao interpretar os textos de Lefebvre (2006)<sup>2</sup>, entende-se o conceito de apropriação do espaço como práticas corporais no espaço público que não alteram seu significado inicial. O conceito desponta como uma lente analítica fundamental para entender a complexa relação entre os usuários e o ambiente construído. Esta relação se estabelece através de uma interação recíproca, na qual os usuários atuam proativamente para configurar os espaços de acordo com suas necessidades, desejos e contexto social. Enquanto os lugares se mostram receptivos às ações e influências desses usuários. Tal interação é crucial para que indivíduos e grupos identifiquem e estabeleçam sua identidade nos diversos contextos urbanos em que habitam.

A interação entre o usuário e o ambiente construído na apropriação do espaço assume uma relevância primordial. Essa dinâmica é composta por aspectos tanto subjetivos quanto objetivos que incidem sobre as sensações corporais experimentadas no espaço. A dimensão subjetiva está inerentemente ligada à relação afetiva das pessoas com os objetos funcionais, sendo influenciada pelos modelos culturais predominantes e manifestando-se nos usos, costumes e modas que orientam a estruturação do espaço e conferem um caráter específico à distribuição espacial dos objetos.

Contrastando com essa subjetividade, a dimensão objetiva da interação se relaciona com as sensações corporais vivenciadas na interação entre o usuário, o espaço e os objetos. Esta dimensão é permeada pela subjetividade, uma vez que a distinção entre o objeto/símbolo e o objeto/significado não pode ser claramente estabelecida ao analisá-lo no contexto do uso.

---

<sup>2</sup> LEFEBVRE, Henri. A produção do espaço. Trad. Doralice Barros Pereira e Sérgio Martins (do original: *La production de l'espace*. 4ª ed. Paris: Éditions Anthropos, 2000). 2006 [1974].

A ambiência, portanto, é um conceito que encapsula estas duas dimensões, subjetiva e objetiva. Refere-se à qualidade do ambiente urbano construído, que é constantemente reconstruída pelas vivências que nele se reproduzem. É na configuração do espaço construído que o ser humano pode se identificar e se apropriar do mesmo, em sintonia com sua envolvente territorial. A ambiência é também profundamente influenciada pelos fatores culturais, sociais e econômicos, sendo revelada e moldada no processo dinâmico de apropriação do espaço.

### **2.3 Afetos e arquitetura: a relação entre sentidos e sentimentos**

O afeto se manifesta como uma experiência dinâmica que entrelaça estados emocionais e físicos, estabelecendo uma relação contínua de mudança e interdependência. Essa dinâmica é bidirecional: assim como a cidade influencia as emoções e os sentidos das pessoas, contribuindo para a construção da memória e identidade urbanas, as pessoas também influenciam as cidades por meio de suas diversas formas de apropriação espacial, reconfigurando e atribuindo novos significados aos espaços urbanos. Considerando o afeto como uma dimensão dialógica, tanto o corpo humano quanto o espaço urbano são influenciados.

Na filosofia de Espinosa (1992, p. 49-94), o afeto é descrito como uma variação na potência de agir, ou seja, o aumento ou diminuição de um desejo, sendo percebido simultaneamente no corpo e na mente. E na psicologia, de modo geral, o afeto ou afetividade é tratado como uma dimensão psicológica baseada nas emoções e sentimentos do ser. Assim, tanto a filosofia quanto a psicologia estão em consonância ao afirmar que o afeto é uma percepção mental avaliativa, relacionada a um sentimento ou emoção, originada pelo contato com o outro. Ao transitar pela cidade, o corpo se depara com uma variedade de interações com o ambiente circundante.

A cidade é um organismo vivo em constante transformação, influenciado pelas interações e ações de seus habitantes. Assim como o corpo humano, que está em contínuo movimento e mudança, a cidade está sujeita a reconfigurações, especialmente quando ocorrem usos imprevistos e apropriações do espaço público. Os usos imprevistos desafiam as convenções do planejamento urbano e as políticas de regulação estatal, instaurando novas formas de vivência e experiência urbanas. Por outro lado, as apropriações do espaço urbano são consolidadas como hábitos

cotidianos, rituais festivos ou costumes específicos de um lugar. Enquanto os usos imprevistos operam na esfera da 'surpresa', as apropriações estão relacionadas à continuidade e à repetição.

**Figura 10 - Festival de inverno, Memorial de Curitiba**



**Fonte: Hélio Oliveira, 2017**

Além disso, ao analisar a teoria da arquiteta e urbanista Paola Jacques (2003, p. 117-139) é possível introduzir o conceito de "errâncias urbanas". Onde a autora descreve uma vivência da cidade mediada pelo ato de "perder-se" intencionalmente. Dessa forma, ocorre a exploração e compreensão espaciais mais profundas, culminando em uma percepção mais apurada do ambiente urbano. Ao percorrer a cidade, os sentidos se mantêm em estado de alerta, prontos para o prazer e proteção, o que implica em que a experiência urbana seja vivenciada de forma intensa através da visão, olfato, audição e sensações táteis. Essa sensorialidade intensa influencia significativamente a maneira como se compreende e apropria-se do espaço urbano.

A relação entre a cidade e o corpo humano está intrínseca e mutuamente conectada. A experiência sensorial é integrada por meio do corpo, e a teoria psicanalítica introduz a noção de imagem corporal como centro dessa integração. As pessoas interagem constantemente com o ambiente, e essa interação contínua redefine tanto o mundo quanto a individualidade humana. Assim, não há um corpo separado de seu ambiente ou identidade perceptiva.

A arquitetura é concebida como uma extensão da natureza no contexto humano, fornecendo bases para a percepção e compreensão do mundo. Mais do que um artefato isolado, a arquitetura direciona a atenção e a experiência humana

para horizontes mais amplos. De acordo com o psicólogo James J. Gibson (1977, p.33), a experiência arquitetônica é multissensorial, envolvendo os cinco sistemas definidos: sistema visual, sistema auditivo, sistema palato-olfativo, sistema de orientação básica e sistema tátil. Segundo Bachelard (1988, p.06), essa interação constante entre os sistemas sensoriais é chamada de “polifonia dos sentidos”. Estes desempenham um papel crucial na experiência humana e na apreciação arquitetônica, fornecendo informações para o intelecto e estimulando a imaginação, articulando o pensamento sensorial. Portanto, além de coletar dados sensoriais do ambiente, os sentidos também têm a capacidade de estimular a imaginação e facilitar a articulação do pensamento baseado nessas percepções sensoriais.

Ao definir os sistemas sensoriais existentes no corpo humano, Pallasmaa (2011, p.39-63) observa que todos os sentidos são complementares ao tato. Quando o sistema visual é desvinculado do tato, não se consegue compreender plenamente conceitos fundamentais como a profundidade. O tato proporciona sensações essenciais para a interpretação visual da materialidade e da localização dos objetos no espaço, além de ser o sentido da aproximação, sem ele não é possível compreender o gestalt dos corpos materiais. Ao passo que o sistema visual é classificado como analítico e investigativo, deve ser tratado como complemento ao tato. Em momentos de maior precisão sensorial, geralmente a visão é barrada. A escuridão convida o ser humano a utilizar a imaginação.

Embora a audição não seja percebida como um dos principais sentidos do ser humano por ser considerada passiva e receptiva, é nela que surge a capacidade de se envolver com o espaço interno e com todo o entorno. O som é capaz de produzir representação mental através de experiências vividas anteriormente, desse modo, nota-se o poder que este sistema tem em moldar a percepção e compreensão de um espaço. Uma vivência arquitetônica profundamente significativa induz a um estado de solidão e silêncio. Independentemente da presença de um grande número de indivíduos ou de ruídos externos, a magnitude da experiência arquitetônica estabelece um espaço interno de quietude e introspecção para o sujeito.

“O silêncio da arquitetura é um silêncio afável e memorável. Uma experiência poderosa de arquitetura silencia todo ruído externo; ela foca nossa direção e nossa própria existência, e, como se dá com qualquer forma de arte, nos torna cientes de nossa solidão original.” (PALLASMAA, 2011, p.49).

O sistema palato-olfativo é o que mais pode provocar lembranças e sensações passadas, visto que, a memória olfativa tende a ser guardada mais efetivamente do que todas as outras. Aromas podem evocar uma variedade de emoções, memórias e imagens, criando uma experiência sensorial única e memorável, podendo levar para diferentes momentos, lugares e estados de espírito, transformando a simples atividade de caminhar pela cidade em uma jornada sensorial rica e evocativa. Além disso, um dos sistemas sensoriais mais importantes no início da vida é o paladar, é ele que fornece ao bebê as primeiras experiências conectadas aos outros sentidos. Ao colocar uma superfície na boca, a criança consegue sentir o gosto, a textura e o cheiro simultaneamente. Assim como as cores chamativas de um brinquedo a influenciam a colocá-lo na boca na intenção de explorá-lo sensorialmente. Logo, o contato mediado pelo paladar e pelo olfato, estabelece as bases para as futuras experiências sensoriais e afetivas com o espaço urbano.

O espaço urbano é, portanto, um acervo de memórias, sentimentos e experiências, esculpido e reconfigurado pelas interações diárias de seus habitantes. Dessa forma, ao explorar a relação entre afetos, sentidos e arquitetura, é possível compreender o espaço urbano não apenas como um espaço físico, mas como um lugar de significado.

### 2.3.1 O espaço e o lugar

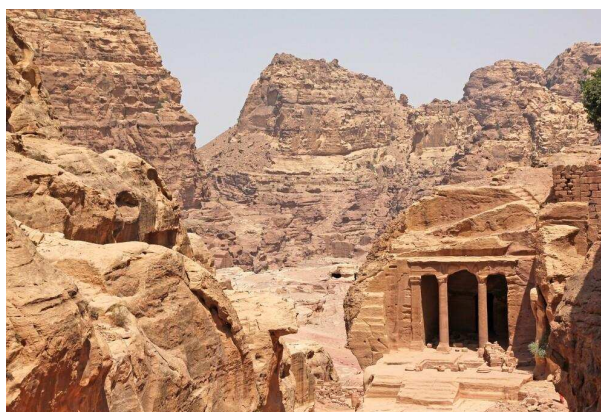
O conceito de espaço é multifacetado, e sua interpretação varia significativamente de acordo com a disciplina em questão. Na matemática, o espaço é definido como a área delimitada entre mais de dois pontos. Entretanto, nas áreas da psicologia e da arquitetura, o conceito de espaço adquire nuances mais complexas e relacionadas à percepção e experiência humana. Cavalcante e Nóbrega (2011, p.182) ampliam a definição matemática ao argumentar que “o espaço é matéria caracterizada por sua exterioridade em relação ao indivíduo. Logo, é neutro, já que não se atribui a ele significado”.

Por outro lado, Norberg (1976, p. 449) conceitua o espaço como estruturante do lugar: “o espaço configura-se pela organização tridimensional dos elementos que compõem um lugar, e o caráter denomina a atmosfera geral que é a propriedade mais abrangente do lugar”. A partir dessas perspectivas, é possível estabelecer uma

relação entre os conceitos de espaço e lugar. Conforme a psicologia analisa, o lugar é entendido como o espaço dotado de identidade. O valor de um lugar é construído através das vivências e sentimentos que o indivíduo associa a ele, ultrapassando a mera concepção do espaço matemático. O texto de Norberg (1976, p.448) reforça essa visão ao afirmar que o lugar é um conceito “que, de acordo com as circunstâncias locais, possui uma identidade peculiar”.

Genius loci é um conceito romano. Na Roma antiga, acreditava-se que todo ser “independente” possuía um *genius*, um espírito guardião. Esse espírito dá vida às pessoas e aos lugares, acompanha-os do nascimento à morte, e determina seu caráter ou essência. Até os deuses tinham seus *genius*, o que bem ilustra a natureza fundamental do conceito. (NORBERG, 1976, p.454)

**Figura 11 - Petra, Jordânia.**



**Fonte: Federica Leone, [s.d.]**

O lugar é, então, configurado como a expressão de propriedades concretas, manifestadas na objetividade e visibilidade do espaço, divididas em duas categorias: primárias e secundárias.<sup>3</sup> Para fins desta análise, as propriedades primárias assumem maior relevância, referindo-se à relação entre os espaços internos e externos e a maneira como esse espaço se integra ao entorno, criando a sensação de pertencimento e conexão com o ambiente circundante.

Assim, de acordo com Norberg (1976, p.456), a construção de uma base de apoio existencial sólida para o homem exige duas funções psicológicas intrínsecas:

---

<sup>3</sup> As propriedades secundárias compreendem três aspectos fundamentais: a centralização, que atua como foco em relação ao seu entorno; a direção, que orienta a percepção e atenção no ambiente, delineando caminhos claros; e a organização dos elementos, responsável por estabelecer fluxos e harmonia espacial.

a capacidade de se orientar fisicamente no espaço e de compreender o espaço que ocupa, denominada "orientação", e a habilidade de se conectar emocionalmente e psicologicamente com o caráter específico do ambiente em que está inserido, referida como "identificação". Logo, para que o sentimento de pertencimento esteja presente na experiência humana, diversas culturas têm desenvolvido "sistemas de orientação". Estes sistemas são estruturas espaciais concebidas para facilitar a formação de uma imagem ambiental adequada, seja por meio de pontos focais, regiões ou caminhos, buscando assim estabelecer uma harmonia entre o indivíduo e o ambiente que habita.

A transformação do lugar surge da interação entre pessoa-ambiente. Esse processo, além de físico, ocorre também em um nível psicológico, envolvendo a percepção e a vivência, e em um nível emocional, por meio do apego e envolvimento com o lugar. A conexão entre os elementos pode ser tão significativa que é capaz de definir a identidade do próprio indivíduo. “Por isso, é possível dizer que o corpo é receptáculo de lugares, assim como também é lugar em relação à grandiosidade do mundo.” (CAVALCANTE; NÓBREGA, 2011, p. 187).

Portanto, entender a origem de um lugar é fundamental para a compreensão da natureza da relação humana com o ambiente em diferentes níveis. O lugar pode ser concebido não apenas como um espaço físico, mas também como um espaço de significado, memória e identidade, mesmo quando sua existência física já não se faz mais presente.

### 2.3.2 A poética da memória

A poética da memória conectada à arquitetura se revela na intersecção entre a forma como a mente organiza e percebe os espaços e a influência profunda dos sentimentos e memórias individuais nesse processo. A percepção e a recordação dos espaços arquitetônicos constituem experiências profundamente pessoais e emotivas, muitas vezes ancoradas em sensações e emoções que transcendem a forma e a função.

O movimento corporal apresenta-se como o instante em que o indivíduo se habilita a perceber e dialogar com o entorno. Essa interação é primordial para a formação de memórias, tanto individuais quanto coletivas, enriquecidas pelos afetos, sentimentos e emoções vinculados às experiências vivenciadas.

“O corpo não é uma mera entidade física; ele é enriquecido pela memória e pelos sonhos, pelo passado e pelo futuro. Edward S. Casey chega a afirmar que nossa capacidade de memória seria impossível sem uma memória corporal. O mundo é refletido no corpo, e o corpo é projetado no mundo. Lembramo-nos por meio de nosso corpo, bem como de nosso sistema nervoso e nosso cérebro.” (PALLASMAA, 2011, p.43)

As cidades se configuram como espaços que incorporam e expressam essas memórias e narrativas, registrando as particularidades de cada período e cultura. Estas histórias não apenas influenciam o imaginário coletivo, mas também moldam a identidade de lugar dos indivíduos. Dessa maneira, a cidade pode assumir comportamentos específicos e transformar-se em um símbolo de identidade coletiva, sublinhando a relevância da memória e da história na edificação e na representação do espaço urbano.

Peter Zumthor (2006)<sup>4</sup> explora essa conexão íntima entre espaço e memória, empregando o termo "imagem" para descrever a arquitetura como a criação de atmosferas. Estas atmosferas são moldadas pela sua experiência singular com o local específico em que está agindo, assim como suas vivências em outros lugares e as imagens intrinsecamente ligadas à cultura arquitetônica.

**Figura 12 - O retiro secular, Peter Zumthor. Reino Unido**



**Fonte: Jack Hobhouse, [s.d.]**

Zumthor identifica nove elementos inter-relacionados na criação de uma atmosfera. Primeiramente, o "corpo da arquitetura" é a estrutura física e a forma do edifício, que atua como o invólucro que preserva o interior. Em seguida, a temperatura do ambiente, tanto física quanto psíquica, pode ser transmitida pelos

---

<sup>4</sup> ZUMTHOR, Peter. Atmosferas. Editorial Gustavo Gili, Barcelona. 2006.

elementos dispostos no lugar. E a consonância dos materiais utilizados, que proporciona uma diversidade de composições através das texturas dos materiais, sendo todas relacionadas às sensações táteis humanas. O som do espaço, funcionando como um instrumento capaz de transmitir e ecoar sons, está ligado à audição. E a luz que incide sobre os ambientes é fundamental na criação de uma experiência arquitetônica rica e significativa, relacionada à visão. Além disso, as questões que oscilam entre serenidade e sedução, a tensão entre interior e exterior e os degraus da intimidade são temas que não estão diretamente ligados à memória do lugar, mas contribuem para a complexidade e profundidade da experiência arquitetônica.

Zumthor trabalha a memória arquitetônica, incorporando elementos do passado para criar espaços que carregam uma sensação histórica e estabelecem uma conexão profunda com a cultura do lugar. Para o autor, a arquitetura vai além da simples função e forma, e criar espaços conectados emocionalmente com os indivíduos pode ebulir uma sensação de continuidade e pertencimento através do tempo.

Dessa forma, a poética da memória na arquitetura reside na capacidade de evocar emoções, lembranças e sensações através do design, transformando espaços físicos em lugares carregados de significado, história e identidade, de modo profundamente humano e afetivo. Assim, o ambiente construído é capaz de produzir memórias afetivas através da criação artística e arquitetônica que se entrelaçam para formar um diálogo contínuo entre passado, presente e futuro, enriquecendo a experiência humana.

## **2.4 Arte e arquitetura: o espaço cultural ativo**

No contexto histórico, as artes visuais emergiram primordialmente com um enfoque no valor ao culto, frequentemente associado a aspectos religiosos ou rituais. Mesmo com a transição para uma função mais expositiva, as obras de arte muitas vezes permaneciam confinadas em coleções privadas, não estando amplamente acessíveis ao público em geral até épocas mais contemporâneas. Entretanto, com o advento do capitalismo e o surgimento de novas modalidades de mídia e instituições culturais, como a fotografia, cinema e museus, observou-se uma tendência crescente da arte em dirigir-se às massas, ampliando seu alcance e

acessibilidade. Além disso, ao longo do século XX, ocorreu uma transformação significativa no papel desempenhado pelo público na configuração e evolução das artes, sinalizando a democratização e a participação mais ativa na cultura visual e arquitetônica contemporâneas. Argan (2005)<sup>5</sup> argumenta que para reconhecer um objeto de arte, é imprescindível situá-lo em seu contexto histórico. Através desse reconhecimento, torna-se viável compreender a história da cultura que o influenciou, estabelecendo assim uma relação entre o sujeito, a obra de arte e a cultura em questão.

Já a arquitetura se destaca das demais artes visuais por sua natureza essencialmente pública. A função primordial da arquitetura é proporcionar abrigo e espaços para interação e vivências cidadinas. A fachada de um edifício desempenha um papel fundamental ao manifestar visualmente suas funções e propósitos sociais, estabelecendo uma relação direta com o espaço público, evidenciando a identidade e contribuição para a comunidade. Assim, ao analisar os edifícios, especialmente os de caráter público, percebe-se claramente a influência de suas funções específicas, sejam elas religiosas, políticas, residenciais, hospitalares ou culturais.

**Figura 13 - Igreja Notre Dame, França.**



**Fonte: Livro Entender a arquitetura, Leland M. Roth, 2017**

Os museus desencadearam uma transformação na forma como a arte era apresentada, estabelecendo um novo paradigma de interação com o público. Com essa evolução, surgiram os centros culturais como uma variante contemporânea dos museus tradicionais. Estes se caracterizam por possuir um acervo mais fluido,

---

<sup>5</sup> ARGAN, Giulio C. História da arte como história da cidade. 5ª edição, São Paulo, Martins Fontes, 2005.

centrando-se em exposições e eventos efêmeros que promovem a rotatividade e dinamismo, ampliando o acesso da população à arte e à cultura. Contudo, é imprescindível ressaltar que quando a oferta cultural se restringe a espetáculos desprovidos de conteúdo e qualidade expositiva, passa-se, então, a representar a fragilidade desse sistema cultural contemporâneo.

O surgimento dos espaços culturais ativos pode ser rastreado na década de 1960, quando o então Ministro da Cultura da França, André Malraux, introduziu um novo paradigma de equipamento cultural: as Maisons de la Culture. Estes espaços multidisciplinares foram idealizados para promover o encontro com a arte, proporcionar experiências estéticas, fomentar a sociabilização e incentivar a vivência comunitária.

“Os grandes centros culturais em grandes centros urbanos que surgem na década de 1970 e 1980 são assim versões atualizadas e aprimoradas das Maisons de la Culture.” (GROSSMANN, 2011, p. 206.). Estes espaços culturais, além de fomentar a sociabilidade, promovem a participação ativa do espectador na concepção do espaço e da obra. Dessa forma, os lugares adquiriram uma relevância ímpar, tornando-se peças emblemáticas e representativas da sociedade contemporânea.

Os centros culturais passaram a ser considerados como elementos essenciais no contexto do desenvolvimento social e cultural das áreas urbanas. Além de desempenharem um papel crucial no estímulo ao turismo urbano e exercerem uma atração significativa sobre visitantes provenientes de outras regiões ou países, estes espaços enriquecem a vida cultural da comunidade local e servem como catalisadores da promoção da cultura e das artes.

“Hoje, eles representam grandes centros de vivência, democracia e coletividade, e são importantes fontes de educação, informação e entretenimento para o público. Além disso, estão impregnados por uma carga simbólica que se refere à ideia dicotômica de progresso e tradição cultural.” (ALVES, 2013, p. 61).

#### 2.4.1 Arte, cidade e arquitetura

Durante o processo de industrialização, o conceito *Arts & Crafts* ganhou destaque ao defender a revalorização do artesanato e das técnicas tradicionais de

produção como uma crítica à civilização industrial em desenvolvimento. William Morris foi figura central nesse movimento, ampliando o conceito de arquitetura para além da simples construção de edifícios. O designer propôs uma abordagem holística que envolvesse todos os aspectos do ambiente construído e dos objetos de uso cotidiano, acreditando que a arte deveria ser uma parte inerente à vida diária, enriquecendo o ambiente e melhorando a qualidade de vida dos indivíduos. Assim, a relação entre arte e vida, no contexto do movimento *Arts & Crafts*, se expressa na busca por uma integração mais profunda e significativa da arte no cotidiano, promovendo uma abordagem mais humanizada e sustentável para a arquitetura e o design.

O manifesto de fundação da Bauhaus em 1919, estabeleceu a ideia de um trabalho conjunto entre diferentes profissionais, colocando a arquitetura no centro desse processo. A arquitetura foi concebida para além da forma de construção, mas como um símbolo de uma nova espiritualidade universal, buscando a reunificação das disciplinas artísticas em uma grande construção coletiva. “A cooperação entre as artes é proposta a partir do canteiro, onde arquitetos, escultores e pintores trabalhariam em conjunto com marceneiros, pedreiros, carpinteiros para a criação de uma obra coletiva”. (FERNANDES, 2016, p. 04). Esse conceito busca representar a união entre arte e política, demonstrando como a prática artística pode influenciar e refletir mudanças sociais e ideológicas mais amplas.

No contexto pós-guerra, esses valores, ligados à noção de pertencimento, ainda eram fortes na arquitetura e foram ampliados para os centros cívicos, estabelecendo uma relação entre os espaços urbanos e a vida social. E, atualmente, o setor cultural desempenha um papel crucial no desenvolvimento econômico e na qualidade de vida de uma cidade. Elementos como patrimônio histórico, arquitetura de qualidade e a presença de artistas passaram a ser vistos como indicadores da qualidade de vida e fatores de competição urbanística.

“(…) todavia uma cidade não é apenas produto das técnicas de construção. As técnicas da madeira, do metal, da tecelagem, etc. também concorrem para determinar a realidade visível da cidade, ou melhor, para visualizar os diferentes existenciais da cidade” (ARGAN, p. 75, 2005).

A arte pública também desempenha um papel fundamental na humanização desses ambientes. Por exemplo, o uso de murais na arquitetura, explorados por

seus efeitos tanto no espaço físico quanto psíquico humano, tornaram-se soluções recorrentes para a integração das artes e a relação entre arte, arquitetura e ambiente urbano. Além de que, uma nova concepção de monumentalidade cívica surgiu da colaboração entre paisagistas, pintores, escultores, arquitetos e urbanistas, enfatizando a ideia de monumento como um marco de referência urbana.

A arte urbana assume um papel preponderante na análise da dinâmica entre o indivíduo e o espaço público urbano, abordando as complexidades das relações sociais e os conflitos característicos desses ambientes. Esta arte serve como um reflexo das contradições, tensões e hierarquias de poder presentes no contexto urbano contemporâneo, englobando temáticas relacionadas à identidade, gênero e cultura. “Não apenas a arquitetura, mas também o espaço urbano são objetos de denúncia do artista.” (WISNIK, 2018, p.181). Portanto, a arte urbana está diretamente ligada às condições de cidadania e democracia no espaço urbano.

**Figura 14 - Evolução das Artes Cênicas, Poty Lazzarotto. Curitiba**



**Fonte: Macaxeira, 2015.**

Para a caracterização dos centros cívicos, observa-se os aspectos da arquitetura moderna que deveriam ser incorporados nos edifícios públicos. O tema da integração das artes maiores, proposto por Le Corbusier, torna-se fundamental na constituição dos centros cívicos para a comunidade, evocando uma arte pública acessível a todos. Neste sentido, os centros culturais assumem a função de cartões de visita de diversas cidades, que construíram uma imagem renovada e atrativa com base em edifícios culturais de arquiteturas monumentais. Dessa forma, o centro

cultural manifesta-se como um porta-voz da cultura da cidade, sendo também o local da espontaneidade, diversidade e vida social cotidiana.

#### 2.4.2 O centro de bairro como articulador da identidade e pertencimento

“Define-se a ação cultural como o processo de criação ou organização das condições necessárias para que as pessoas e grupos inventem seus próprios fins no universo da cultura” (COELHO, 1997, p. 32). Este conceito transcende a conexão entre o indivíduo e a obra de arte, sendo compreendida como uma oportunidade para as pessoas se aproximarem mutuamente, encontrando objetivos comuns por meio da invenção e compartilhamento de interesses e propósitos culturais.

A ação cultural distingue-se em três momentos: no primeiro estágio, a ênfase recai sobre a valorização da obra de arte como **patrimônio**, uma prática que remonta os mosteiros medievais e que se desenvolveu com a popularização dos museus, onde o foco principal é a preservação da obra de arte, seja em sua forma original ou por meio da organização e agrupamento de coleções.

O segundo estágio manifesta-se nas primeiras décadas do século XX, quando países que se voltaram mais diretamente para a educação e cultura da classe trabalhadora, passaram a buscar condições para que as obras culturais fossem **compreendidas e apreciadas** por toda a comunidade, promovendo assim maior democratização do acesso à cultura.

E o terceiro estágio da ação cultural, iniciado na década de 1960, é caracterizado por uma **mudança de foco do coletivo para o indivíduo**. O objetivo é proporcionar estruturas que permitam ao indivíduo usufruir da mesma fruição que o criador de arte. Dessa forma, a ação cultural capacita as pessoas a compreender e dominar os mecanismos da expressão cultural, possibilitando que elas se expressem de forma autônoma em diversos aspectos da vida social, indo além de estabelecer relações entre as pessoas e as obras de cultura. "Experimentar a arte consiste em um diálogo particular entre a obra e a pessoa que a sente e percebe e exclui todas as outras interações." (PALLASMAA, 2008, p. 489).

A ação cultural é compreendida como a construção da identidade comunitária que possibilita ao indivíduo reconhecer-se como um ser cultural, inserido em um espaço e tempo determinados, estabelecendo vínculos efetivos com seu entorno. Desse modo, o centro cultural desempenha um papel crucial ao se

relacionar com a comunidade e os acontecimentos locais, estando atento às necessidades coletivas e às formulações culturais características do mundo contemporâneo.

Conforme Teixeira Coelho (1986)<sup>6</sup>, o centro cultural deve incorporar as ações como trabalho de criação e estimular a produção de bens culturais por meio de oficinas, cursos e laboratórios, além de investir na formação artística e na educação estética. Por outro lado, Milanesi (1997)<sup>7</sup> propõe que os três principais verbos a serem conjugados em um centro cultural são: informar, discutir e criar. O primeiro termo, informar, refere-se à garantia de acesso à informação para todo o público. Inicialmente, o autor destaca a importância dos livros, mas ressalta que, se o índice de analfabetismo na comunidade for elevado, outros meios, como vídeos e palestras, tornam-se essenciais. Milanesi (1997, p.174) enfatiza que “é um círculo vicioso: não há desenvolvimento porque não há conhecimento e não há conhecimento porque não existem recursos para organizá-lo e disseminá-lo de acordo com as necessidades”. O acesso à informação é essencial para garantir os direitos dos indivíduos e promover o desenvolvimento da cidadania.

O segundo termo, discutir, desenvolve-se a partir da sensibilidade daquele que é responsável pelo espaço de informação. Ele é quem cria oportunidades para discussões, críticas e reflexões acerca dos temas atuais do cotidiano local e global. O objetivo do centro cultural é maximizar o valor e a utilidade das informações disponíveis, tornando-as acessíveis, compreensíveis e aplicáveis para diferentes fins e contextos por meio da discussão. Segundo Milanesi (1997, p. 180), “sem ela, as pessoas estarão inexoravelmente submersas nas respostas prontas, previamente dadas pelo contexto social”. O valor de um espaço cultural é medido pelas discussões nele realizadas.

O terceiro termo, criar, refere-se à materialização da informação e da discussão. A criação permanente é o objetivo principal do centro cultural, e essa materialização pode ocorrer em todas as formas de arte, como teatro, música, escultura e declamação de poemas. “Ou há criatividade ou não existe ação cultural” (MILANESI, 1997, p.181). O meio social estimula a criatividade por meio da captação e interpretação das ações rotineiras da cidade. Assim, o centro cultural tem como objetivo principal captar assuntos de interesse da comunidade e

---

<sup>6</sup> COELHO, Teixeira. Usos da cultura: políticas de ação cultural. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

<sup>7</sup> MILANESI, Luíz. A casa da invenção: bibliotecas, centro de cultura. São Paulo: Ateliê, 2003.

transformá-los em ações nas quais o público é protagonista, possibilitando que as atividades propostas nesse espaço modifiquem o cotidiano urbano.

O centro de bairro, portanto, é um espaço dedicado à promoção e fomento das práticas culturais, reunindo atividades que englobam criação, reflexão e apreciação artística. Mais do que meros locais de lazer, esses centros são concebidos como núcleos dinâmicos de ação cultural, estimulando a interação e o encontro criativo entre as pessoas. Seu propósito vai além da simples fruição artística; eles atuam como agentes de alento à inovação e à reflexão. A ação cultural dentro desses espaços é entendida como um processo contínuo e fluido, sem fronteiras claras entre início e fim, priorizando uma constante sequência de atividades em detrimento de resultados formais e acabados.

### **3. ESTUDOS DE CASO**

Neste capítulo, serão explorados três estudos referenciais relacionados ao tema do trabalho, com o objetivo de realizar uma análise aprofundada dos projetos e sua capacidade de proporcionar aos visitantes uma experiência sensorial que promova o sentimento de pertencimento e conforto, baseado em memórias e raízes cultivadas nos espaços. Estes lugares desempenham um papel crucial na formação das identidades e culturas humanas.

Portanto, ao examinar os projetos criados com o propósito de fomentar a interação comunitária, estabelecendo vínculos e fortalecendo a conexão entre o indivíduo e a cidade por meio da arquitetura, serão apresentados o contexto urbano e as ideias para a concepção do centro de bairro.

#### **3.1 Centro Cultural PILARES Eduardo Galeano - Rozana Montiel | Estudio Arquitectura**

A Cidade do México, como a capital mais antiga das Américas, possui uma história arquitetônica rica e complexa. Esta história é marcada durante os séculos por grandes conflitos entre os astecas e os espanhóis, que resultaram na destruição das construções dos povos originários e as transformaram em ruínas. Após mais de 300 anos sob o domínio da Espanha, através das lutas que foram travadas pelo país, os mexicanos retomaram a independência em 1810.

Atualmente, a cidade possui 16 demarcações territoriais e o centro cultural projetado por Rozana Montiel Estudio de Arquitectura está localizado na Colônia Presidentes do México, em Iztapalapa, ao leste da capital mexicana. Situado em uma região com baixo nível socioeconômico e elevados índices de violência, o edifício ocupa um terreno de esquina acentuada entre as ruas Canal Pedro Vélez e Vicente Guerrero, onde uma praça arborizada constitui a entrada, delineada por uma sequência aberta de colunas que convida os indivíduos a adentrar e ocupar o lugar.

**Figura 15 - Entrada e entorno imediato**

**Fonte: Sandra Pereznieto, 2022**

O entorno imediato é caracterizado por edifícios de baixo gabarito com, no máximo, três pavimentos, poucos espaços arborizados e escassez de equipamentos públicos. Em uma quadra ao sul da edificação há uma avenida onde encontram-se três pontos de ônibus que podem ser utilizados para chegar ao centro cultural. A rua adjacente, Canal Pedro Vélez, é frequentemente utilizada para feiras.

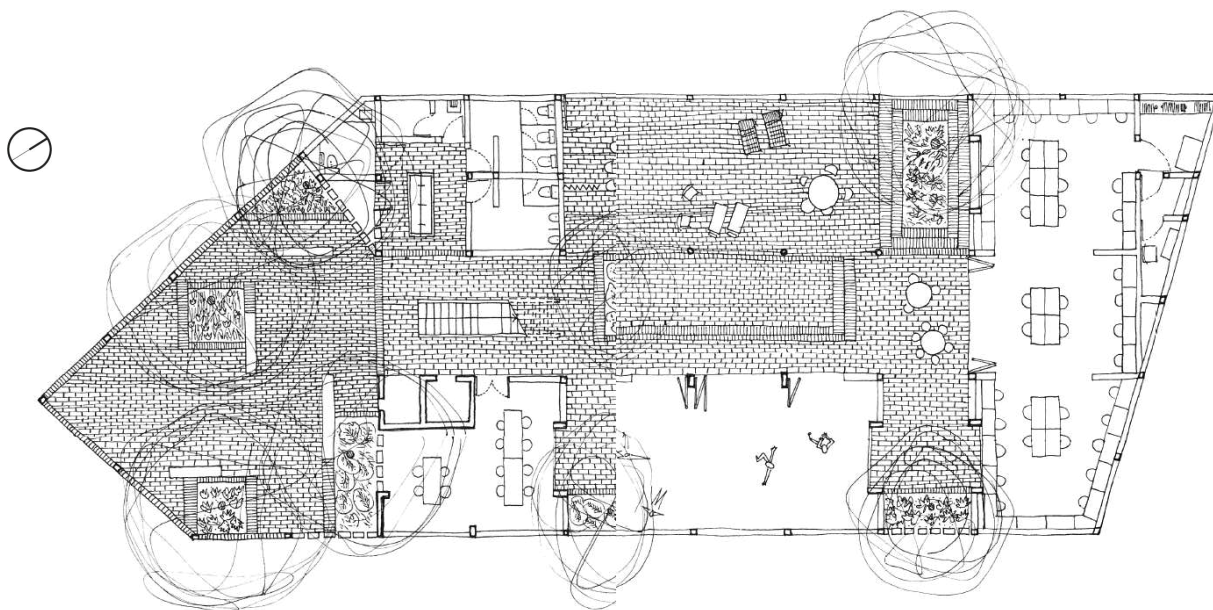
**Figura 16 - Entorno imediato do Centro Cultural PILARES, Cidade do México**

**Fonte: Rozana Montiel Estudio Arquitectura, 2022**

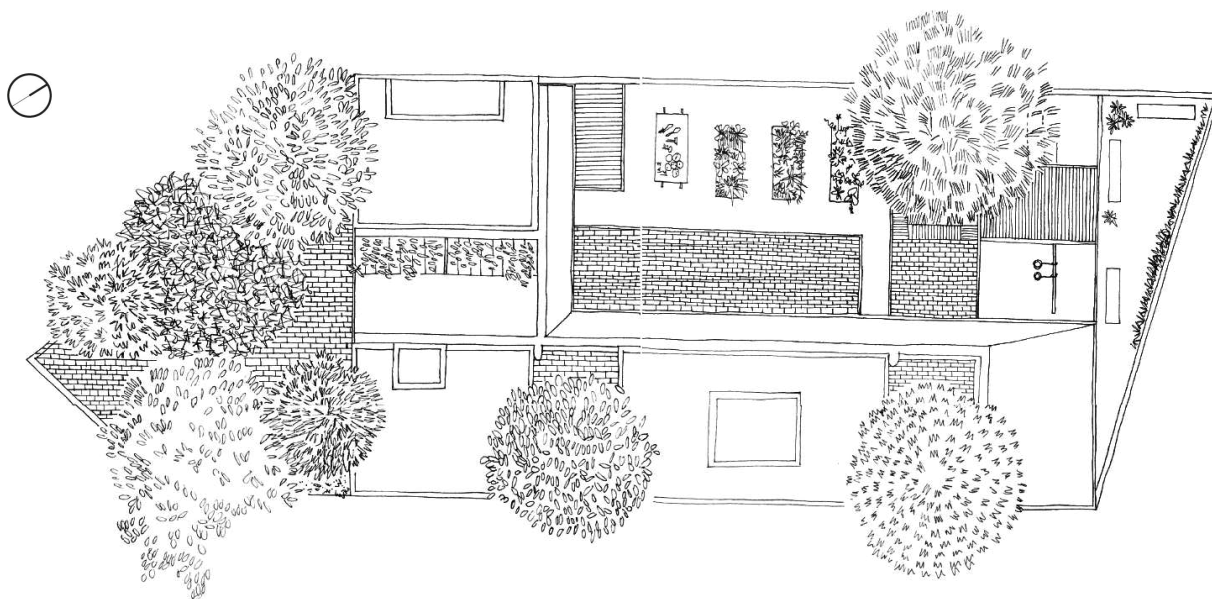
Os PILARES, ou Pontos de Inovação, Liberdade, Arte, Educação e Saberes, são pequenos centros comunitários projetados para oferecer infraestrutura social, educacional e cultural aos habitantes da Cidade do México. Esta iniciativa, promovida pelo Prefeito da Cidade do México, visa proporcionar acesso à tecnologia, educação e espaços de convívio para os moradores locais. Está prevista a construção de mais de 250 PILARES em toda a Cidade do México.

O projeto analisado oferece uma área total de 710m<sup>2</sup> distribuídos em dois pavimentos. O edifício apresenta um bloco retangular com áreas abertas de formas irregulares e um pátio central descoberto. Internamente, uma variedade de espaços foi planejada para atender às necessidades da comunidade, incluindo uma ciberescola, oficinas de arte e artesanato (serigrafia, joalheria, soldagem e gastronomia), salas de dança, yoga e práticas corporais, horta, salas de empreendedorismo e capacitação profissional, e instalações esportivas.

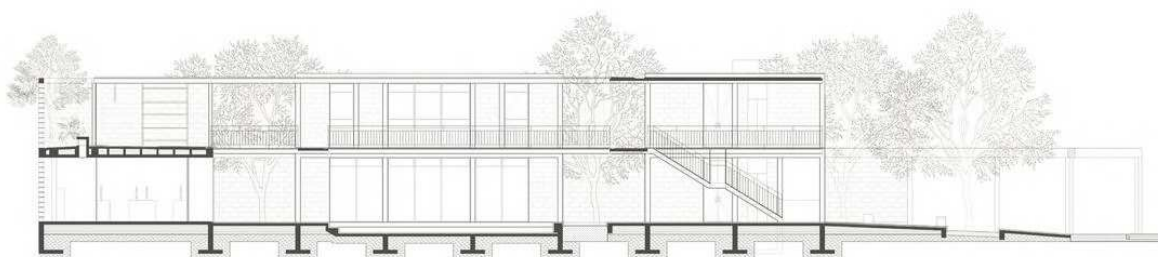
**Figura 17 - Planta baixa pavimento térreo**



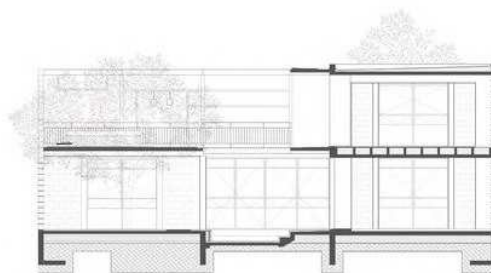
**Fonte: Rozana Montiel Estudio Arquitectura, 2022**

**Figura 18 - Planta baixa pavimento superior**

Fonte: Rozana Montiel Estudio Arquitectura, 2022

**Figura 19 - Corte longitudinal**

Fonte: Rozana Montiel Estudio Arquitectura, 2022

**Figura 20 - Corte transversal**

Fonte: Rozana Montiel Estudio Arquitectura, 2022

Os materiais selecionados para a construção, como blocos estriados, placas de concreto pré-fabricadas em tom malva e perfis de aço, proporcionam um jogo de luz e sombra, enquanto blocos de concreto são empregados para criar superfícies vazadas e variações de textura na pavimentação, conferindo uma sensação de leveza ao ambiente. O uso de um grid de 10 x 7 módulos regulares foi adotado para garantir uma organização espacial eficiente.

**Figura 21 - Entrada do Centro Cultural**



**Fonte: Sandra Pereznieto, 2022**

O programa arquitetônico distribui fluxos para os fóruns e salões em dois andares interligados por um elevador, pátios ajardinados, escadas e corredores em estrutura metálica. Essa sequência de espaços mantém sua conexão com o exterior, permitindo que algumas áreas se abram ou fechem completamente graças a um sistema de divisórias adaptáveis feitas de vidro. As salas que circundam o pátio possuem diversas utilidades, incluindo oficinas, laboratório de informática, academia, estúdio de dança e espaços para reuniões.

**Figura 22 - Pátio central com atividades culturais**

**Fonte: Sandra Pereznieto, 2022**

No térreo, um dos maiores estúdios fica à esquerda do pátio central, abrindo-se para ele através de altas portas pivotantes de vidro. À direita, há um pátio aberto e coberto que pode ser utilizado de diversas maneiras, incluindo a colocação de cadeiras para que se forme uma plateia voltada para os espaços de dança (ver Fig. 23). Uma passagem coberta leva ao centro do edifício, onde um pátio multifuncional acolhe a comunidade, podendo ser utilizado de diversas maneiras devido à sua ligeira depressão, que permite que funcione como um fórum, banco ou ponto de encontro.

Com salas internas de tamanho confortável para a execução das atividades propostas e com a circulação interna adequada, trata-se de um projeto que respeita a escala humana. Marcado por cores claras, uma abordagem delicada e paisagismo singelo, contribui para a criação de um ambiente acolhedor e convidativo.

**Figura 23 - Pátio central com atividades culturais**



**Fonte: Sandra Pereznieto, 2022**

**Figura 24 - Crianças no pavimento superior**

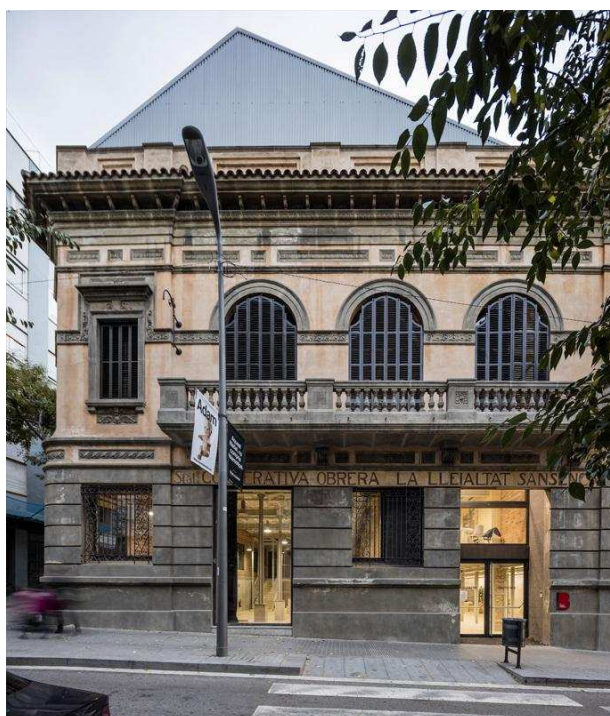


**Fonte: Sandra Pereznieto, 2022**

### 3.2 Centre cívic Lleialtat Santsenca 1214 - HARQUITECTES

A Lleialtat Santsenca teve sua origem como uma cooperativa fundada em outubro de 1894, durante um período em que Sants era uma cidade independente de Barcelona. Inicialmente, o prédio abrigava uma mercearia no subsolo e um escritório com um café no piso superior. Em 1927, foi inaugurado um novo edifício de dois andares, projetado pelo arquiteto Josep Alemany. O acesso principal era pela rua Olzinelles 31, o térreo abrigava a mercearia, o armazém e o forno de pão, enquanto o piso principal era ocupado pelo café, sala de reuniões, teatro, secretaria, pequeno ginásio e biblioteca. Na década de 1950, a cooperativa encerrou suas atividades e deu lugar a uma fábrica de torrone no térreo e um salão de festas no primeiro andar. Em 1988, o espaço foi fechado pela Câmara Municipal e permaneceu abandonado até 2006, quando foi temporariamente ocupado pelo “l’Espai Alliberat per la Cultura”. A atual Lleialtat foi inaugurada em janeiro de 2018, após um longo processo de lutas e reivindicações coletivas, e agora opera como um equipamento municipal de gestão comunitária no bairro de Sants, dedicado à explorar a relação entre memória e movimentos sociais e usá-la como elemento de dinamismo social.

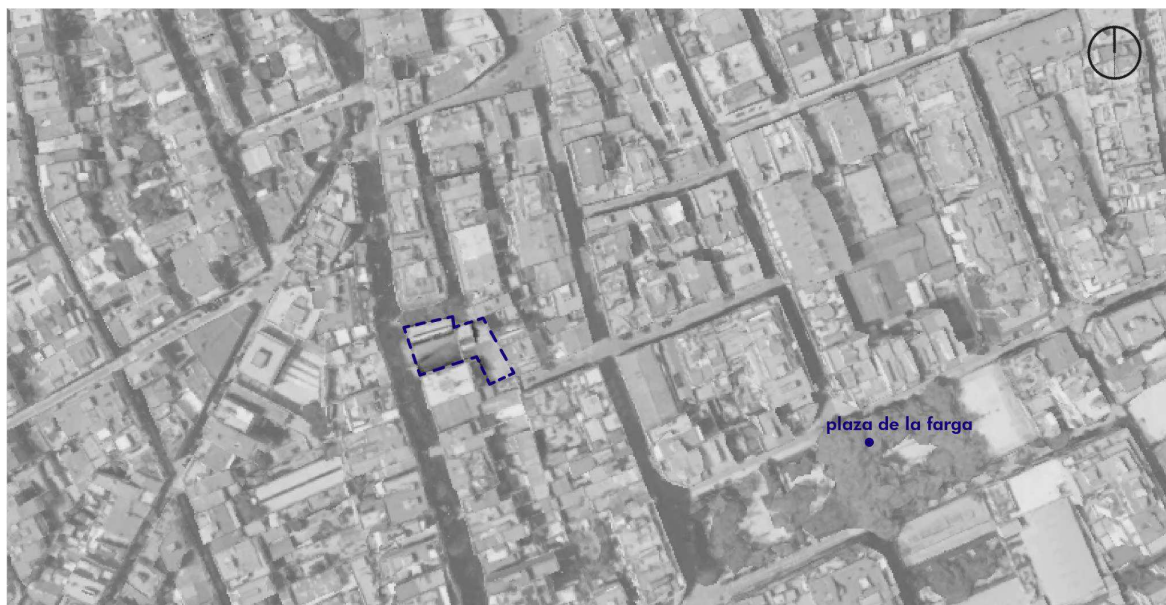
**Figura 25 - Fachada Lleialtat Santsenca, Barcelona. Espanha.**



Fonte: Adrià Goula, 2017

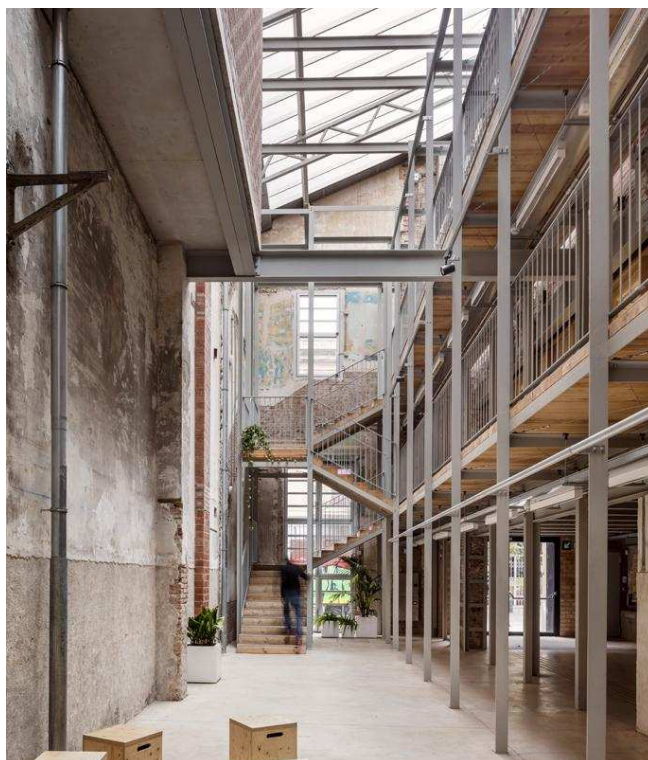
O edifício está situado na região Sudoeste da cidade de Barcelona, no bairro de Sants. Este setor caracteriza-se por uma predominância de áreas residenciais, com um gabarito médio dos edifícios em torno de dez pavimentos. No entanto, nas proximidades da Lleiatal Santsenca, o limite máximo de altura dos edifícios é de seis pavimentos.

**Figura 26 - Mapa do entorno**



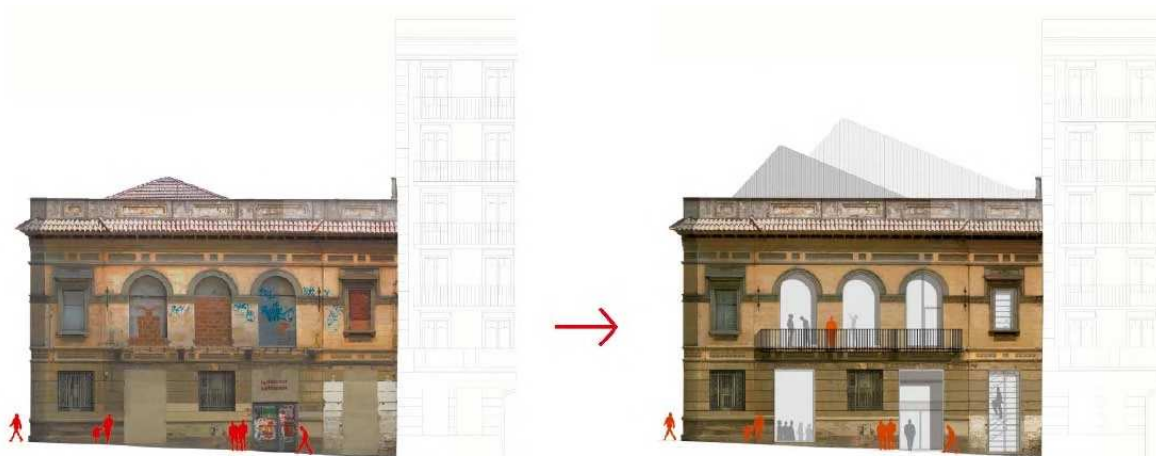
**Fonte: Autoria própria com base no Google Earth, 2024**

O projeto é delimitado por três condicionantes primordiais: o reconhecimento do valor histórico da Lleiatal Santsenca, a avaliação minuciosa do estado físico do edifício a ser conservado, e a consideração do processo colaborativo iniciado em 2009 pelas organizações de bairro para a recuperação do edifício. Os objetivos primários consistem em maximizar o aproveitamento dos elementos originais, estabelecer uma estratégia de intervenção que oriente as ações essenciais, tanto conservadoras quanto progressistas, visando a recuperação e a ampliação das possíveis utilizações de todos esses espaços, estabelecer um diálogo profundo com o contexto circundante e, por fim, desenvolver uma proposta sustentável, tanto no que diz respeito às intervenções existentes quanto às novas intervenções.

**Figura 27 - Pátio interno átrio**

Fonte: Adrià Goula, 2017

Com uma área total de 1750 m<sup>2</sup> distribuídos em quatro pavimentos, o projeto abrange tanto a restauração quanto a ampliação do edifício.

**Figura 28 - Restauro de fachada**

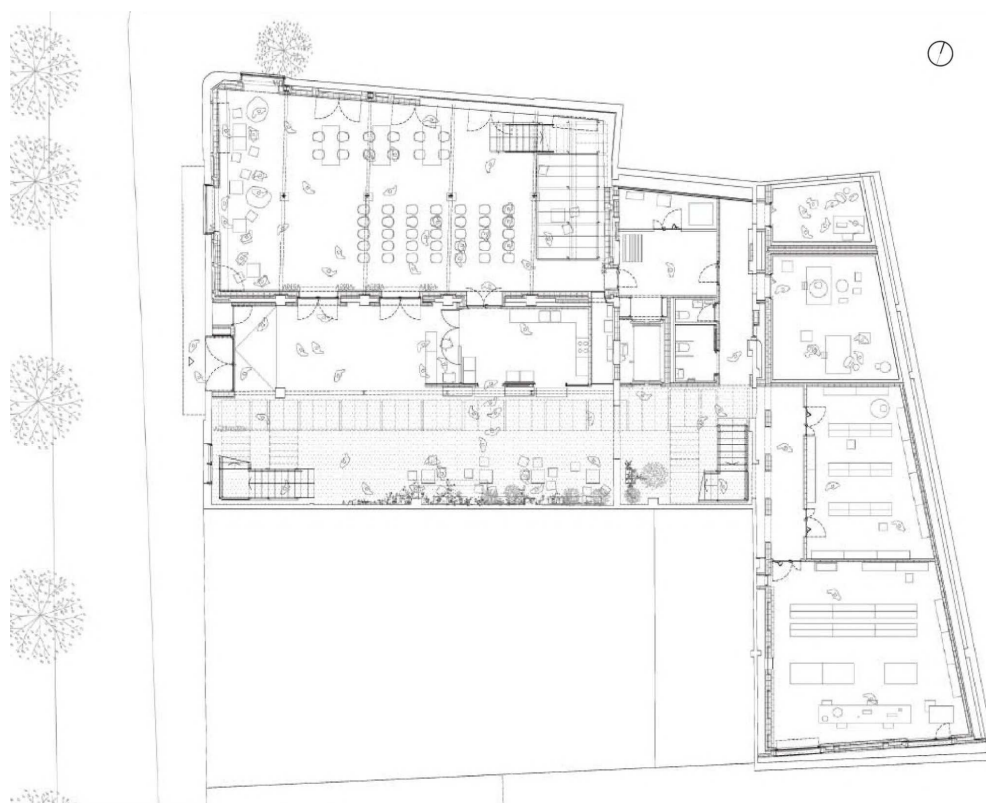
C/ Olzinelles Olzinelles st.

Fonte: HARQUITECTES, 2017

Os edifícios consistem em três volumes: o principal, localizado nas ruas Olzinelles e Altafulla, compreende dois salões principais - uma antiga loja no térreo e

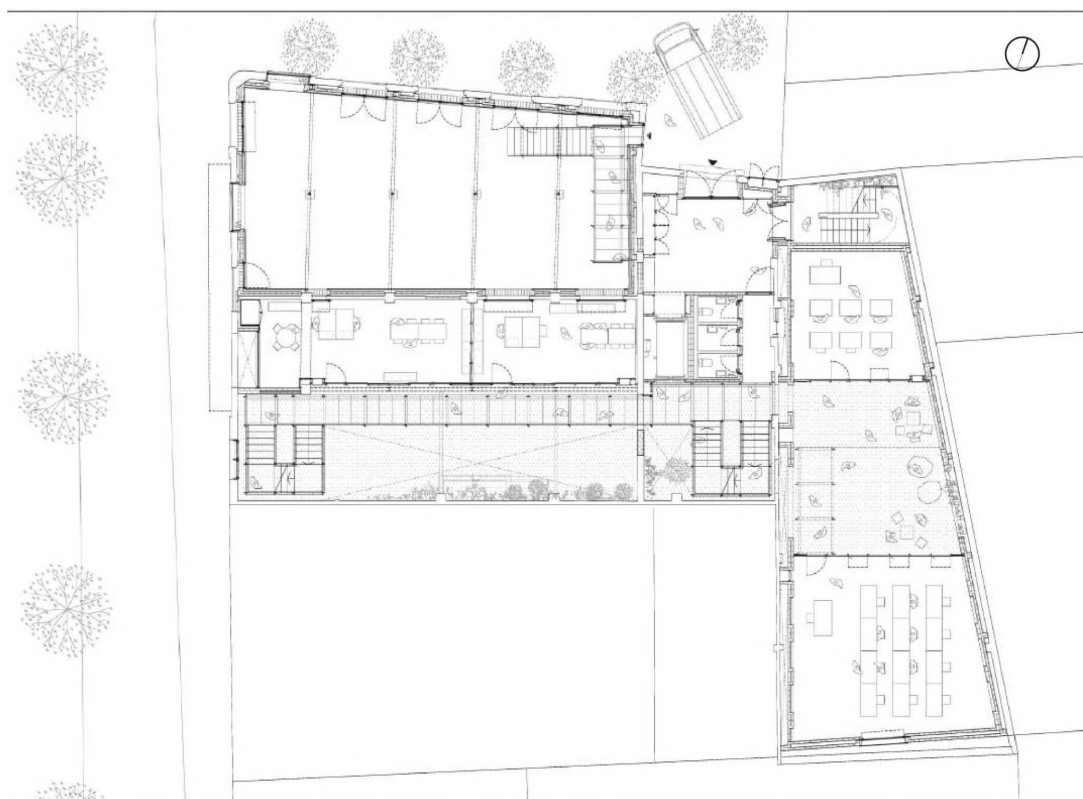
um átrio no primeiro andar; o segundo, acessível pela rua Altafulla; e o terceiro, situado internamente em formato de L, sem acesso direto pela rua. As deficientes condições de higiene nas construções remanescentes, aliadas à sua má conexão, motivaram a proposição de um amplo vazio longitudinal, unindo os três volumes e seus respectivos espaços, tanto novos quanto antigos, em uma progressão gradual do mais público ao mais privado.

**Figura 29 - Planta do pavimento térreo**



**Fonte: HARQUITECTES, 2017**

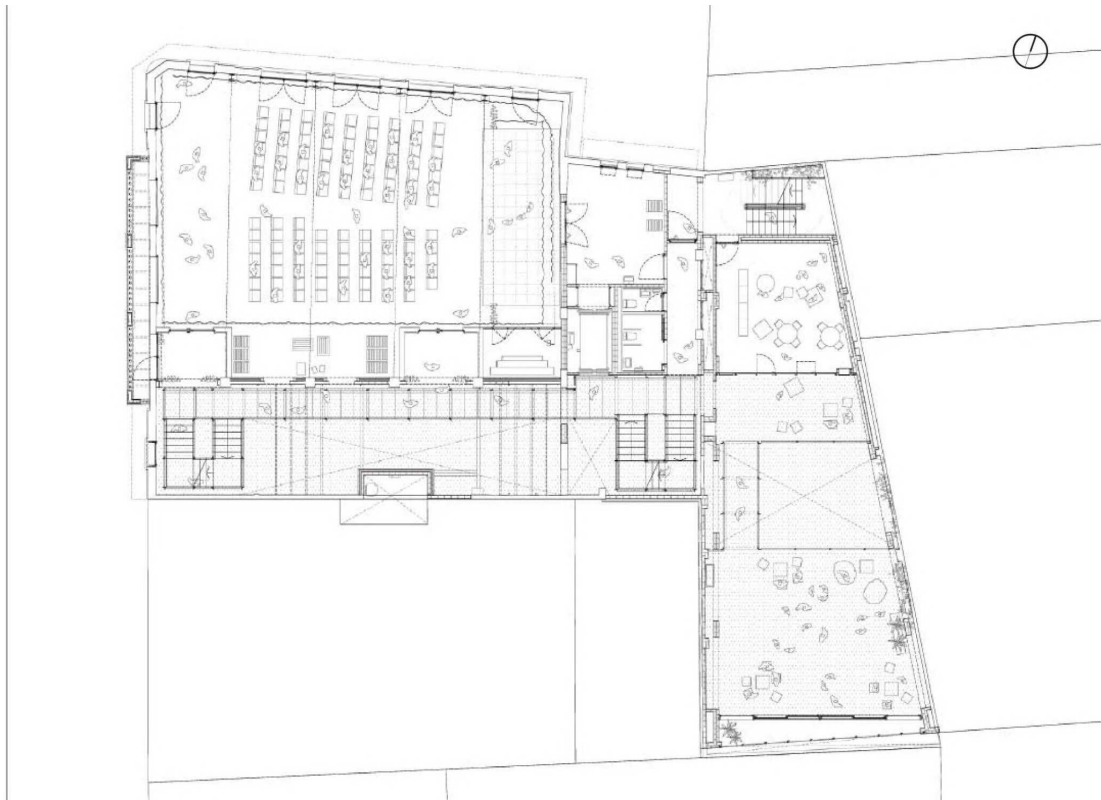
Esse vazio resulta da demolição completa da linha central, configurando uma espécie de rua interior, especialmente realçada no segundo volume estrutural pela expansão do poço de luz existente. Por fim, situado atrás do último volume estrutural, um espaço triplo adjacente ao vazio dos dois volumes anteriores conclui a sequência. A sucessão de vazios forma um átrio delimitado por "novas" fachadas opostas às paredes existentes, revelando vestígios da história do edifício. As paredes laterais foram mantidas e reforçadas com vigas metálicas. O tijolo vazado aparente é usado para cobrir aberturas originais desnecessárias e a madeira é utilizada em áreas que necessitam de isolamento.

**Figura 30 - Planta do primeiro pavimento**

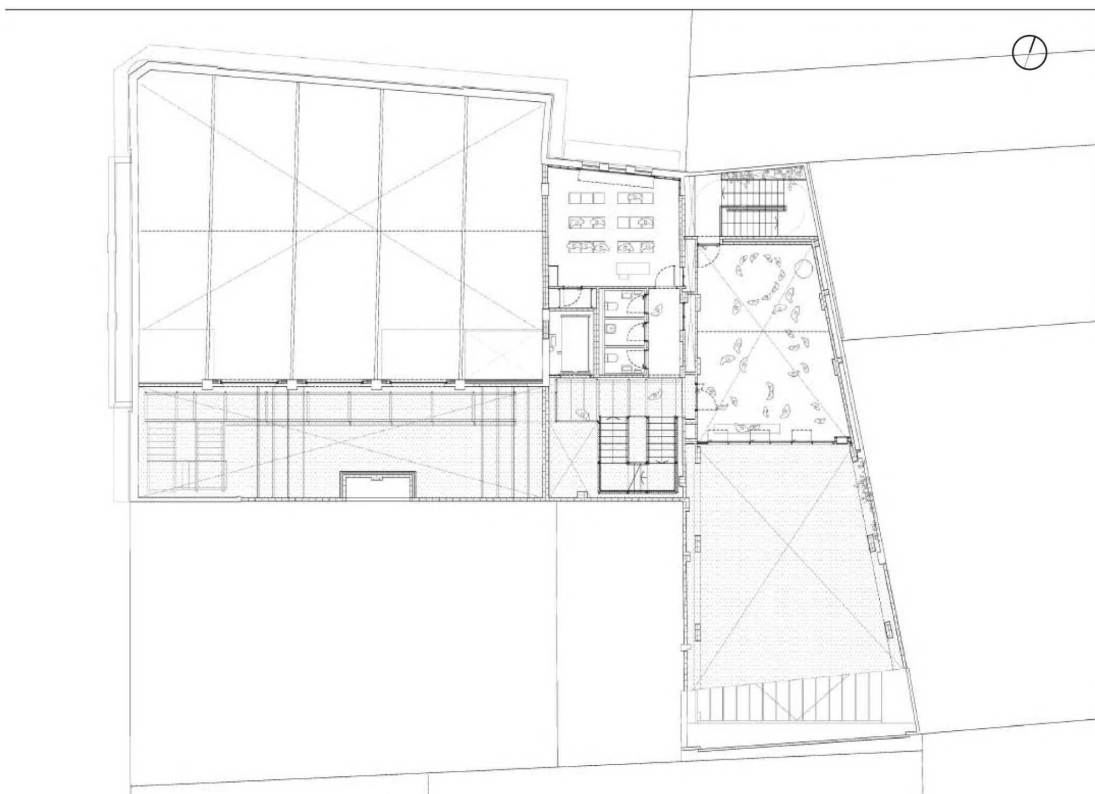
**Fonte: HARQUITECTES, 2017**

Este átrio proporciona luz e ar a todos os espaços, tornando-se o eixo das circulações horizontais e verticais, oferecendo novas possibilidades de uso para programas inesperados. Quatro núcleos de circulação exclusivamente compostos por escadas estão presentes: o primeiro que conecta todos os pavimentos, o segundo que conduz do térreo ao primeiro pavimento, um terceiro que leva do térreo ao terceiro pavimento e um último que percorre do primeiro pavimento até o último.

O projeto dispõe de espaços para reuniões de pequeno, médio e grande formato, intervenções artísticas de pequeno formato, exposições, espaços para uso de computadores, atividades de formação, dinâmicas de grupo, palestras e apresentações de pequeno e médio formato, auditório e sala de atividades de movimento.

**Figura 31 - Planta do segundo pavimento**

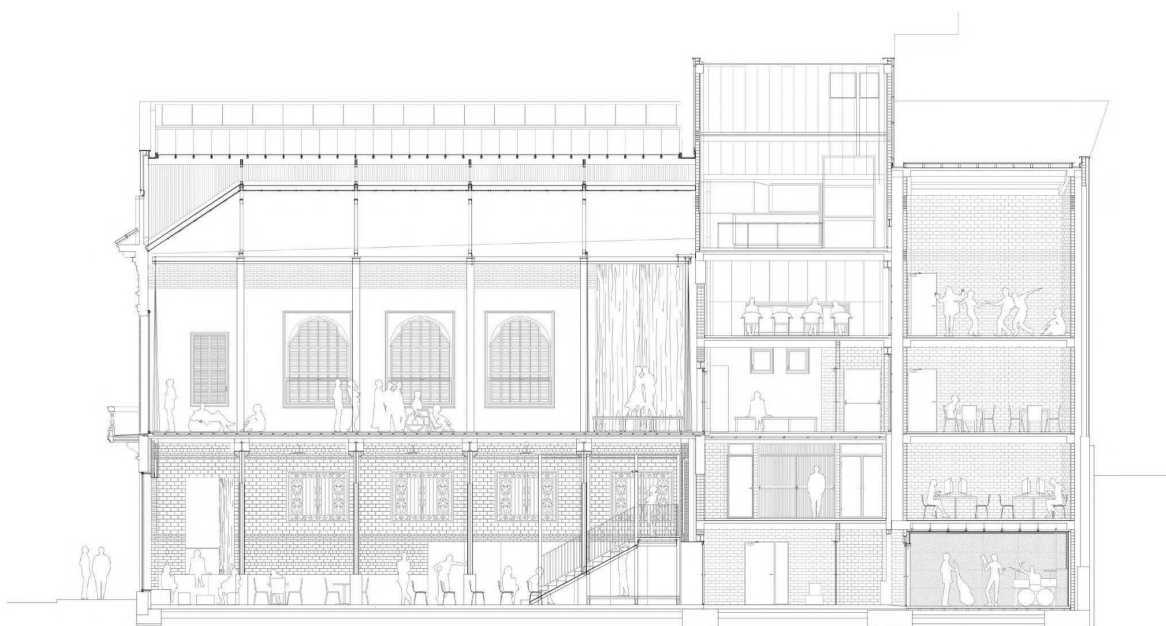
Fonte: HARQUITECTES, 2017

**Figura 32 - Planta do terceiro pavimento**

Fonte: HARQUITECTES, 2017

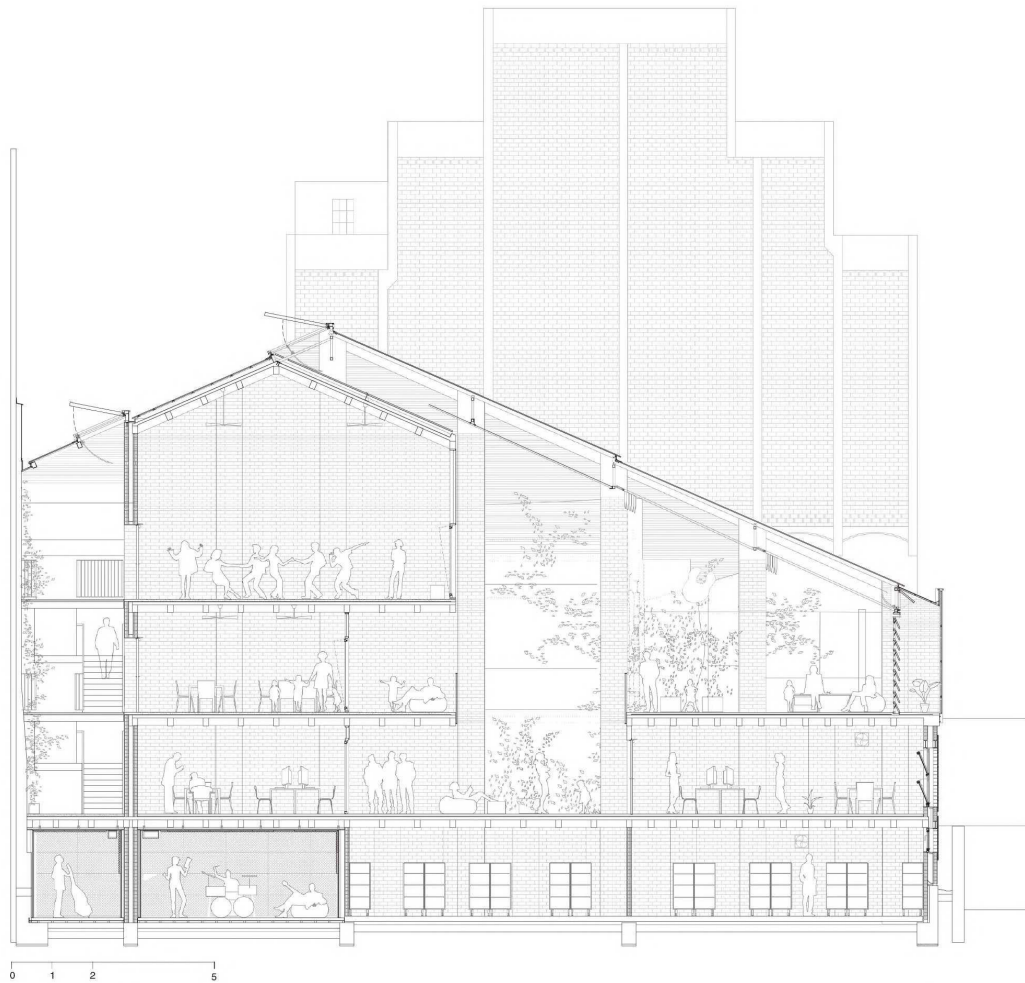
As coberturas pré-existentes não foram passíveis de aproveitamento, mantendo-se apenas as treliças do salão principal. A nova cobertura integra-se de forma volumétrica aos três corpos estruturais. São em três telhados de duas águas, compostos por policarbonato celular voltados ao sul e chapa isolante voltada ao norte, suportados por uma estrutura metálica. Estas coberturas proporcionam iluminação e ventilação ao átrio, com janelas nos pontos mais altos para promover a ventilação natural.

**Figura 33 - Corte longitudinal**

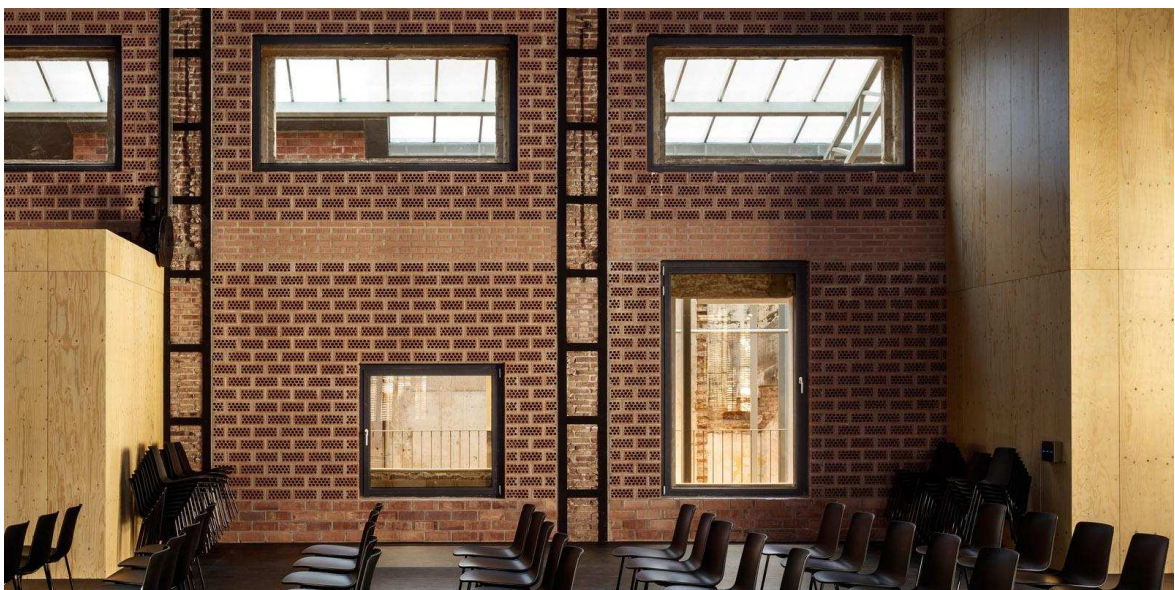


**Fonte: HARQUITECTES, 2017**

Inspirado no Teatro Oficina de Lina Bo Bardi, o Atrium foi concebido como um espaço intermediário bioclimatizado, que é capaz de estruturar todo o fluxo de circulação através de um conjunto de passarelas e escadas, evocando a imagem característica dos andaimes de construção. O edifício foi projetado para alcançar uma autonomia climática, operando por meio de estratégias passivas. Adicionalmente, a presença de três telhados leves possibilita a entrada de iluminação natural e facilita o processo de ventilação, contribuindo para o conforto ambiental do espaço.

**Figura 34 - Corte transversal**

Fonte: HARQUITECTES, 2017

**Figura 35 - Auditório**

Fonte: HARQUITECTES, 2017

### 3.3 Centro Cultural Lá da Favelinha - Coletivo LEVANTE

O centro cultural Lá da Favelinha foi estabelecido em 2015 como uma iniciativa independente liderada pelo artista Kdu dos Anjos. Inicialmente concebido como uma oficina de rap e uma biblioteca comunitária, o projeto ganhou impulso com o apoio dos moradores locais, evoluindo para um centro cultural situado na Vila Novo São Lucas, no Aglomerado da Serra, em Belo Horizonte. O coletivo LEVANTE, responsável pelo projeto, foca seus esforços em favelas e periferias, e para incentivar trabalhadores locais, incorporou ao Lá da Favelinha móveis fabricados com materiais recicláveis.

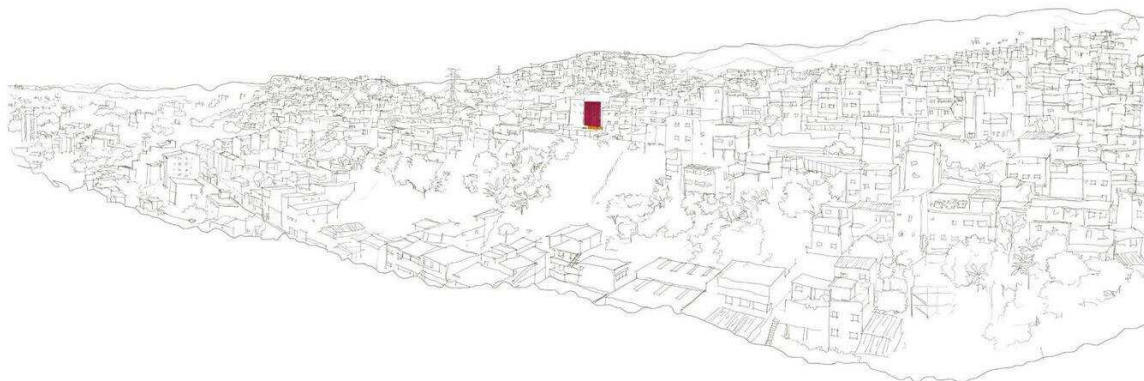
**Figura 36 - Mapa de localização Lá da Favelinha**



**Fonte: Autoria própria, baseado em imagens do Google Earth, 2024**

O projeto foi laureado com os prêmios de Arquitetura do Instituto Tomie Ohtake AkzoNobel e de Arquitetura do Instituto de Arquitetos do Brasil Departamento Minas Gerais (IAB MG) em 2021, além de receber a Premiação de Arquitetura do Instituto de Arquitetos do Brasil Departamento Nacional (IAB BR) em 2022.

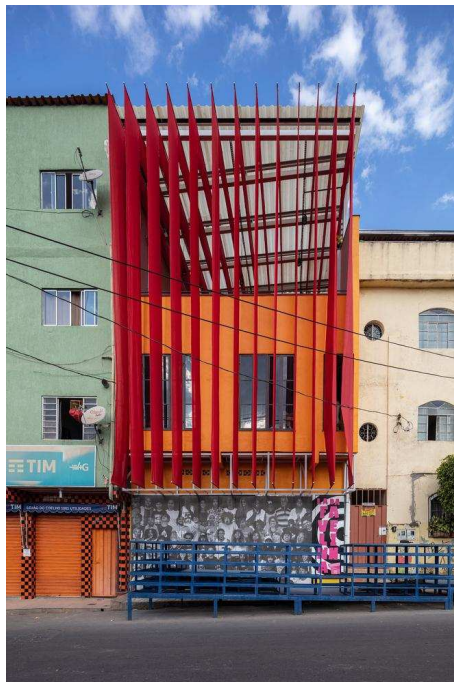
**Figura 37 - Croqui ilustrativo da fachada com entorno**



**Fonte: Coletivo LEVANTE, 2021**

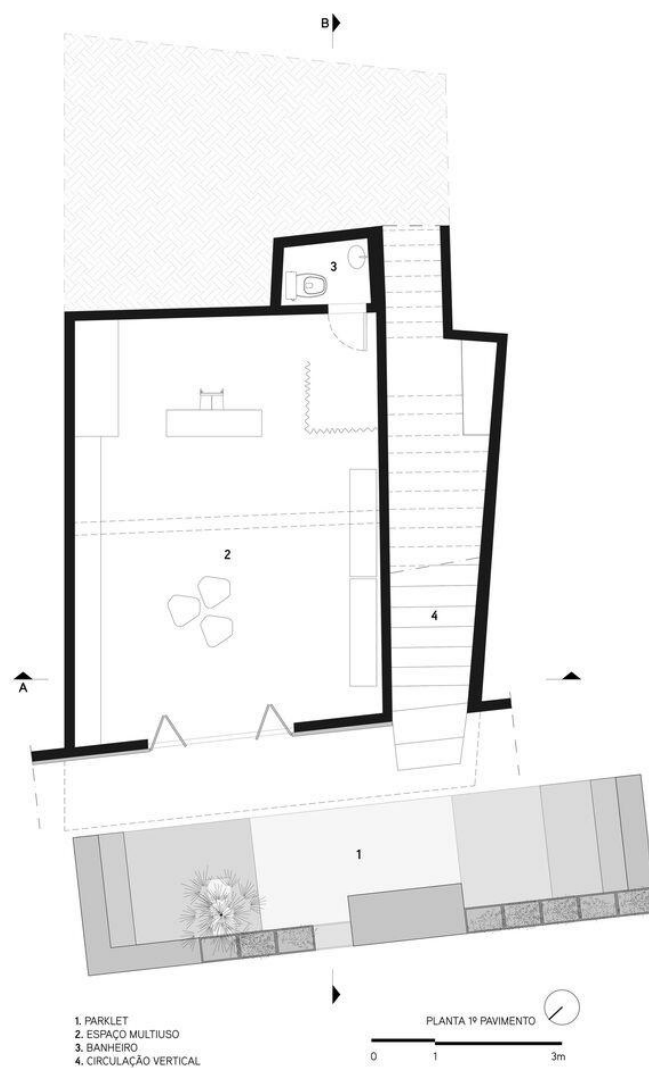
O edifício, que ocupa integralmente o terreno, possui três pavimentos totalizando 194,73 m<sup>2</sup> de área construída. A construção original começou em 1995 e foi concluída pelo coletivo LEVANTE em 2017, com a participação de profissionais voluntários residentes no Aglomerado da Serra.

**Figura 38 - Fachada do Centro Cultural Lá da Favelinha**



**Fonte: Archdaily, 2021**

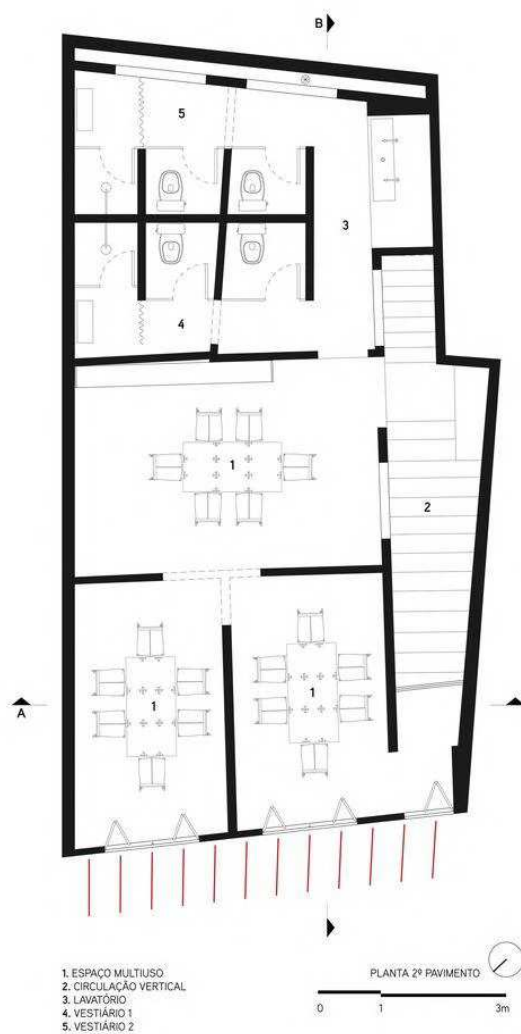
No primeiro andar do centro cultural funciona uma loja que comercializa produtos fabricados na favela.

**Figura 39 - Planta do primeiro pavimento**

**Fonte: Coletivo LEVANTE, 2021**

O segundo andar abriga aulas de línguas, música, escrita, costura, além da administração empreendedora e profissional do centro.

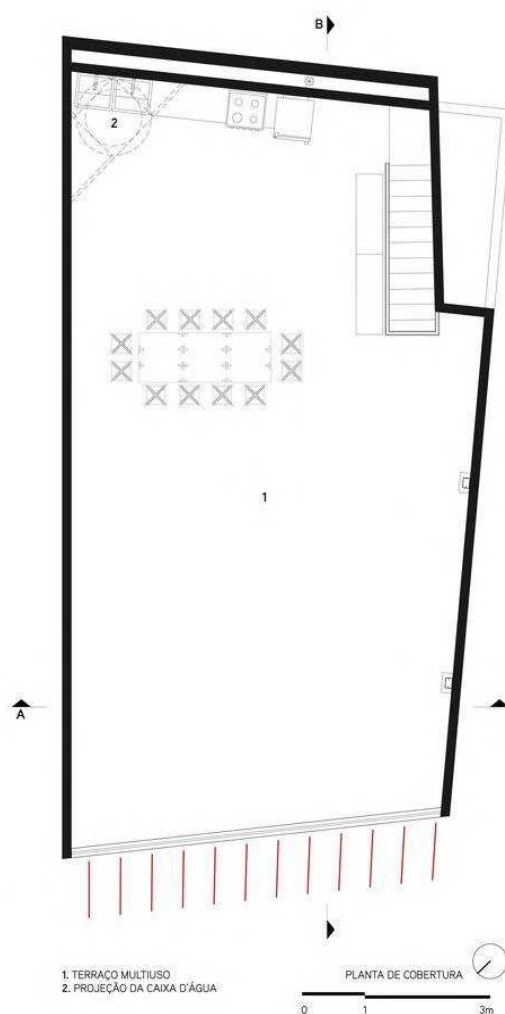
Figura 40 - Planta do segundo pavimento



Fonte: Coletivo LEVANTE, 2021

No terraço, localizado no terceiro andar, são realizadas aulas de dança, capoeira e ioga.

Figura 41 - Planta do terceiro pavimento



Fonte: Coletivo LEVANTE, 2021

O conceito do projeto é reafirmar e refletir a alegria e a criatividade vibrante dos frequentadores do centro cultural. Por isso, utilizam-se cores vibrantes e texturas características do lugar. A fachada e a cobertura são têxteis, resultado de um projeto de *upcycling*<sup>8</sup> da Favelinha. Elementos vazados no projeto promovem a circulação de ar e a entrada de luz natural em todos os espaços, enquanto os brises na fachada ajudam a reduzir a insolação direta.

<sup>8</sup> O conceito de *upcycling* consiste em atribuir um propósito novo e aprimorado a um material que, de outra forma, seria descartado, sem comprometer a sua qualidade e composição.

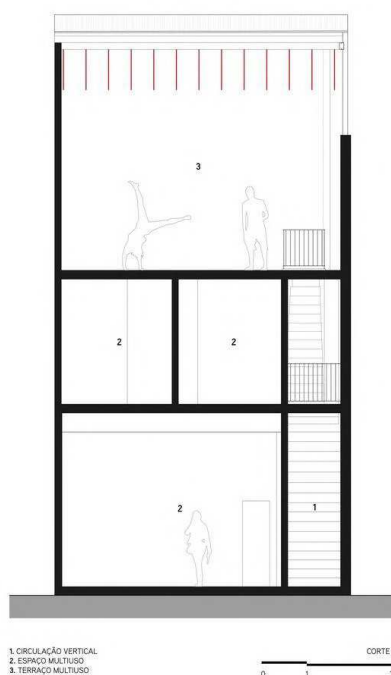
**Figura 42 - Espaços internos do centro cultural**



Fonte: Coletivo LEVANTE, 2021

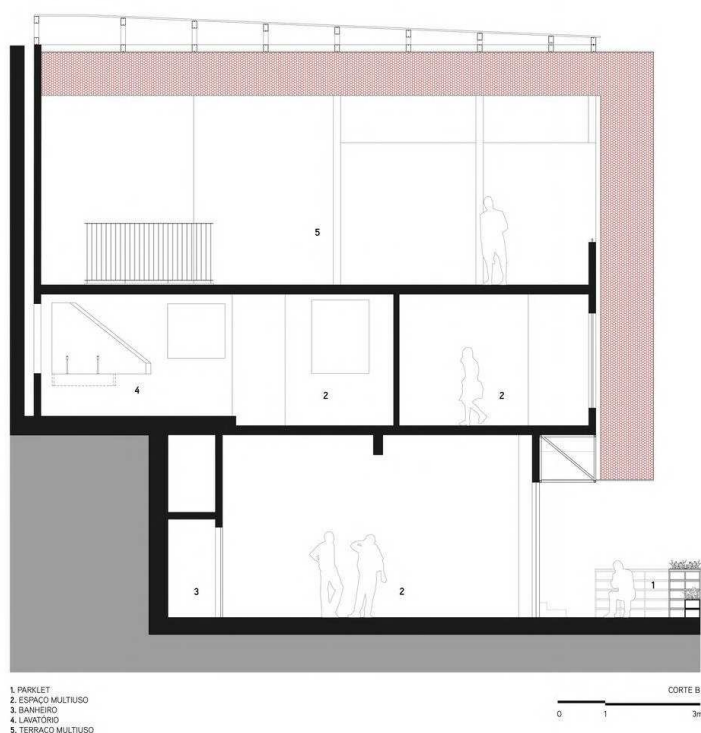
A intervenção também buscou reorganizar os espaços vazios, liberando os pavimentos térreo e terraço para apropriações diversas. Em contraste, o segundo pavimento apresenta uma configuração mais compartimentada, com paredes que separam os espaços destinados a usos específicos.

**Figura 43 - Corte AA**



Fonte: Coletivo LEVANTE, 2021

Figura 44 - Corte BB



Fonte: Coletivo LEVANTE, 2021

Em síntese, o centro cultural Lá da Favelinha representa um exemplar notável de como a arquitetura pode atuar como uma ferramenta de transformação social, incentivando o desenvolvimento cultural e o sentimento de pertencimento. Este projeto não apenas revitaliza o espaço urbano, mas também fortalece os laços comunitários, servindo como um modelo para futuras intervenções em contextos semelhantes.

Durante a análise das referências, destaca-se a discrepância na presença de equipamentos culturais entre Brasil, México e Espanha, especialmente os centros culturais. Enquanto os centros culturais mexicanos e espanhóis apresentam uma organização espacial mais clara e uma variedade evidente de atividades para atrair e reter o público, os centros culturais brasileiros, com exceção do Lá da Favelinha, muitas vezes carecem de espaços funcionais e atividades que promovam a permanência no local. Isso pode resultar em uma obsolescência prematura da configuração espacial desses centros e, conseqüentemente, em sua ineficácia.

Um dos espaços cogitados para a elaboração dos estudos de caso foi o Centro Cultural São Paulo, uma das primeiras construções brasileiras dessa

tipologia. Entretanto, devido ao grande porte do projeto (46.000m<sup>2</sup>), optou-se por escolher projetos menores que pudessem se encaixar ao modelo pretendido.

Diante disso, é indubitável a importância da implementação de critérios pré-definidos para a concepção de um centro de bairro adequado: (1) estabelecer uma integração arquitetônica e social harmoniosa com o entorno; (2) empregar materiais leves ou condizentes com o entorno, que contribuam para criar uma atmosfera acolhedora no local; (3) oferecer uma diversidade de atividades que possam atender às necessidades da comunidade.

**Quadro 1 - Comparativo entre projetos analisados**

	<b>PILARES</b>	<b>LLEIALTAT SANTSENCA</b>	<b>LÁ DA FAVELINHA</b>
<b>Autoria</b>	Rozana Montiel Estudio de Arquitectura	HARQUITECTES	Coletivo LEVANTE
<b>Execução</b>	2021	2017	2021
<b>Área</b>	710m <sup>2</sup>	1750m <sup>2</sup>	194m <sup>2</sup>
<b>Gabarito</b>	2 pavimentos	4 pavimentos	3 pavimentos
<b>Localidade</b>	Cidade do México, MX	Barcelona, ES	Belo Horizonte, BR
<b>Objetivo</b>	Infraestrutura social, educacional e cultural	Maximizar o aproveitamento dos elementos originais, estabelecer estratégia de intervenção, estabelecer diálogo profundo com o entorno e desenvolver proposta sustentável	Incentivar a participação comunitária e o acesso à cultura e apoiar a educação e o desenvolvimento comunitário
<b>Entorno</b>	Residencial, gabarito baixo	Residencial, gabarito médio	Residencial, gabarito baixo
<b>Conexão com o entorno</b>	Ponto de feira na rua adjacente	Equipamento histórico de bairro	Ponto de conexão da favela
<b>Atividades</b>	Oficinas de arte e artesanato, salas de dança, yoga e práticas corporais, horta, salas de empreendedorismo e capacitação profissional, e instalações esportivas.	Espaços para reuniões, intervenções artísticas, exposições, uso de computadores, atividades de formação, dinâmicas de grupo, palestras, apresentações e atividades de movimento	Aulas de línguas, música, escrita, costura, além da administração empreendedora e profissional, dança, capoeira e yoga
<b>Materialidade</b>	Blocos estriados, placas de concreto pré-fabricadas, perfis de aço, vidro	(Projeto de restauro) blocos existentes, vigas metálicas, policarbonato, tijolo vazado e madeira	Alvenaria e materiais de produção interna

**Fonte: Autoria própria, 2024**

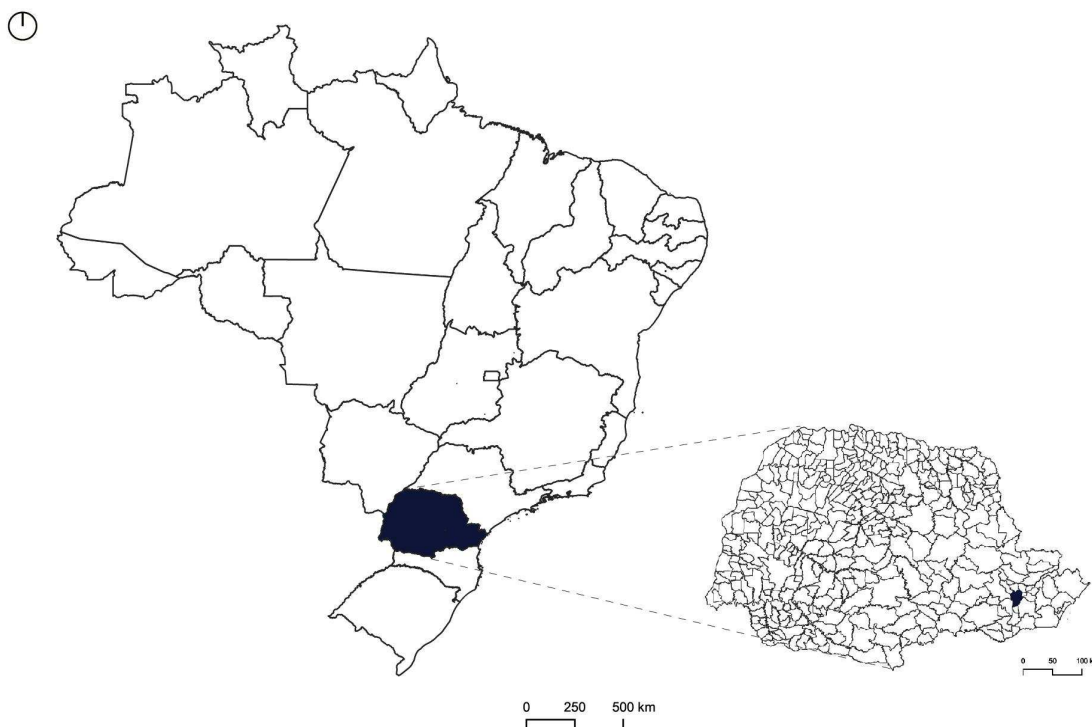
## 4. INTERPRETAÇÃO DA REALIDADE

Após a análise criteriosa, aprofundada e inter-relacional dos estudos de casos, torna-se possível direcionar o foco para a compreensão do contexto do território urbano de Curitiba, visando a futura concepção de um centro de bairro embasado não apenas na interpretação da realidade sociocultural, mas também na conceituação temática. A partir desse embasamento, a abordagem se estreita progressivamente, culminando na análise detalhada da área de intervenção.

### 4.1 Contexto histórico e cultural de Curitiba

A cidade de Curitiba, capital do Paraná, está localizada na porção leste do estado. De acordo com estatísticas do IBGE, realizadas em 2022, a população da região metropolitana de Curitiba totaliza 3.559.366 habitantes, dos quais 1.773.718 são residentes da capital.

**Figura 45 - Mapa do Brasil com destaque ao Paraná e Curitiba**



**Fonte: Autoria própria, 2024**

Na década de 1970, Curitiba passou por um processo de institucionalização da gestão cultural, culminando na criação de um órgão municipal dedicado a essa

função, anteriormente sob responsabilidade do Departamento de Relações Públicas e Promoções da Prefeitura. A inauguração do Teatro Paiol e do Centro de Criatividade de Curitiba (CCC) marcou o início de uma política de preservação da história e cultura da cidade.

O Teatro Paiol tem uma história antiga, remontando a 1874, quando foi construído originalmente para armazenar pólvora. Em 1906, foi construído um novo paiol, que agora abriga o teatro. Após anos de desuso, o edifício foi reformado pela prefeitura e reaberto como o conhecido Teatro Paiol em 1971. Já o CCC foi inaugurado em 1973 no Parque São Lourenço e, após uma revitalização em 2014, continua a funcionar como um espaço para atividades artísticas. Esses marcos culturais desencadearam uma onda de desenvolvimento de espaços na cidade, incluindo a Cinemateca de Curitiba (1975), o Solar do Barão (1980), a Casa da Memória (1981), o Memorial de Curitiba (1996), a Casa Hoffmann (2003) e o Cine Passeio (2019). A maioria desses espaços está localizada na região central da cidade e, embora haja um movimento recente para expandir esses equipamentos para áreas periféricas, ainda há escassez de opções nessas regiões.

**Figura 46 - Espaços culturais de Curitiba<sup>9</sup>**



**Fonte: Autoria própria, 2024**

Atualmente, o IPPUC identifica 12 locais em Curitiba como centros culturais. No entanto, nenhum desses espaços disponibiliza os programas discutidos anteriormente, de modo a verdadeiramente corresponder à definição de centro cultural. A descrição destes espaços no site do Instituto, sugere que não são apenas

<sup>9</sup> As imagens seguem a ordem numérica correspondente à sequência estabelecida no texto acima, onde o número 1 representa o Teatro Paiol; 2 o CCC, e assim por diante.

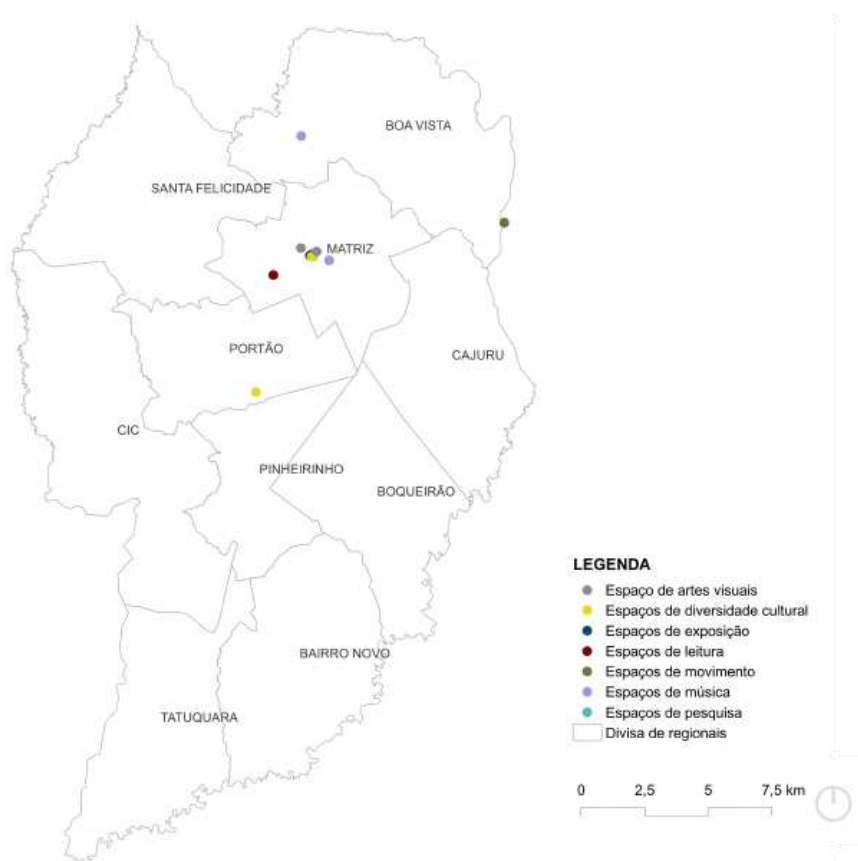
uma área que abriga objetos, mas sim um ambiente que engloba diversas manifestações culturais e acessíveis ao público. Embora a descrição seja congruente com os propósitos dos centros culturais, é importante ressaltar que nem todas essas funcionalidades estão necessariamente concentradas em um único espaço físico.

**Quadro 2 - Espaços culturais e funções em Curitiba**

<b>Lugar</b>	<b>Atividade</b>	<b>Função principal</b>	<b>Bairro</b>
Parque das Pedreiras	Espaços para shows e eventos grandes	Música	Abranches
Vilinha	Encontro de coletivo de arte, ensaios e apresentações	Teatro e dança	Bairro Alto
Miguel de Cervantes	Farol do saber	Biblioteca	Bigorriho
Capela Santa Maria	Salas de concertos e sede da Camerata Antiqua	Música	Centro
Solar do Barão	Artes gráficas e exposição	Artes visuais	Centro
Portão Cultural	Museu MUMA, cinema, auditório, casa de leitura	Diversas atividades	Portão
Casa da Memória	Documentação e pesquisa da história de Curitiba e Paraná	Pesquisa	São Francisco
Casa Hoffmann	Espaço para artistas de movimento	Teatro, dança e artes plásticas	São Francisco
Memorial de Curitiba	Expor história de Curitiba, palestras, congressos	Exposição	São Francisco
Palácio dos Estudantes	Oficinas de desenho, colagem e pintura	Artes visuais	São Francisco
Solar dos Guimarães	Formação de música eletrônica e artes digitais	Música	São Francisco
Conservatório de Música Popular Brasileira	Produção de eventos musicais	Música	São Francisco

**Fonte: Autoria própria, com base em dados do IPPUC, 2024**

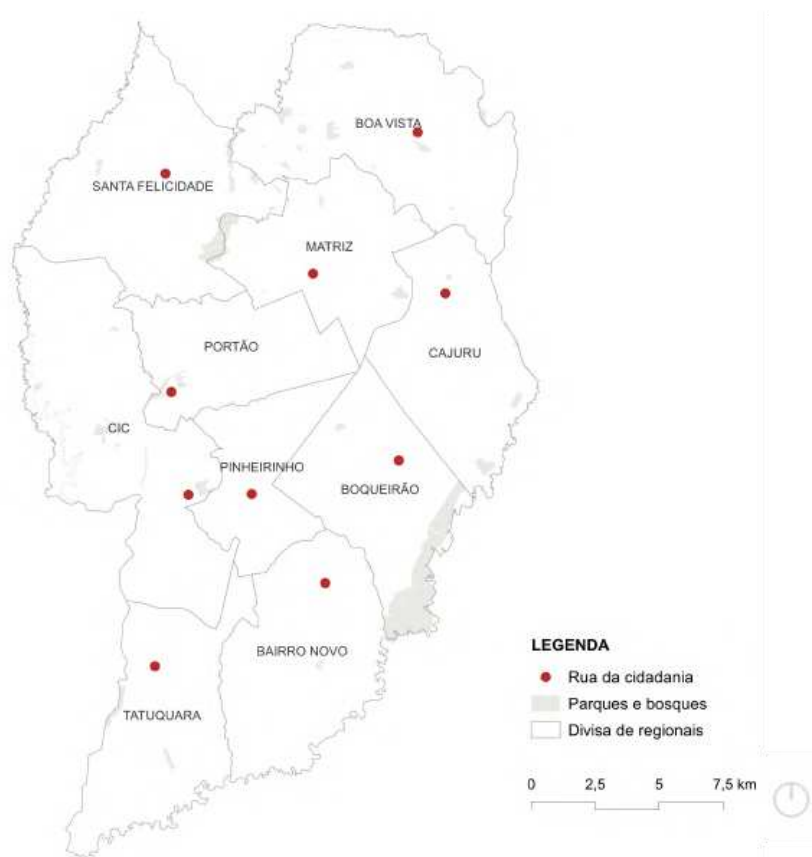
**Figura 47 - Mapa de centros culturais por regional**



**Fonte: Autoria própria, com base em dados do IPPUC, 2024**

Além das áreas mencionadas, Curitiba dispõe de uma Rua da Cidadania para cada uma das dez regionais da cidade: Bairro Novo, Boa Vista, Boqueirão, Cajuru, CIC, Matriz, Pinheirinho, Fazendinha/Portão, Santa Felicidade e Tatuquara. Estes espaços operam como extensões da administração municipal nos bairros, oferecendo uma gama de serviços que incluem os núcleos das Secretarias Municipais, URBS, Fundação de Ação Social (FAS) e Fundação Cultural de Curitiba (FCC). Apesar de incluírem uma área reservada para atividades culturais e de lazer, esses equipamentos não têm essa finalidade como prioritária.

**Figura 48 - Mapa de regionais e Ruas da Cidadania**



**Fonte: Autoria própria, com base em dados do IPPUC, 2024**

Os únicos recursos de lazer e cultura presentes nas ruas da cidadania são: a casa de leitura, que funciona como uma biblioteca de pequeno porte; o Liceu de Ofícios, oferecendo cursos gratuitos voltados para áreas como administração, informática, turismo e hotelaria, vendas e serviços, e empreendedorismo; e o centro de lazer e esportes, que oferece uma variedade de atividades como alongamento, corrida, futebol de salão, ginásticas em geral, judô e voleibol. No entanto, o estabelecimento no Boqueirão é o único que oferece esses três espaços, enquanto as ruas da cidadania do Cajuru, Portão, Pinheirinho e Santa Felicidade possuem apenas uma casa de leitura e o Liceu de Ofícios, e o Tatuquara conta apenas com uma casa de leitura. As outras quatro ruas da cidadania não possuem nenhum desses equipamentos culturais além dos serviços governamentais.

O desenvolvimento de Curitiba desde seu advento tem estado intrinsecamente ligado à preservação de áreas verdes urbanas. O IPPUC, instituído em 1965, empreendeu uma série de modificações urbanas visando à criação de parques na cidade. Os três primeiros — Parque São Lourenço, Barreirinha e Barigui

— foram estabelecidos em 1972, proporcionando áreas destinadas ao lazer, esporte e cultura para os habitantes. Estes parques, nomeados alagáveis, têm como função primordial conter e drenar as águas pluviais, além de evitar o desenvolvimento de ocupações irregulares nas regiões de risco. Desde então, a instauração de parques e bosques às margens dos rios foi implantada com o intuito de prevenir tais desastres e, ao mesmo tempo, em parceria com a FCC, promover atividades voltadas para a cultura e preservação desses lugares.

Durante as duas primeiras gestões de Jaime Lerner (1971-1974 e 1979-1982), um foco considerável foi dado às áreas verdes da cidade, resultando em um aumento significativo, de 0,7m<sup>2</sup>/hab. na década de 1960 para 16m<sup>2</sup>/hab. em 1974. Cerca de 15 anos depois, esse número cresceu para 55m<sup>2</sup>/hab. Até 1980, foram estabelecidos o Bosque Boa Vista, Parque Iguaçu, Bosque Polonês/Papa João Paulo II e Bosque Capão da Imbuia.

Na década de 1980, durante o governo municipal de Maurício Fruet, interrompido pelo fim do regime militar e a eleição de Roberto Requião, houve uma desaceleração na implementação de áreas verdes. Além disso, não havia, ainda, uma legislação específica diferenciando parques de bosques, resultando na apenas na criação do Bosque Gutierrez, em Vista Alegre, Parque Bacacheri e Bosque Reinhard Maack.

Na década seguinte, com o retorno de Jaime Lerner à prefeitura para seu terceiro mandato, houve um ressurgimento do enfoque no desenvolvimento de parques. Isso resultou na criação de locais como Parque das Pedreiras, Jardim Botânico, Bosque do Pilarzinho, Bosque Zaninelli (UNILIVRE), Parque Municipal do Passaúna, Bosque de Portugal, Parque Tingui, Bosque Alemão, Bosque Italiano, Parque dos Tropeiros, Parque Diadema, Parque Caiuá, Bosque da Fazendinha, Bosque do Trabalhador e Parque Tanguá. Entre 1993 e 1996, Curitiba experimentou um notável florescimento cultural, dando origem a diversos memoriais, como o da Ucrânia, da Imigração Italiana, da Imigração Alemã, Árabe e da Casa da Cultura Japonesa.

A partir dos anos 2000 aprovaram-se legislações voltadas para a preservação de áreas verdes da cidade. Porém, Curitiba expandiu-se em suas áreas verdes remanescentes, estabelecendo novos bairros por meio de conjuntos habitacionais e condomínios de alto padrão, culminando na formação de uma conurbação. Assim, apenas o Bosque Maria Luísa Gomm foi incorporado à cidade.

**Figura 49 - Mapa de áreas verdes por regional em Curitiba (2019)<sup>10</sup>**



**Fonte: Autoria própria, com base em dados do IPPUC, 2024**

Portanto, é evidente que a cidade de Curitiba passou por significativas transformações ao longo de sua história, especialmente no que diz respeito à gestão cultural, ao desenvolvimento de espaços verdes e à expansão urbana. A criação de marcos culturais, como o Teatro Paiol e o Centro de Criatividade de Curitiba, marcou o início de uma política de preservação da história e da cultura local. A implementação de áreas verdes e a promoção de espaços, como os centros culturais, são elementos essenciais para o bem-estar e a qualidade de vida dos cidadãos curitibanos.

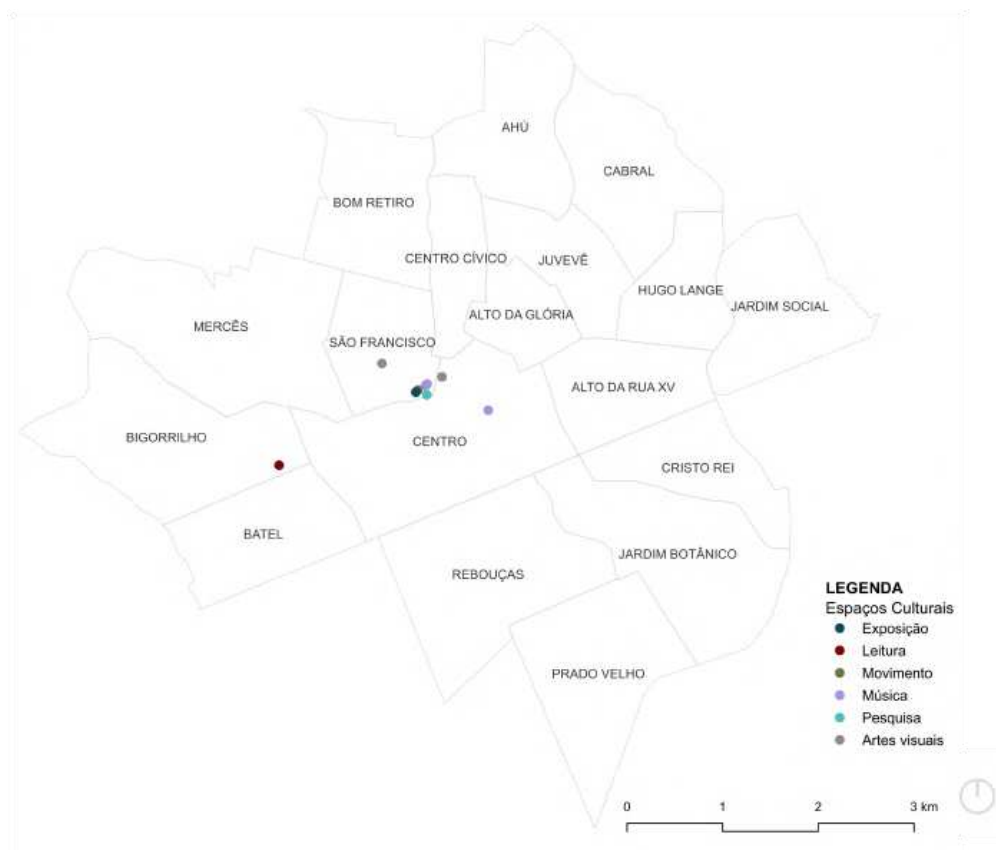
## **4.2 A área de intervenção**

### **4.2.1 Regional Matriz**

<sup>10</sup>O mapa representa todas as áreas verdes, abrangendo parques e bosques com pontilhado mais denso, bem como praças, canteiros de flores e árvores ao longo das vias públicas.

Desde 1975, a regional Matriz compreende 18 bairros: Ahú, Alto da Glória, Alto da Rua XV, Batel, Bigorrilho, Bom Retiro, Cabral, Centro, Centro Cívico, Cristo Rei, Hugo Lange, Jardim Botânico, Jardim Social, Juvevê, Mercês, Prado Velho, Rebouças e São Francisco. Esta regional, situada na porção centro-norte da cidade, é caracterizada pela concentração de quase todos os prédios da administração municipal e estadual, além de abrigar a maior renda per capita e ser a quarta área mais populosa de Curitiba, com cerca de 209 mil habitantes. Embora seja a regional com maior número de equipamentos culturais na cidade, estes ainda estão predominantemente concentrados nos bairros Centro e São Francisco (ver Figura 53). Isso ocorre devido ao fato de que muitos desses equipamentos culturais foram instalados em residências históricas que passaram por um processo de restauração com o propósito de abrigá-los.

**Figura 50 - Mapa de bairros da Regional Matriz**



**Fonte: Autoria própria, com base em dados do IPPUC, 2024**

De acordo com estimativas do IPPUC para o ano de 2021, a região da Matriz se caracteriza por sua densidade urbana, podendo alcançar uma média de

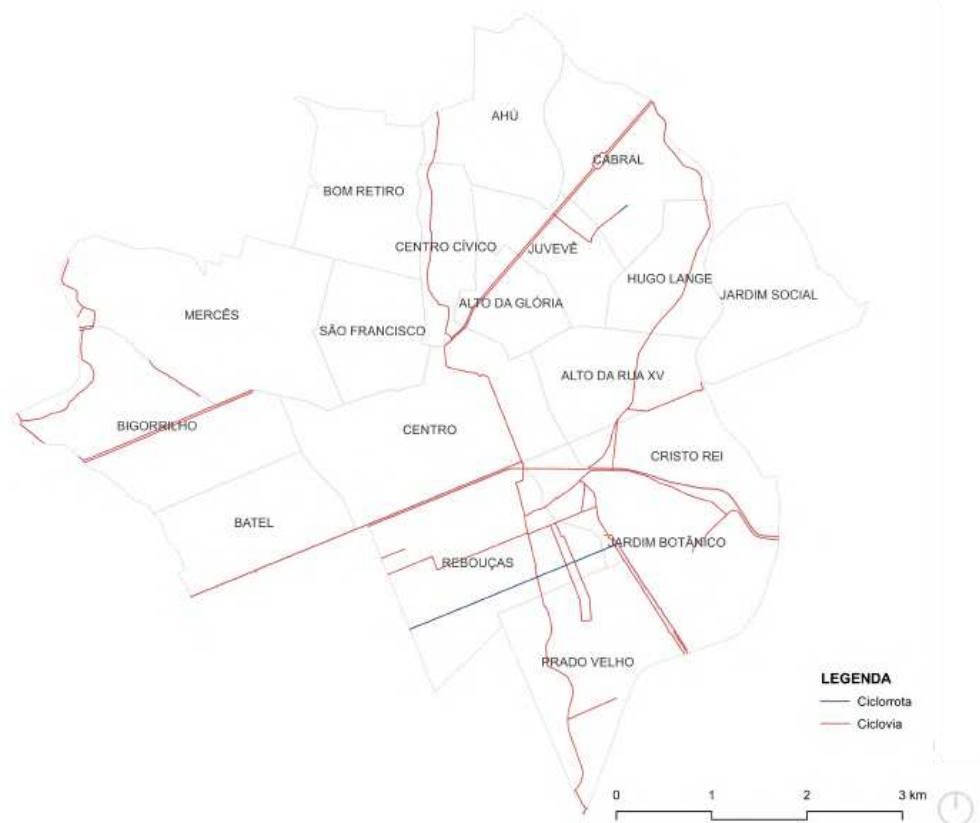
58,39 hab/ha. Apesar da significativa concentração populacional nessa área, a cobertura vegetal corresponde a 15% de sua extensão total. Além disso, a região abriga os mais antigos pontos turísticos da cidade, incluindo o centro histórico situado no bairro São Francisco, além de abrigar aproximadamente 25% das atividades econômicas de Curitiba.

**Figura 51 - Mapa de cheios e vazios da Regional Matriz**



**Fonte: Autoria própria, com base em dados do IPPUC, 2024**

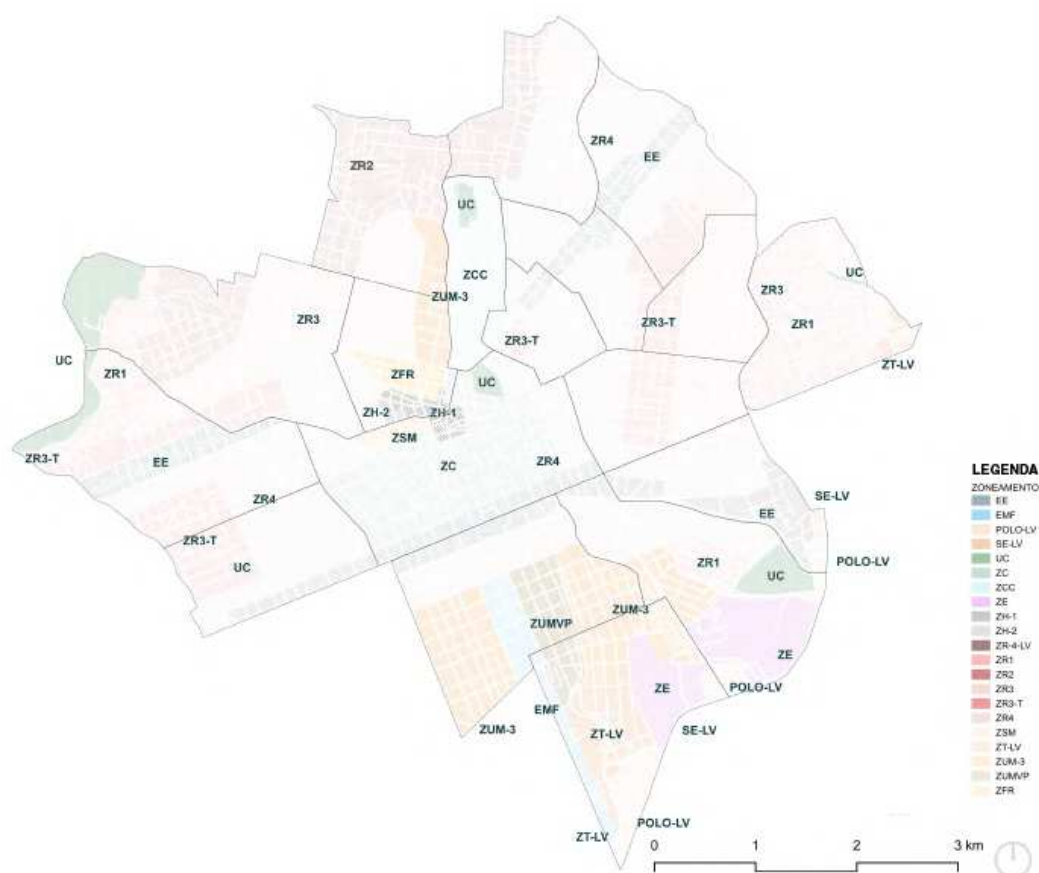
Outro aspecto crucial na seleção da regional foi a disponibilidade de acesso ao equipamento proposto por meio de mobilidade não motorizada. Em 2021, a Matriz destacou-se como a região mais bem servida nesse quesito, com uma extensão total de 53 quilômetros em ciclovias e ciclorrotas. Essas vias incluem ciclofaixas em vias calmas, estruturas cicloviárias em calçadas, ciclofaixas preferenciais implantadas ao lado das faixas de pedestres, ciclofaixas separadas das faixas de tráfego por pintura asfáltica e/ou tachões refletivos, e ciclorrotas. Quanto à presença de calçadas, a regional atinge cerca de 98% dos domicílios com essa infraestrutura, embora apenas 27% delas disponham de rampas de acesso.

**Figura 52 - Mapa de ciclofaixas e ciclorrotas na Regional Matriz**

**Fonte: Autoria própria, com base em dados do IPPUC, 2024**

A região é subdividida em 22 zoneamentos, principalmente voltados para uso residencial, com destaque para a Zona Residencial 4 (ZR4), que abrange 25% do território. Em seguida, encontram-se o Eixo Estrutural (EE), a Zona Central (ZC) e a Zona Educacional (ZE).

**Figura 53 - Mapa de zoneamento da Regional Matriz**



Fonte: Autoria própria, com base em dados do IPPUC, 2024

#### 4.2.2 Bairro Rebouças

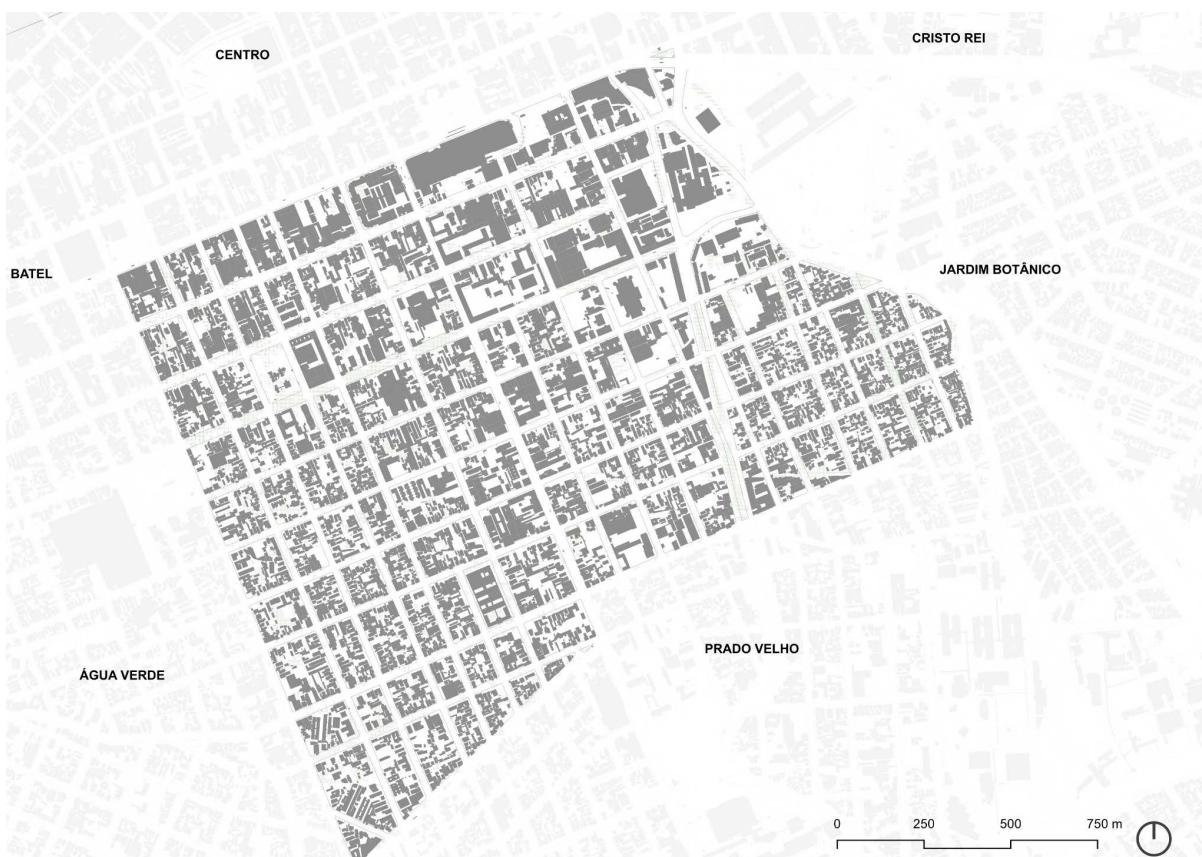
Durante a década de 1880, a antiga localidade de Rebouças ganhou um marco significativo, a construção da Estação Ferroviária que facilitou o transporte de mercadorias, especialmente mate e madeira. Nas primeiras décadas do século XX, as locomotivas a vapor foram substituídas por locomotivas a diesel. Os trens que chegavam à estação vinham de Paranaguá e outras cidades do interior do Paraná, atraindo comerciantes e indústrias para a região de Rebouças. No início dos anos 1900, Rebouças foi reconhecida como uma área industrial, beneficiada pela proximidade com a ferrovia, que facilitava o transporte de matéria-prima e a distribuição de produtos. Entre as décadas de 1930 e 1950, este era o bairro mais importante da cidade por ser cenário de indústrias, depósitos, engenhos e moinhos.

O processo de industrialização do bairro do Rebouças persistiu até meados da década de 1940. Posteriormente, a partir de 1970, Curitiba experimentou uma

reestruturação de sua malha urbana, resultando na gradual desindustrialização do local e, conseqüentemente, no seu declínio populacional. Logo, ao longo do tempo, o Rebouças foi perdendo sua identidade visual e arquitetônica.

Atualmente, o bairro é sede de pelo menos um *campi* de cada uma das universidades federais estabelecidas na cidade, a Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR), o Instituto Federal do Paraná (IFPR) e a Universidade Federal do Paraná (UFPR). No entanto, o bairro enfrenta desafios significativos, tornando-se mais uma área de passagem do que um local de residência permanente. A ausência de equipamentos culturais que possam reforçar o *genius loci* do bairro e revigorar sua vitalidade contribui para essa situação.

**Figura 54 - Mapa de cheios e vazios do bairro Rebouças**



**Fonte: Autoria própria, com base em dados do IPPUC, 2024**

O bairro do Rebouças é delimitado por cinco diferentes zoneamentos. O primeiro é o Eixo Estrutural (EE), que percorre linearmente toda a extensão dos quarteirões entre a Avenida Sete de Setembro e a Avenida Silva Jardim. Este zoneamento é caracterizado como uma extensão do centro tradicional, servindo

como corredores de uso misto e de transporte público, utilizando o sistema trinário de vias.

**Figura 55 - Eixo Estrutural: Av. Sete de Setembro e Av. Silva Jardim, respectivamente**



**Fonte: Autoria própria, adaptado do Google Earth, 2024**

Em seguida, observa-se a Zona Residencial 4 (ZR-4), localizada entre as Avenidas Silva Jardim e Presidente Getúlio Vargas, abrangendo toda a extensão noroeste-nordeste do bairro. Esta zona está situada nos limites do eixo estrutural e é caracterizada por uma densidade média de ocupação residencial.

**Figura 56 - ZR-4: Av. Silva Jardim e Av. Presidente Getúlio Vargas, respectivamente**



**Fonte: Autoria própria, adaptado do Google Earth, 2024**

Nas extremidades noroeste — entre a Avenida Presidente Getúlio Vargas e a Rua Desembargador Westphalen — e nordeste do bairro — entre a Avenida Presidente Getúlio Vargas e a Rua Conselheiro Laurindo — encontra-se a Zona de Uso Misto 3 (ZUM-3). Estas áreas são de ocupação mista, auxiliando tanto zonas de comércio como residencial.

**Figura 57 - ZUM-3: Cruzamento entre Av. Pres. Getúlio Vargas e rua Des. Westphalen; e cruzamento entre a Av. Pres. Getúlio Vargas e rua Cons. Laurindo, respectivamente**



**Fonte: Autoria própria, adaptado do Google Earth, 2024**

Por fim, na porção central do Rebouças, encontram-se dois zoneamentos distintos: o Eixo Marechal Floriano Peixoto (EMF) — iniciado na Avenida Presidente Getúlio Vargas e compreendido entre a Rua Desembargador Westphalen e a Rua Santo Antônio — sendo caracterizado por ocupação mista no entorno imediato de uma via central que comporta uma canaleta. E a Zona de Uso Misto do Vale do Pinhão (ZUMVP) — segue o mesmo limite da Avenida, começando na Rua Santo Antônio e terminando na Rua Conselheiro Laurindo — cujo seu objetivo é revitalizar e requalificar a área do antigo distrito industrial da cidade.

**Figura 58 - EMF: Cruzamento entre Av. Pres. Getúlio Vargas e rua Des. Westphalen; e cruzamento entre Av. Pres. Getúlio Vargas e rua Santo Antônio, respectivamente**



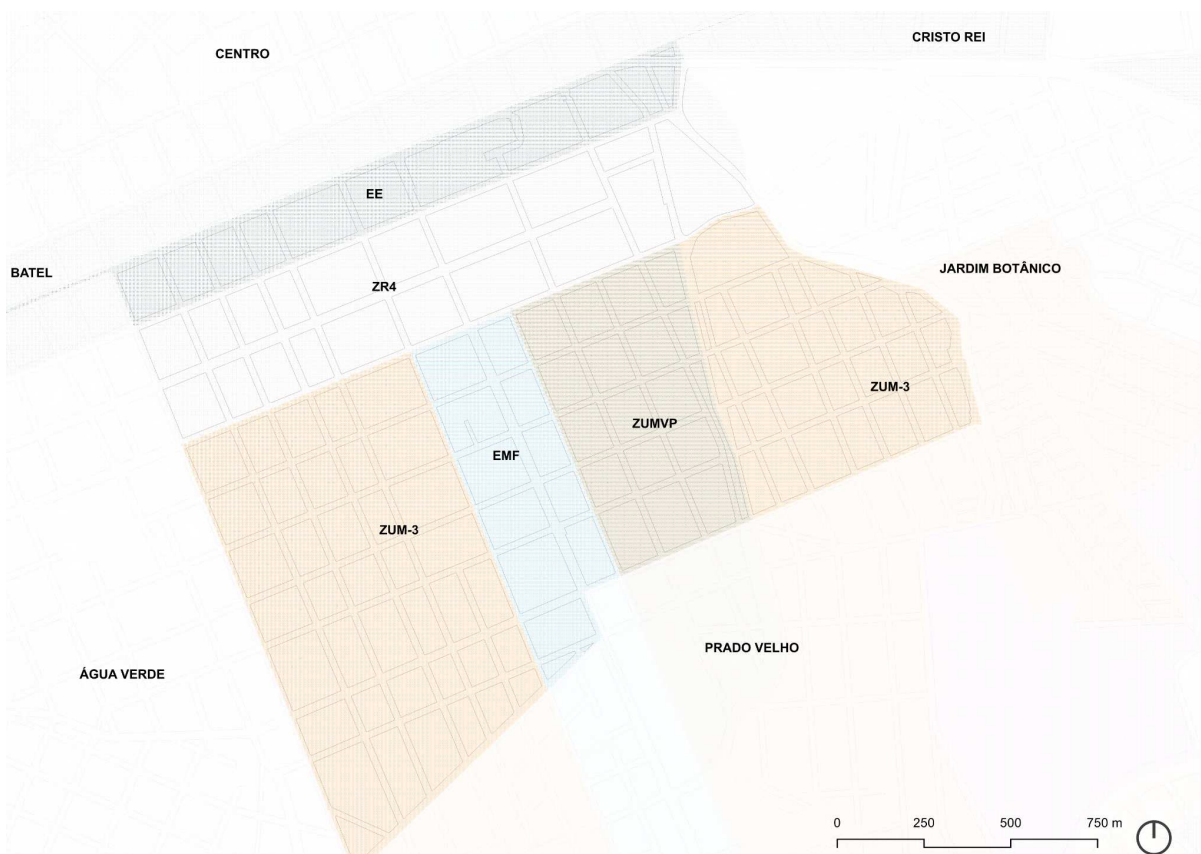
**Fonte: Autoria própria, adaptado do Google Earth, 2024**

**Figura 59 - Cruzamento entre a Av. Pres. Getúlio Vargas e rua Santo Antônio; e cruzamento entre a Av. Pres. Getúlio Vargas e a rua Cons. Laurindo**



Fonte: Autoria própria, adaptado do Google Earth, 2024

**Figura 60 - Mapa de zoneamento do bairro Rebouças**



Fonte: Autoria própria, com base em dados do IPPUC, 2024

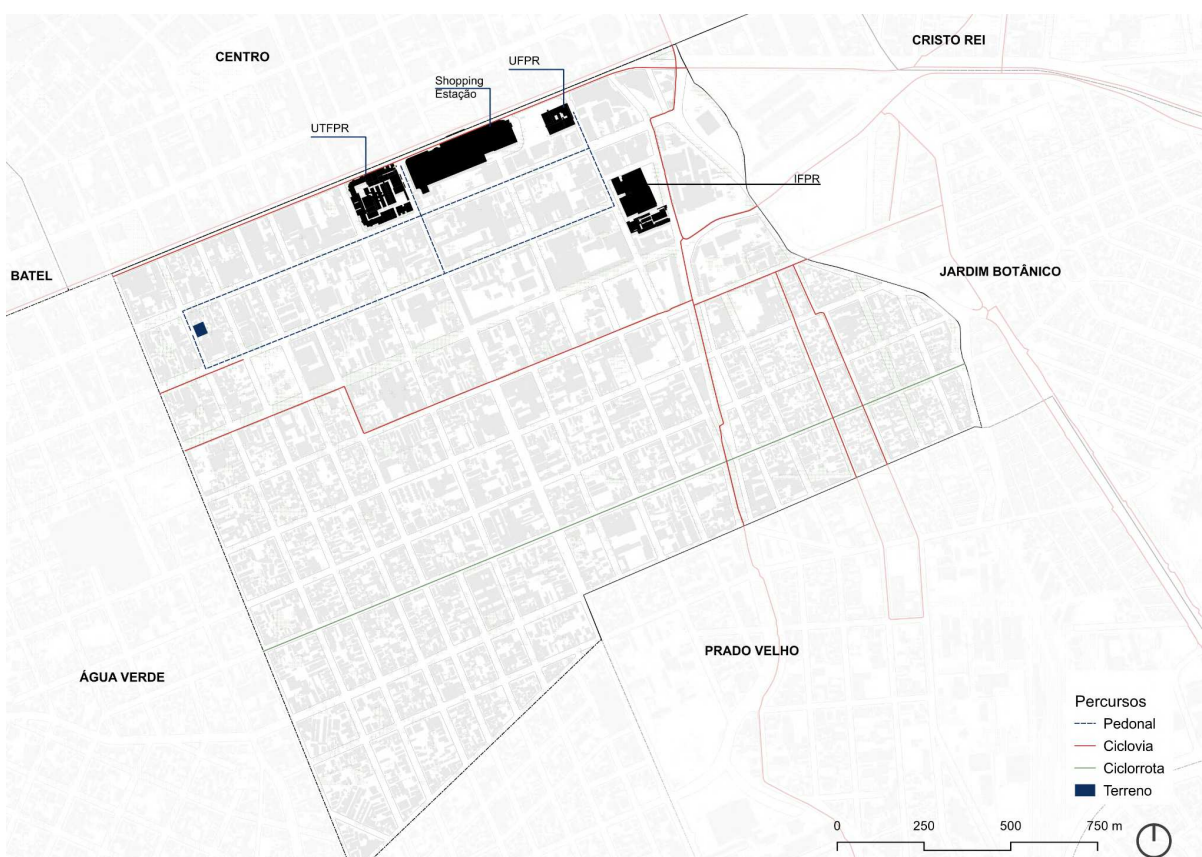
#### 4.2.3 O terreno

Ao analisar o mapa de ocupação do bairro, é evidente que a maioria das quadras apresenta alta densidade de ocupação, enquanto os vazios existentes são,

em sua maioria, lotes subutilizados, como estacionamentos, ou áreas destinadas a praças.

O terreno de intervenção está localizado na porção noroeste do bairro, proporcionando fácil acesso por meio de mobilidade não motorizada. Destacam-se neste contexto os três equipamentos federais de ensino e o principal centro comercial da região, o Shopping Estação.

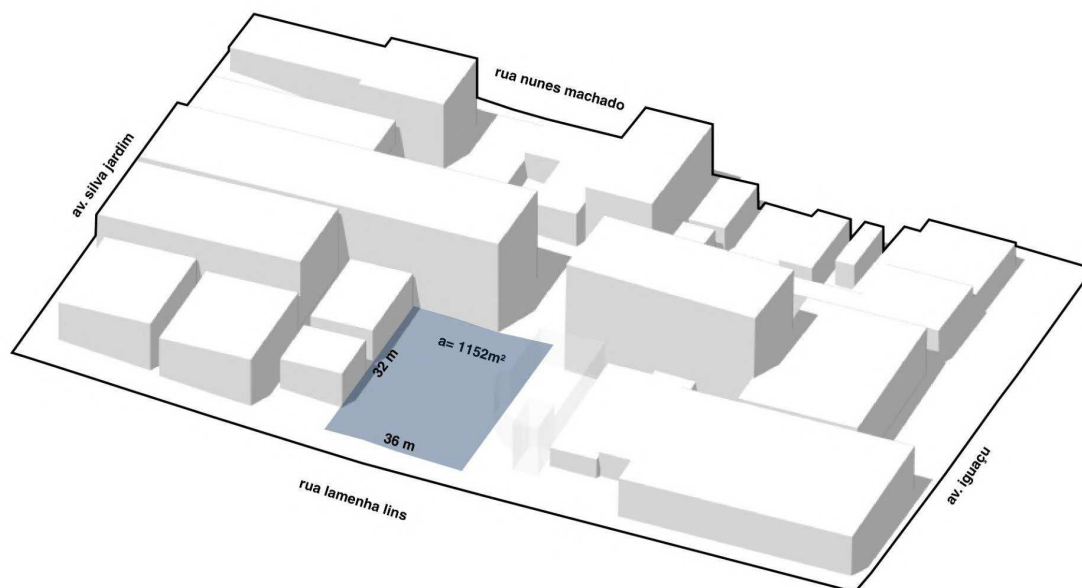
**Figura 61 - Mobilidade não motorizada do terreno até pontos de referência do bairro**



**Fonte: Autoria própria, com base em dados do IPPUC, 2024**

Situado na rua Lamenha Lins, 735, o terreno possui uma área total de 1152m<sup>2</sup>, com uma testada de 36 m voltada para sudoeste. Apenas este terreno, em toda a quadra, apresenta-se livre. A rua Lamenha Lins é asfaltada e possui iluminação pública. Além disso, na rua Nunes Machado, posterior a testada do terreno, ocorre uma feira livre todas as terças-feiras pela manhã, no trecho entre a Avenida Iguaçu e a Rua Brasília Itiberê.

Figura 62 - Isométrica dos parâmetros do terreno



Fonte: Autoria própria, 2024

Figura 63 - Fachada do terreno na rua Lamenha Lins



Fonte: Autoria própria, com base em imagens do Google Earth, 2024

**Figura 64 - Vista superior terreno**

**Fonte: Autoria própria, com base em imagens do Google Earth, 2024**

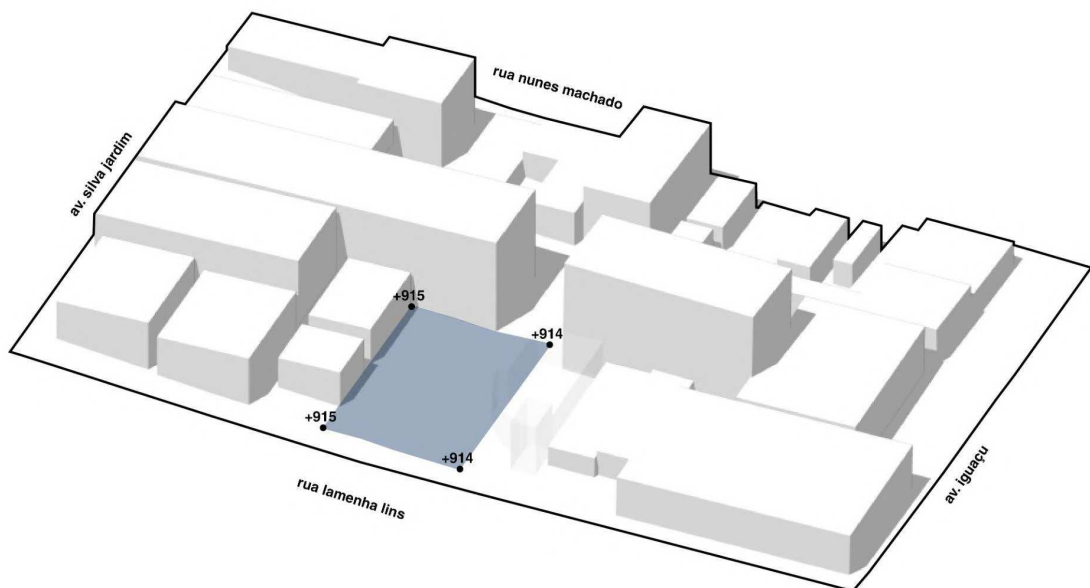
Com apenas uma curva de nível e um entorno relativamente plano, o terreno apresenta escassa vegetação em sua extensão, porém seu entorno imediato é arborizado, principalmente nas duas avenidas a norte e sul. O terreno ao fundo apresenta três araucárias. A calçada do terreno ainda está preservada em paralelepípedos.

Figura 65 - Curvas de nível do entorno



Fonte: Autoria própria, com base em dados do IPPUC, 2024

Figura 66 - Isométrica topográfica do terreno



Fonte: Autoria própria, 2024

Localizado na Zona Residencial 4 (ZR-4), o terreno está inserido em uma área regulada para mitigar os impactos do uso e ocupação do solo, devido à sua proximidade com os eixos estruturais da cidade. Esta zona é caracterizada por uma ocupação de média densidade, com restrição à verticalização, limitada a até seis pavimentos, predominando o uso habitacional.

De acordo com a Lei Municipal nº 15.511 de Zoneamento, Uso e Ocupação do Solo em Curitiba, usos comunitários nesta área possuem um coeficiente de aproveitamento básico de 1, com altura máxima de seis pavimentos para usos religiosos e dois pavimentos para os demais usos comunitários. Além disso, a lei estabelece uma taxa de ocupação de 50% e um recuo frontal mínimo de 5 metros.

O entorno imediato da ZR-4 apresenta um gabarito médio, podendo alcançar até nove pavimentos. Nas quadras pertencentes ao Eixo Estrutural, os gabaritos são ainda maiores, chegando a 25 pavimentos, o que resulta em grandes áreas de sombra nos prédios vizinhos. Na quadra imediata a sudeste, encontra-se a Praça Ouvidor Pardini, que complementa o contexto urbano da região.

Figura 67 - Gabarito do entorno



Fonte: Autoria própria, com base em dados do IPPUC, 2024

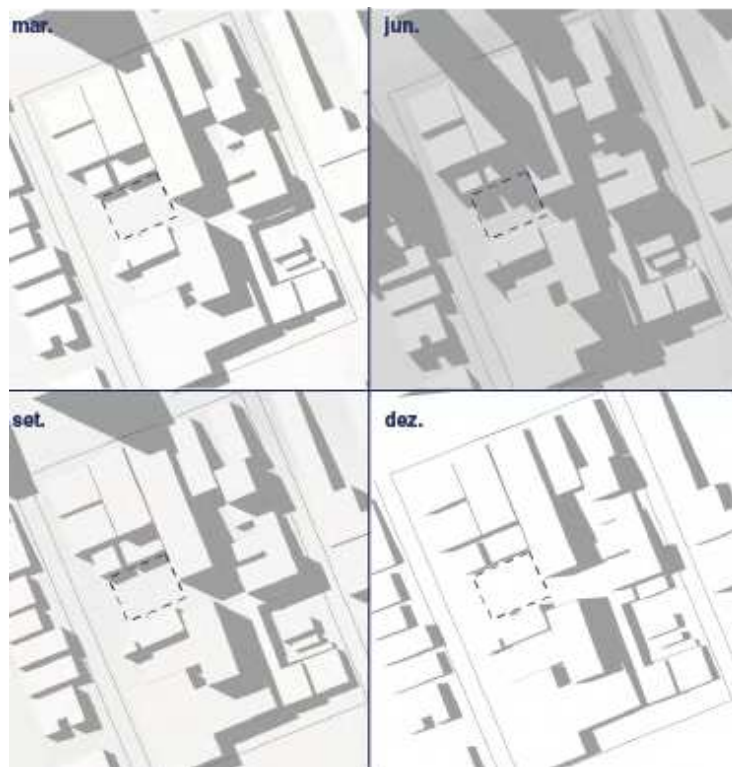
Tabela 1 - Parâmetros construtivos da ZR-4

Parâmetros						
Usos	Ocupação					
Comunitário 2	C.A. <sup>11</sup>	Pav.	Porte (m <sup>2</sup> )	T.O. <sup>12</sup> (%)	Recuo (m)	Taxa de perm. (%)
	Básico	Básico	Básico	Máx.	Min.	Min.
	1	2	-	50	5	25

Fonte: Adaptado da Lei Municipal nº 15.511 de Zoneamento, uso e ocupação do solo no município de Curitiba, 2024

Portanto, a taxa de ocupação máxima do terreno é de 576 m<sup>2</sup> e a edificação terá, no máximo, 1152m<sup>2</sup>. Em geral, o terreno não é criticamente afetado por sombras, exceto durante o solstício de inverno, quando as construções vizinhas projetam sombras sobre o terreno devido à sua proximidade com os limites.

Figura 68 - Mapa de insolação aos equinócios e solstícios próximo ao meio dia



Fonte: Autoria própria, com base em dados do Google Earth, 2024

<sup>11</sup> C.A. = coeficiente de aproveitamento;

<sup>12</sup> T.O. = taxa de ocupação.

Além do fácil acesso para pedestres e ciclistas, o entorno oferece quatro pontos de ônibus nas ruas adjacentes, incluindo uma estação tubo. Essas paradas são atendidas por 25 linhas de ônibus que se dirigem à Praça Rui Barbosa, além de conexões diretas para os terminais Ahú, Santa Quitéria, Fazendinha, Vila Izabel, Lindóia e Novo Mundo, facilitando o deslocamento e integração com o sistema viário de Curitiba.

**Figura 69 - Pontos de ônibus entorno**



**Fonte: Autoria própria, com base em dados do IPPUC, 2024**

Assim, as características singulares do terreno, aliadas à sua localização, que estabelece conexões significativas com pontos importantes da região, e às diretrizes de zoneamento urbano, fundamentam a escolha deste espaço para a implantação de um centro cultural de bairro. O projeto não apenas aproveitará as potencialidades do terreno, mas também contribuirá significativamente para a revitalização do bairro Rebouças, integrando o projeto ao bairro e promovendo o desenvolvimento cultural e reforçando a identidade local.

## 5. DIRETRIZES PROJETUAIS

Após a análise do entorno e dos parâmetros construtivos do terreno, esta seção delineará as diretrizes essenciais para o desenvolvimento do projeto de um centro de bairro que funcione como um agente catalisador sociocultural no Rebouças. Este projeto visa criar lugares de aprendizagem e recreação, utilizando a arquitetura como um impulsionador do ato de permanecer e pertencer, manifestado tanto pela materialidade quanto pela funcionalidade do equipamento.

### 5.1 Características urbanísticas

A rua Lamenha Lins, uma das mais antigas e tradicionais de Curitiba, conecta o centro da cidade ao bairro Parolin, cruzando o bairro Rebouças. Durante uma análise sobre a vitalidade urbana do entorno, observa-se a presença da Praça Oswaldo Cruz, localizada no Centro, a apenas um quarteirão do terreno de intervenção. Além disso, a Praça Ouvidor Pardiniho está situada imediatamente a sudeste do terreno, e a Praça Afonso Botelho, no bairro Água Verde, está localizada na Avenida Getúlio Vargas, a sudoeste do lote.

As praças desempenham um papel fundamental na qualidade de vida dos moradores e no dinamismo urbano. Elas não só servem como espaços de convivência social que promovem o senso de comunidade e fortalecem os laços sociais, mas também funcionam como pontos nodais entre diferentes partes da cidade. Facilitando a circulação de pedestres e ciclistas, estas praças tornam-se símbolos da identidade local e contribuem significativamente para a vitalidade urbana do espaço.

Além das praças, o entorno imediato oferece uma feira livre todas as terças de manhã, ocorrendo na rua Nunes Machado, paralela à rua Lamenha Lins, entre a Avenida Iguazu e a rua Brasília Itiberê. A presença de ciclovias na área também favorece o acesso a esses lugares, incentivando a mobilidade não motorizada.

Portanto, é evidente que o eixo leste-oeste serve como um ativador de atividades de mobilidade não motorizada, enquanto o eixo norte-sul valoriza a caminhabilidade, proporcionando a melhor exploração da região. Esta rede de espaços públicos e infraestruturas de mobilidade reforça a importância de

intervenções arquitetônicas que promovam a conectividade e a qualidade de vida no ambiente urbano.

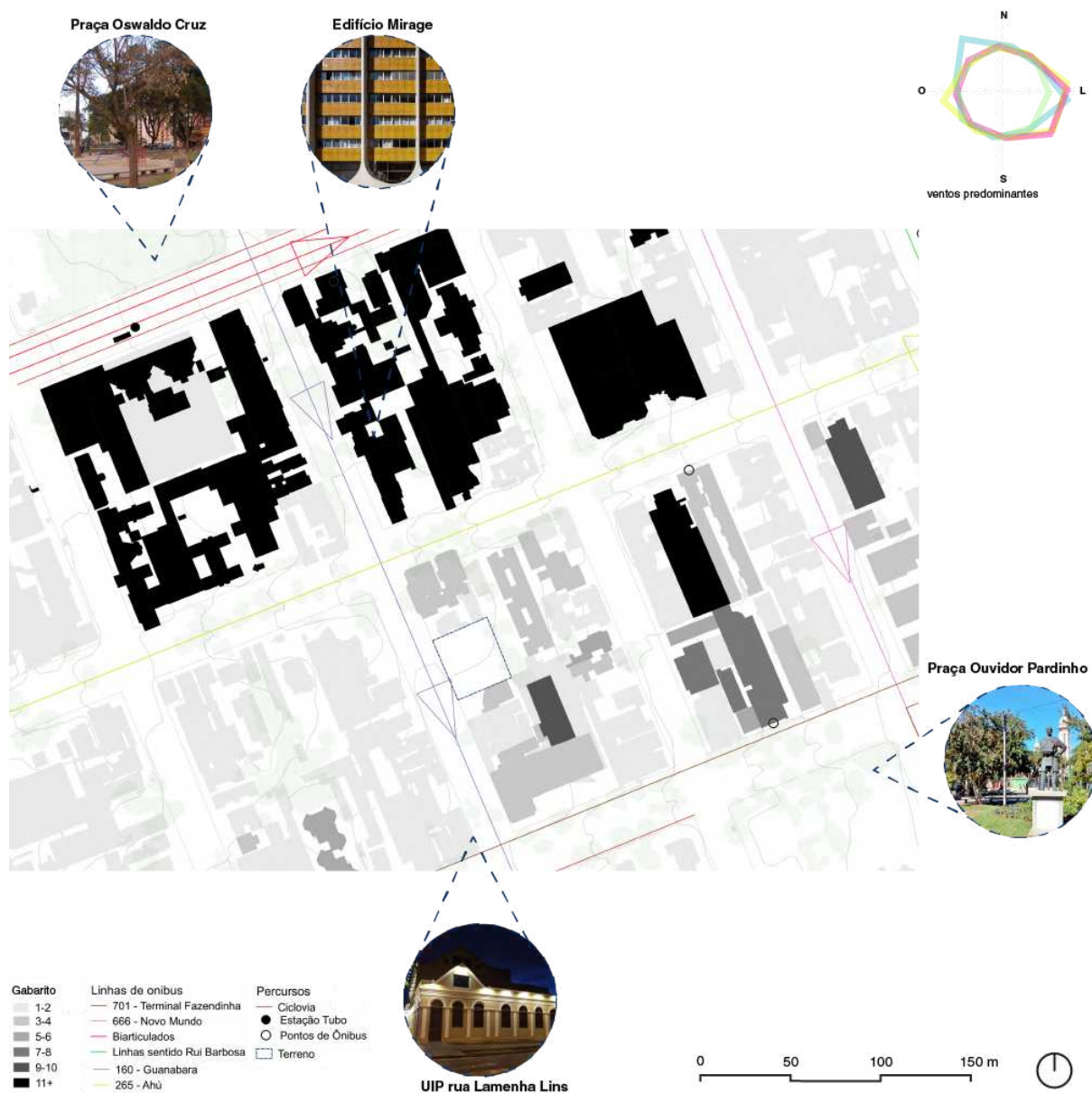
**Figura 70 - Mapa de caminhabilidade e vitalidade urbana**



**Fonte: Autoria própria, com base em dados do IPPUC, 2024**

Além disso, há importantes equipamentos arquitetônicos nas proximidades do terreno. O Edifício Mirage, projetado por José Maria Gandolfi, está localizado na quadra imediatamente ao norte do terreno. Enquanto na esquina com a Avenida Iguazu, encontra-se uma Unidade de Interesse de Preservação (UIP), sobre a qual há escassas informações no Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano de Curitiba (IPPUC). Recentemente, essa UIP foi reformada para ser convertida em um equipamento comercial. Adicionalmente, a leste, a Serra do Mar pode ser avistada, proporcionando uma vista panorâmica que enriquece o valor paisagístico e arquitetônico do terreno.

Figura 71 - Mapa síntese e equipamentos relevantes do entorno



Fonte: Autoria própria, com base em dados do IPPUC, 2024

## 5.2 Programa de necessidades e plano de ocupação

Para estabelecer o centro de bairro como um conector significativo entre o indivíduo e a cidade, é essencial que o projeto se dedique à criação de ambientes que promovam o desenvolvimento da arte como catalisador desse objetivo. Assim, o programa deve ser dividido em três setores básicos: cultural, administrativo e de serviços.

O setor cultural deve atender aos seguintes ambientes: salas de uso específico para aulas de cerâmica, costura e informática. Portanto, deve conter equipamentos e materiais específicos para cada atividade e um espaço projetado para suportar as necessidades técnicas e de segurança. Salas multiuso para aulas de pintura de tela, aquarela, desenho, escrita, encadernação e litografia com espaços flexíveis para abrigar workshops específicos e palestras. Além dos equipamentos de suporte como cavaletes, mesas de trabalho e sistemas de iluminação adequados. Salas de movimento corporal para aulas de teatro e dança com divisórias móveis, para que o layout possa ser adaptado conforme o evento a ser realizado. Uma biblioteca e espaço de leitura com acervo diversificado e um espaço confortável para leitura e estudo. E, por fim, na parte externa um café, um anfiteatro para apresentações culturais e eventos comunitários e um pátio coberto para exposições, eventos sociais e atividades comunitárias.

O setor administrativo deverá conter áreas dedicadas aos funcionários como copa, área de descanso, vestiário e banheiros acessíveis. Recepção e administração para atendimento ao público e espaço de trabalho para a equipe.

Por fim, o setor de serviços abrigará um depósito para armazenamento de materiais e equipamentos e áreas técnicas para a operação eficiente e segura do centro cultural e um estacionamento. Conforme o Decreto Municipal nº 2397, Seção VIII, Art. 77, a quantidade mínima de vagas exigidas para usos culturais é de 1 (uma) vaga por 30m<sup>2</sup> de área de porte. No entanto, o objetivo deste projeto é promover a vitalidade urbana por meio do incentivo ao uso de bicicletas, integrando práticas sustentáveis e incentivando a mobilidade ativa para criar uma cidade mais dinâmica. Portanto, foram previstas a colocação de 3 (três) vagas para veículos automotores, sendo uma delas destinada a pessoas com deficiência (PCD). A Rua Lamenha Lins possui vagas para estacionamento que podem ser usadas pelos funcionários.

Na parte externa o projeto será ocupado de uma horta comunitária para cultivo de plantas, a fim de promover a educação ambiental e interação comunitária e jardins sensoriais que proporcionem um ambiente relaxante e inclusivo.

Portanto, para que o centro cultural de bairro seja eficiente, é fundamental que cada espaço seja projetado com flexibilidade e adaptabilidade, permitindo que o centro possa evoluir e responder às necessidades da comunidade ao longo do tempo. Além disso, a acessibilidade deve ser uma prioridade, garantindo que todos

os membros da comunidade possam usufruir dos recursos e atividades oferecidos. Assim, o centro cultural não apenas servirá como um espaço dinâmico e integrador para atividades culturais e sociais, mas também como um exemplo de práticas sustentáveis e inclusivas.

**Figura 72 - Programa de necessidades do Centro Cultural de bairro**

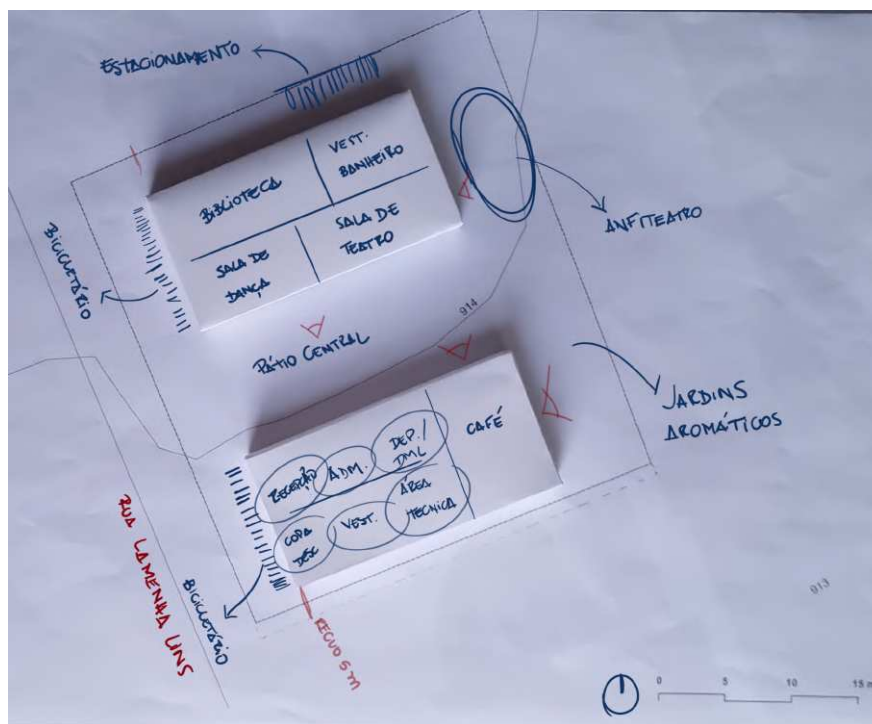
<b>Setor Cultural</b>		<b>Setor Administrativo</b>	
Banheiro e vestiário	40 m <sup>2</sup>	Copa e área de descanso	40 m <sup>2</sup>
Biblioteca com espaço de leitura	120 m <sup>2</sup>	Banheiro e vestiário	20 m <sup>2</sup>
Café	65 m <sup>2</sup>	Administração	25 m <sup>2</sup>
Anfiteatro	40 m <sup>2</sup>	Recepção	15 m <sup>2</sup>
Pátio Coberto	160 m <sup>2</sup>		
		<b>Setor de Serviços</b>	
<b>Salas de atividades específicas</b>	<b>180 m<sup>2</sup></b>	Depósito/DML	20 m <sup>2</sup>
Sala de cerâmica	60 m <sup>2</sup>	Áreas técnicas e centrais de gás e lixo	15 m <sup>2</sup>
Sala de costura	60 m <sup>2</sup>	Estacionamento	45 m <sup>2</sup>
Sala de informática	60 m <sup>2</sup>		
<b>Salas de atividades artísticas</b>	<b>180 m<sup>2</sup></b>		
Sala de pintura de tela e aquarela	60 m <sup>2</sup>		
Sala de desenho e escrita	60 m <sup>2</sup>		
Sala de encadernação e litografia	60 m <sup>2</sup>		
<b>Salas de atividades corporais</b>	<b>150 m<sup>2</sup></b>		
Sala de dança	75 m <sup>2</sup>		
Sala de teatro	75 m <sup>2</sup>		

**Fonte: Autoria própria, 2024**

A partir da descrição e pré-dimensionamento dos ambientes, os estudos orientam-se para as estratégias de ocupação do terreno. O acesso principal dos pedestres ocorre a partir do pátio coberto, inicialmente passando pelo setor administrativo, que está concentrado na porção sudeste do terreno, juntamente com o setor de serviços. O pátio tem a função de ser o elemento conector de todos os ambientes, servindo como espaço de passagem, de exposição e até mesmo de plateia para as salas de dança e teatro, que poderão se abrir para este pátio em dias de eventos. O café está voltado para a parte posterior da edificação, com o intuito de otimizar a utilização do terreno e dos jardins sensoriais. O anfiteatro presente na

parte externa do projeto visa reunir moradores para discussões de temas importantes e para o desenvolvimento da política local. Para que a biblioteca não sofra nenhuma interferência sonora das salas e da rua, planeja-se utilizar de sistemas antirruído, como painéis absorventes acústicos.

**Figura 73 - Croqui do pavimento térreo**



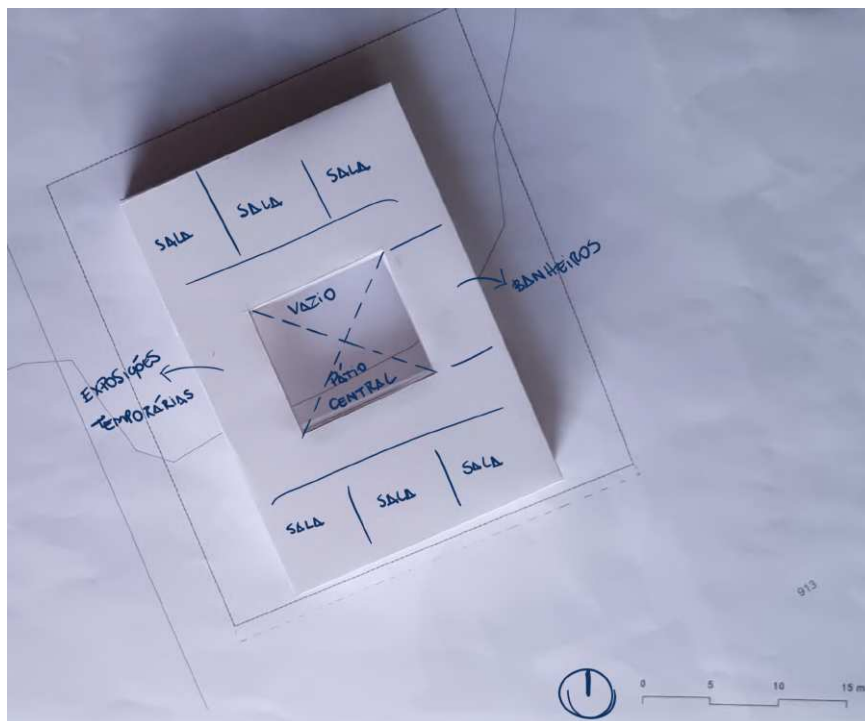
**Fonte: Autoria própria, 2024**

O primeiro pavimento é dedicado às atividades culturais. Desse modo, trata-se de abrigar todas as salas de atividades, com exceção das atividades corporais. As salas deverão estar equipadas de acordo com as atividades que serão realizadas. Por exemplo, as salas artísticas de pintura e cerâmica deverão ter espaços para a higienização das mãos e objetos. Além disso, o vazio central do pavimento permite que os indivíduos possam observar o que acontece no pátio presente no térreo. Por fim, planeja-se um terraço que abrigue atividades voltadas para o público infantil, com brinquedos que auxiliem no desenvolvimento.

Para que o sentimento de pertencimento seja cultivado, é necessário envolver todas as faixas etárias presentes no bairro. Isso requer a implementação de atividades fixas, bem como eventos e atividades rotativas, como workshops e palestras, com uma abordagem abrangente. O espaço para exposição deverá ser aberto, para que os participantes possam ver o que está sendo produzido dentro do

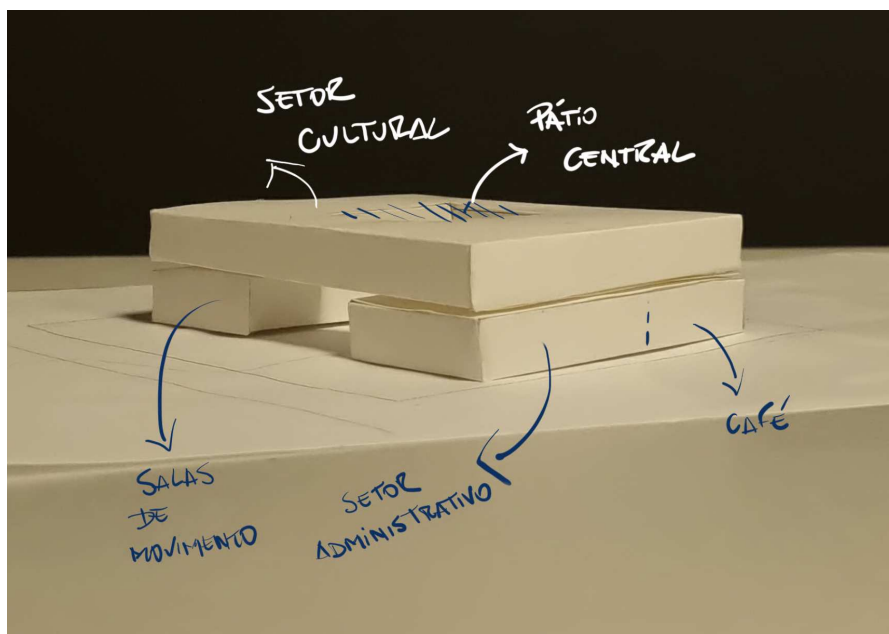
centro cultural, servindo como incentivo para que haja cada vez mais objetos produzidos e expostos.

Figura 74 - Croqui do primeiro pavimento



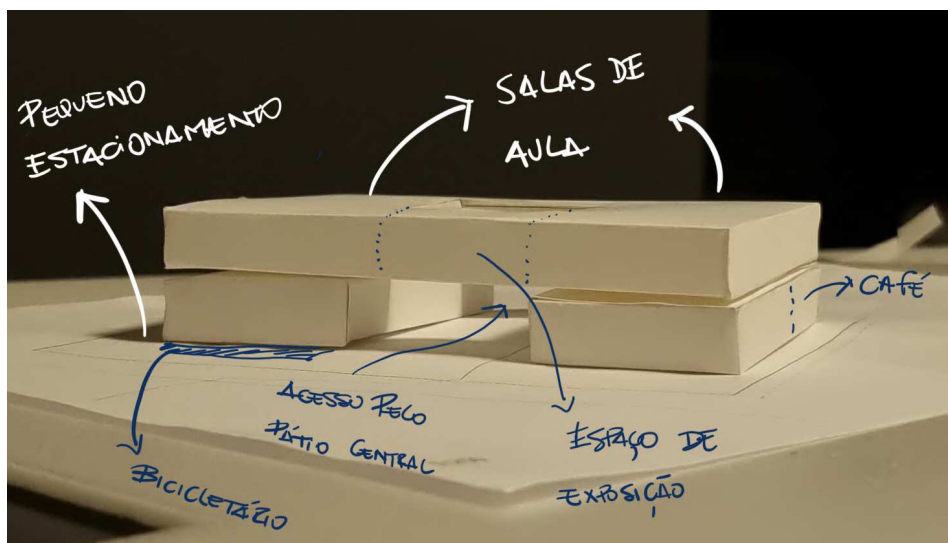
Fonte: Autoria própria, 2024

Figura 75 - Maquete esquemática de setorização



Fonte: Autoria própria, 2024

Figura 76 - Maquete esquemática dos principais espaços do centro de bairro



Fonte: Autoria própria, 2024

O objetivo do centro cultural de bairro é promover a identidade e o pertencimento à cidade de Curitiba. Portanto, a utilização de materiais que transmitem o sentimento de acolhimento é importante, como a madeira e materiais mais translúcidos que permitam a passagem de luz natural e a integração visual com o ambiente externo. Esses materiais possibilitam criar espaços mais convidativos e confortáveis, favorecendo a sensação de bem-estar e conexão entre os usuários e o lugar.

## 6. RESULTADOS PROJETUAIS

Dado o relevante valor histórico do bairro Rebouças, observa-se que a implantação de um equipamento comunitário com finalidade cultural pode contribuir significativamente para a requalificação do espaço urbano. Além de sua função primária, esse tipo de equipamento pode atuar indiretamente como um vetor de segurança e incentivo à mobilidade ativa, estimulando a chegada ao local por meios sustentáveis, como a bicicleta. Dessa maneira, um centro cultural de bairro não apenas supre a demanda por espaços de convivência e produção cultural, mas também fortalece a identidade local, promovendo novas interações sociais e ampliando o sentimento de pertencimento ao território.

A arquitetura, quando concebida de maneira gentil e integrada ao espaço urbano, tem o potencial de fomentar a interação social, configurando-se não apenas como um ponto de encontro, mas também como um espaço identitário e de expressão política. Além disso, a materialidade desempenha um papel fundamental na construção da atmosfera afetiva e na maneira como os indivíduos percebem e experimentam os ambientes. Nesse contexto, a madeira se destaca como um elemento essencial na composição estrutural, permanecendo exposta em todos os ambientes para estimular a interação direta com suas propriedades táteis, olfativas e visuais. A textura singular, variação tonal e aroma característico evocam a presença da natureza, proporcionando uma experiência que remete ao conforto, à familiaridade e ao bem-estar. Ao transmitir a sensação de acolhimento e aquecer visualmente os lugares, a madeira incentiva a permanência e a convivência, fortalecendo o vínculo emocional dos usuários com o local. Assim, sua escolha como material predominante não apenas qualifica os ambientes, mas também estabelece uma conexão profunda com a memória e a identidade do lugar, reforçando sua relação com a cidade e seus habitantes.

Além da utilização da madeira, o projeto se distingue pelo uso predominante do policarbonato duplo, que envolve o primeiro pavimento de forma integral, tanto internamente quanto externamente. Essa estratégia de envoltória opaca permite que o edifício se ilumine de maneira espontânea, irradiando luz para o espaço público e, assim, potencializando a segurança no entorno ao anoitecer. A leveza visual do

policarbonato, somada à transparência e sutileza do material, contribui para uma leitura arquitetônica que transmite fluidez e transparência. Com base no zoneamento do bairro, que permite uma altura máxima de 10 metros, o centro de bairro se organiza em dois pavimentos, complementados por uma cobertura em formato borboleta, revestida com telhas metálicas trapezoidais, o que proporciona tanto eficiência estrutural quanto um caráter distintivo à volumetria do edifício.

Para potencializar a sensação de pertencimento e enraizamento dos usuários, a integração de elementos naturais se revela como um aspecto fundamental no projeto. A presença de jardins e flores, dispostos de maneira estratégica, cumpre um papel crucial ao promover uma relação contínua com a natureza, além de fortalecer os vínculos afetivos dos indivíduos com o centro de bairro. Um jardim centralizado, iluminado por uma claraboia, configura-se como o núcleo do projeto, situado à frente de uma escada helicoidal metálica que, além de facilitar a circulação, reforça a estética e a fluidez do ambiente. Adicionalmente, os espaços destinados aos funcionários foram projetados para se integrar diretamente às áreas públicas, criando uma interação constante entre os usuários e a equipe, o que intensifica a troca social e fomenta um ambiente colaborativo e comunitário. A disposição desses elementos visa, portanto, criar uma atmosfera que favorece o pertencimento e a vivência compartilhada, componentes essenciais para o fortalecimento dos laços com o centro cultural e a cidade.

Ademais, uma biblioteca foi integrada ao projeto, acompanhada de um café voltado para os fundos do terreno. Este espaço multifuncional proporciona aos usuários a possibilidade de se engajar em atividades de leitura, expressão política ou de se alimentar, criando um ambiente acolhedor e estimulante, propício ao aprendizado e ao lazer. A integração entre a biblioteca, o café e o jardim estabelece uma dinâmica que favorece o convívio social, a reflexão individual e o fortalecimento da vida comunitária, aspectos fundamentais para a consolidação do centro como um autêntico ponto de encontro e pertencimento no bairro.

As atividades propostas no projeto estão voltadas para a expressão artística corporal e manual, contemplando diversas formas de desenvolvimento criativo. Dessa maneira, o pavimento térreo foi destinado a abrigar espaços de desenvolvimento manual como cerâmica e costura, enquanto o pavimento superior

oferece salas para dança, teatro, serigrafia e pintura. Um dos objetivos do projeto é fomentar a troca cultural e o fortalecimento da economia local, promovendo atividades que não apenas envolvem os moradores, mas também contribuem para a dinâmica comercial do bairro. As peças produzidas nas oficinas poderão ser expostas no pátio central e, eventualmente, disponibilizadas para venda em feiras organizadas no próprio centro, criando uma interface entre o aprendizado, a produção artística e o mercado local, estimulando o comércio e a valorização dos saberes locais.

Em síntese, o projeto de um centro cultural de bairro no contexto do Rebouças, ao integrar de forma cuidadosa e estratégica elementos de natureza, arquitetura e materialidade, busca não apenas atender às necessidades de convivência e expressão artística da comunidade, mas também reforçar a identidade local e o fortalecimento dos vínculos sociais. A utilização de madeira, policarbonato e a integração de espaços multifuncionais, como a biblioteca e o café, criam um ambiente dinâmico e acolhedor, propício ao intercâmbio cultural e à formação de um elo duradouro entre os moradores e o território. Com a inclusão de atividades que estimulam o desenvolvimento criativo e o empreendedorismo local, o centro de bairro se configura como um ponto central na requalificação urbana e na revitalização do espaço público, impulsionando a mobilidade ativa, a segurança e a sensação de pertencimento. Dessa forma, o projeto não se limita a ser um equipamento cultural, mas transforma-se em um agente modificador da paisagem urbana e do cotidiano das pessoas, refletindo e ampliando os valores coletivos e individuais de uma comunidade que se reconhece na cidade e no seu espaço construído.

## 7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após a interpretação do referencial teórico, é possível compreender que o estudo da metamorfose do espaço público revela como a arquitetura e o urbanismo não apenas moldam a estrutura física das cidades, mas também influenciam profundamente a identidade e a política da urbe. O espaço público, em sua diversidade e vitalidade, é um palco dinâmico de apropriação e interação, onde os sentidos e sentimentos dos indivíduos são continuamente moldados, gerando a memória coletiva emotiva. Neste contexto, a arte e a arquitetura se entrelaçam para criar espaços culturais ativos que promovem a identidade e o pertencimento. Assim, o centro de bairro emerge como um articulador essencial da identidade local, ao fortalecer os laços afetivos entre os habitantes e a cidade, promovendo a vitalidade urbana e celebrando a riqueza cultural da comunidade.

Com base nas análises realizadas, é possível observar que a presença de centros culturais no Brasil é escassa e que os espaços disponíveis nesses centros muitas vezes carecem de especificidade, tornando-os suscetíveis à obsolescência em curto prazo. Esta constatação revela uma lacuna significativa na infraestrutura cultural do país, comprometendo a promoção e preservação das expressões artísticas e culturais locais.

Ao analisar a cidade de Curitiba, fica evidente que a falta de equipamentos culturais eficazes na cidade representa um obstáculo significativo para o desenvolvimento do sentimento de pertencimento local. A ausência ou inadequação desses recursos não apenas limita o acesso da população a eventos e espaços culturais, mas também afeta negativamente a identidade cultural da comunidade e sua capacidade de expressão artística. Portanto, para fortalecer o vínculo entre os cidadãos e sua herança cultural, ao mesmo tempo em que estimula o desenvolvimento social e político, é necessário que equipamentos culturais de bairro sejam desenvolvidos.

Desse modo, a implementação de um centro cultural de bairro com espaços multifuncionais constitui uma estratégia fundamental para a promoção da cultura e da coesão social no ambiente urbano. A flexibilidade programática desse tipo de equipamento possibilita a realização de uma diversidade de atividades culturais, garantindo a rotatividade de usos e a adaptação às demandas específicas da

comunidade. Ao estimular a participação ativa dos cidadãos e ampliar as oportunidades de intercâmbio sociocultural, tais lugares contribuem não apenas para o fortalecimento do senso de pertencimento, mas também para a qualificação do tecido urbano, tornando a cidade mais inclusiva, dinâmica e culturalmente enriquecida.

A relação entre arte, cultura e desenvolvimento urbano é um tema recorrente ao longo da história, evidenciando-se como um fator essencial para a evolução das sociedades. Estudos sobre a configuração das cidades demonstram que a arte e a cultura não apenas refletem os valores e transformações sociais ao longo dos séculos, mas também desempenham um papel ativo na construção do tecido urbano e na promoção do bem-estar coletivo. A arquitetura, nesse contexto, torna-se um meio fundamental para viabilizar espaços que fomentem tais expressões, proporcionando locais seguros, acessíveis e adequados para a realização de atividades culturais. Dessa maneira, compreende-se que o desenvolvimento das cidades está intrinsecamente ligado à presença e valorização da arte, que atua como catalisadora de interações sociais e fortalecedora do sentimento de pertencimento.

No cenário contemporâneo, um dos desafios centrais para a valorização da arte e da cultura nos espaços urbanos reside na necessidade de criar ambientes que incentivem a participação ativa da comunidade. A arte, ao ser inserida no espaço público, transforma não apenas a paisagem urbana, mas também a percepção dos indivíduos sobre o ambiente em que vivem, promovendo identidade, pertencimento e memória coletiva. Ao destacar o impacto positivo da arte e da cultura na formação da identidade social e no bem-estar emocional da população, reforça-se a importância da arquitetura na concepção de equipamentos culturais que dialoguem com o contexto local.

A análise de centros culturais em diferentes países permite compreender como a cultura se manifesta e se desenvolve de maneira única em cada território, adaptando-se a contextos históricos, sociais e políticos distintos. Esses estudos fornecem subsídios fundamentais para a criação de lugares que não apenas atendam às necessidades da população, mas que também potencializam a interação entre indivíduos e sua herança cultural. Assim, ao integrar arte, cultura e arquitetura no planejamento urbano, torna-se possível construir cidades mais

inclusivas, dinâmicas e sensíveis às múltiplas formas de expressão que compõem a identidade de uma sociedade.

Dessa forma, a criação de centros culturais de bairro configura-se como um instrumento fundamental para a requalificação do espaço urbano, à medida que fomenta novas dinâmicas sociais e fortalece os vínculos entre a comunidade e seu entorno. A arquitetura, ao conceber espaços culturais acessíveis e programaticamente versáteis, viabiliza não apenas a difusão da cultura, mas também a consolidação de identidades coletivas e o estímulo à participação cidadã. Assim, a incorporação planejada desses equipamentos no tecido urbano não apenas amplia o acesso à cultura, mas também potencializa a coesão social e contribui para a construção de cidades mais inclusivas, resilientes e culturalmente enriquecidas.

## REFERÊNCIAS

ADBALLA, Sharon. **Reforma traz brilho ao casarão**. Gazeta do Povo, Curitiba, 29 mar. 2014. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/imoveis/reforma-traz-brilho-ao-casarao-24poxn3p wjvtx9ocolpma3vbi/>. Acesso em: 26 mai 2024.

ALVES, Giovana Cruz. **Arquitetura, linguagem e percepção em museus e centros culturais contemporâneos: polissemas no Oi Futuro Flamengo**. Orientador: Professora Doutora Cêça Guimaraens. 2013. 207 f. Dissertação (Mestrado em Ciências em Arquitetura, Linha de pesquisa Teoria, História e Crítica.) - UFRJ, FAU, Rio de Janeiro, 2013. Disponível em: <http://objdig.ufrj.br/21/teses/796760.pdf>. Acesso em: 22 abr. 2024.

ARCHDAILY. **Centro Cultural PILARES / Rozana Montiel | Estudio de Arquitectura**" [PILARES Presidentes de México / Rozana Montiel | Estudio de Arquitectura] 07 Nov 2022. ArchDaily Brasil. Acessado 1 Mai 2024. Disponível em: <https://www.archdaily.com.br/br/991674/centro-cultural-pilares-rozana-montiel-estudio-de-arquitetura>

ARCHDAILY. **Civic Centre Lleialtat Santsenca 1214 / HARQUITECTES** 04 Feb 2021. ArchDaily. Acessado 1 Mai 2024. <https://www.archdaily.com/889515/civic-centre-lleialtat-santsenca-1214-harquitectes> > ISSN 0719-8884

ARGAN, Giulio C. **História da arte como história da cidade**. 5ª edição, São Paulo, Martins Fontes, 2005.

ARQUITECTURA VIVA. **Civic Center Lleialtat Santsenca, Barcelona**. Acesso 1 Mai 2024. Disponível em: <https://arquitecturaviva.com/works/centro-civico-lleialtat-santsenca-3>

ARQUITECTURA VIVA. **Pilares Presidentes Center in Mexico City**. Acessado 1 Mai 2024. Disponível em: <https://arquitecturaviva.com/works/pilares-presidentes-center-in-mexico-city>

BACHELARD, Gaston. **A poética do devaneio**. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

BLOOMER, Kent C.; MOORE, Charles W. *Body, memory and architecture*. New Haven: Yale University Press, 1977.

BORJA, J.; MUXÍ, Z. **El espacio público: ciudad y ciudadanía**. Barcelona: Editora Electa, 2003.

CASANOVA, Maria Eduarda. **Ressignificação de uma travessia: Ocupação dos espaços subutilizados na região central de Ribeirão Preto**. Orientador: Fernando Gobbo Ferreira. 2023. 134 f. Trabalho de finalização de graduação (Bacharelado em Arquitetura e Urbanismo) - Centro Universitário Barão de Mauá, Ribeirão Preto, 2023.

CASTELNOU, Antonio Manuel Nunes. **Parques urbanos de Curitiba: de espaços de lazer a objetos de consumo**. Cadernos de Arquitetura e Urbanismo, Belo Horizonte, v. 13, p. 53-73, 2006. Disponível em: <https://periodicos.pucminas.br/index.php/Arquiteturaeurbanismo/article/view/832>. Acesso em: 8 maio 2024.

CAVALCANTE, Sylvia; NÓBREGA, Lana M. A. **Espaço e ambiente**. In: CAVALCANTE, Sylvia; ELALI, Gleice A. (org.). Temas básicos em psicologia ambiental. Petrópolis: Vozes, 2011. p.182-189.

**Centro Cívico Lleialtat Santsenca**. Disponível em: <<https://www.harquitectes.com/proyectos/lleialtat-santsenca-1214/>>. Acesso em: 1 mai 2024.

**Centro Cultural São Paulo**. Disponível em: <<https://centrocultural.sp.gov.br/>>.

**CENTRO cultural Lá da Favelinha**. Belo Horizonte, 2017. Disponível em: <https://ladafavelinha.com.br/quem-somos/centro-cultural/>. Acesso em: 23 maio 2024.

**Centro Cultural Lá da Favelinha: uma ponte morro-asfalto-morro**. Marina Vilela Barreira e Anna Gabriela Alves Lobato, 22 mai. 2022. Disponível em: <https://vitruvius.com.br/revistas/read/projetos/22.257/8543?page=1> . Acesso em: 23 maio 2024.

**CENTRO Cultural Lá da Favelinha / Coletivo LEVANTE**. Archdaily Brasil: Susanna Moreira, 9 abr. 2023. Disponível em: <https://www.archdaily.com.br/br/976529/centro-cultural-la-da-favelinha-coletivo-levant> e. Acesso em: 23 maio 2024.

COELHO, Teixeira. **Dicionário Crítico de Política Cultural**. São Paulo: Iluminuras, 1997.

COELHO, Teixeira. **Usos da cultura: políticas de ação cultural**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

DEZEEN. **Rozana Montiel designs Mexico City community centre as "recreational cultural oasis"** 05 Nov 2022. Acessado 1 Mai 2024. Disponível em: <https://www.dezeen.com/2022/11/05/rozana-montiel-courtyard-mexico-city-community-centre/>

**Diagnóstico Regional Matriz. IPPUC**. Disponível em: <[https://ippuc.org.br/storage/uploads/3016c2d9-2f65-4626-8e23-a7347be29896/mz\\_-\\_diagnostico\\_2021\\_-\\_dig.pdf](https://ippuc.org.br/storage/uploads/3016c2d9-2f65-4626-8e23-a7347be29896/mz_-_diagnostico_2021_-_dig.pdf)> . Acesso em: 13 mai 2024.

DIAS, Fernanda P. **A cidade e os afetos: micro histórias urbanas do caminhar**. Tese (mestrado) – Universidade Federal Fluminense. Niterói, f. 2020.

DIVISARE. **PILARES / Rozana Montiel | Estudio de Arquitectura**. Acessado 1 Mai 2024. Disponível em:  
<https://divisare.com/projects/476649-rozana-montiel-sandra-pereznieto-pilares>

DUHAU, Emilio. **As novas formas da divisão social do espaço nas metrópoles latino americanas: uma visão comparativa a partir da cidade do México**. Caderno CRH [em linha]. 2005, 18(45), 353-376[fecha de Consulta 27 de Abril de 2024]. ISSN: 0103-4979. Disponível em:  
<https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=347632238003>

FERNANDES, Fernanda. Síntese das Artes e cultura urbana: **Relações entre arte, arquitetura e cidade**. São Paulo, 2016. Disponível em:  
<https://docomobrasil.com/wp-content/uploads/2016/01/176.pdf>. Acesso em: 23 abr. 2024.

FLORENZANO, Iaskara. **De primeiro polo industrial de Curitiba a 'ponto de passagem': entenda a história do bairro Rebouças**. Entrevista concedida ao Portal G1. Curitiba, fevereiro, 2023. Disponível em:  
<<https://g1.globo.com/pr/parana/noticia/2023/02/05/de-primeiro-polo-industrial-de-curitiba-a-ponto-de-passagem-entenda-a-historia-do-bairro-reboucas.ghtml>> . Acesso em 14 mai 2024.

GEHL, Jan. **Cidades para pessoas**. 3ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2015.

GROSSMANN, Martin. **Museu como interface**. In: GROSSMANN, Martin; MARIOTTI, Gilberto. (Org.) Museu Arte Hoje. São Paulo: Hedra, 2011. p. 193-220.

INOUE, Luciana Massami. **Morfologia urbana, paisagem e "Genius Loci"**. Oculum Ensaios, [S. l.], v. 19, p. 1–19, 2022. DOI: 10.24220/2318-0919v19e2022a4903. Disponível em: <https://seer.sis.puc-campinas.edu.br/oculum/article/view/4903>. Acesso em: 17 abr. 2024.

JACOBS, J. **Morte e vida de grandes cidades**. 3ª ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2022.

JACQUES, Paola Berenstein (Org.). Internacional Situacionista. **Apologia da deriva. Escritos situacionistas sobre a cidade**. Tradução: Escola de Santos Abreu e Paola Berenstein Jacques. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003.

NORBERG, Christian Schulz. **O fenômeno do lugar**. In: NESBITT, K. (org.). Uma nova agenda para a arquitetura: antologia teórica (1965-1995). São Paulo: Cosac Naify, 2008. p.441-473.

**LÁ da Favelinha: conheça o projeto que leva arte e empreendedorismo para o Aglomerado da Serra**. Sou BH, Belo Horizonte, 12 dez. 2018. Disponível em:  
<https://soubh.uai.com.br/noticias/gerais/conheca-projeto-leva-arte-empendedorismo-aglomerado-da-serra>. Acesso em: 23 maio 2024.

LEFEBVRE, Henri. **A produção do espaço**. Trad. Doralice Barros Pereira e Sérgio Martins (do original: La production de l'espace. 4ª ed. Paris: Éditions Anthropos, 2000). 2006 [1974].

Lei Municipal nº 15.511. **Lei de Zoneamento, uso e ocupação do solo no município de Curitiba**. 10 de outubro de 2019. Disponível em: <[https://ippuc.org.br/storage/uploads/40356512-c352-4d24-9f8e-4f5307f90648/lei\\_n%C2%BA\\_15.511\\_2019\\_atualizada\\_19\\_11\\_2019.pdf](https://ippuc.org.br/storage/uploads/40356512-c352-4d24-9f8e-4f5307f90648/lei_n%C2%BA_15.511_2019_atualizada_19_11_2019.pdf)> . Acesso em: 14 mai 2024.

LYNCH, Kevin. **A imagem da cidade**. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

MACEDO, Guilherme. **Mirage**. Prédios de Curitiba, Curitiba, 17 out 2020. Disponível em: <https://prediosdecureitiba.com.br/mirage/>. Acesso em: 26 mai 2024.

MARIUTTI, Julio; WISNIK, Guilherme. **Arquitetura: arte para as massas**. In: MARIUTTI, Julio; WISNIK, Guilherme (org.). Espaço em obra: cidade, arte, arquitetura, 2018. São Paulo: Edições Sesc, 2018. p. 168-169.

MARTINS, Luciana; MALERONKA, Cristiano. **Desenho e Política**. In: CRULS, Lúcio; BARBUY, Henrique. (Orgs.) Arquitetura e Política. São Paulo: Editora Unesp, 2020. p. 177-194.

MEMÒRIA – **La Lleialtat Santsenca**. Disponível em: <<https://lleialtat.cat/memoria/>>. Acesso em: 1 mai 2024.

MILANESI, Luiz. **A casa da invenção: bibliotecas, centro de cultura**. São Paulo: Ateliê, 2003.

MIROCZNIK, Betty. **Além da arquitetura e da cidade, o lugar único**. Revista ARA, [S. l.], v. 7, n. 7, p. 173–191, 2019. DOI: 10.11606/issn.2525-8354.v7i7p173-191. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revistaara/article/view/161163..> Acesso em: 17 abr. 2024.

MORAES, Maria Lucia de; VELOSO, Tereza Cristina de Almeida; JORGE, Cristiane Conde. **Espaço e cidadania**. Cadernos de Psicologia Social do Trabalho, [S. l.], v. 13, n. 1, p. 111-125, 2023. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/cpst/article/view/33651>. Acesso em: 12 abr. 2024.

NARCISO, Carla A. F. **Espaço público: desenho, organização e poder: o caso de Barcelona**. Tese (Mestrado em Estudos Urbanos) – Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa. Lisboa, 165 f. 2008.

PALLAMIN, Vera. **Arte urbana como prática crítica**. In: PALLAMIN, Vera (org.) Cidade e cultura, esfera pública e transformação urbana. São Paulo: Estação Liberdade, 2002.

PALLASMAA, Juhani. **A geometria do sentimento: um olhar sobre a fenomenologia da arquitetura**, In: NESBITT, K. (org.). Uma nova agenda para a arquitetura: antologia teórica (1965-1995). São Paulo: Cosac Naify, 2008. p.482-488.

PALLASMAA, Juhani. **Os olhos da pele: a arquitetura e os sentidos**. Porto Alegre: Bookman, 2011.

PELLEGRINI, Fabrício Lopes. **Das cidades**. 2008. Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística) - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2008. Disponível em: <https://repositorio.bc.ufg.br/tede/bitstream/tde/1085/1/Dissertacao%20Fabrício%20Pellegrini.pdf>. Acesso em: 15 abr. 2024.

PEREIRA, Fernando. **Cidade: Múltiplos Espaços e Possibilidades**. Campinas: Editora da Unicamp, 2017.

PEREIRA, José R. A. **Introdução à história da arquitetura: das origens ao século XXI**. Porto Alegre: Bookman, 2010.

PEREIRA, Marisa; REQUIÃO, Carolina. **A experiência do Rebouças: criação de uma centralidade entre a cidade industrial e a cidade do conhecimento**. Monografia apresentada como exigência parcial para a obtenção do grau de Especialista em Gestão Urbana do curso de Pós-Graduação em Gestão Urbana - Pontifícia Universidade Católica do Paraná - PUC/PR, 2021. Disponível em: [https://www.biblioteca.pucpr.br/tede/tde\\_busca/arquivo.php?codArquivo=3053](https://www.biblioteca.pucpr.br/tede/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=3053). Acesso em 24 abr. 2024.

**Prefeitura de Curitiba**. Curitiba. Disponível em: <https://www.urbs.curitiba.pr.gov.br/comunidade/equipamento/ruas-da-cidadania>. Acesso em: 8 mai 2024.

PUC-PR. **Experiências urbanas em Curitiba: Três eixos de leitura para a urbanidade curitibana**. Centro de Pesquisa. Pontifícia Universidade Católica do Paraná – PUC/PR, 2019. Disponível em: <https://docplayer.com.br/146152708-Experiencias-urbanas-em-curitiba-tres-eixos-de-leitura-para-a-urbanidade-curitibana.html>. Acesso em: 17 abr. 2024.

ROLNIK, Raquel. **Territórios de exclusão**. Cadernos de Psicologia Social do Trabalho, [S. l.], v. 12, n. 1, p. 45-63, 2023. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/cpst/article/view/32591>. Acesso em: 12 abr. 2024.

ROTH, Leland M. **Entender a arquitetura: seus elementos, história e significado**. São Paulo: Editorial Gustavo Gili, 2017.

SANTANA, Eduardo. **Rua Lamenha Lins, em Curitiba, sai do Centro direto para a Favela do Valetão**. Tribuna, Curitiba, 04 jun. 2012. Disponível em: <https://www.tribunapr.com.br/noticias/parana/rua-lamenha-lins-em-curitiba-sai-do-centro-direto-para-a-favela-do-valetao/>. Acesso em: 26 mai 2024.

SANTOS, Cecilia Rodrigues dos; PEREIRA, Margareth da Silva. **Le Corbusier e o Brasil**. São Paulo: ProEditores, Tessela, 1987.

SOUZA, Eduardo. **Clássicos da Arquitetura: Centro Cultural São Paulo / Eurico Prado Lopes e Luiz Telles**. 26 Mai 2017. ArchDaily Brasil. Acessado 1 Mai 2024.

<<https://www.archdaily.com.br/br/872196/classicos-da-arquitetura-centro-cultural-sao-paulo-eurico-prado-lobos-e-luiz-telles>> ISSN 0719-8906

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

SENNETT, Richard. **Construir e habitar: ética para uma cidade aberta**. Trad. Clóvis Marques (do original: Buildings and dwelling: ethics for the city) 1ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2018.

SILVA, Márcia Regina Santini da. **A terceira margem da narrativa: um estudo da noção de espacialidade em narrativas contemporâneas**. 2010. Tese (Doutorado em Letras e Linguística) - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2010. Disponível em: [https://repositorio.bc.ufg.br/tde\\_busca/arquivo.php?codArquivo=2227](https://repositorio.bc.ufg.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=2227). Acesso em: 15 abr. 2024.

SUSSKIND, R. **Civic Centre Lleialtat Santsenca / HARQUITECTES**. Archdaily Brasil, 25 de janeiro de 2021. Disponível em: <https://www.archdaily.com/889515/civic-centre-lleialtat-santsenca-1214-harquitectes>. Acesso em: 25 abr. 2024.

UNESCO. Memory of the World Register. **Brasil - Inventário da Hemeroteca da Biblioteca de Manguinhos**. Disponível em: <<https://www.unesco.org/new/en/communication-and-information/memory-of-the-world/register/full-list-of-registered-heritage/registered-heritage-page-3/inventario-da-hemeroteca-da-biblioteca-de-manguinhos/>>. Acesso em: 13 mai. 2024.

VIDAL, Geraldo Magela. **Vila Capanema: preservação e memória de Curitiba**. Revista CPC, São Paulo, v. 18, p. 150-163, 2014. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/cpc/article/view/89251>. Acesso em: 14 mai. 2024.

ZANIRATO, Sílvia Helena. **Revitalização urbana e a questão social: notas sobre a gentrificação no Brasil**. Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais, [S. l.], v. 15, n. 2, p. 137-152, 2023. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=224126330007>. Acesso em: 12 abr. 2024.

ZEVI, Bruno. **Saber ver a arquitetura**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

ZUMTHOR, Peter. **Atmosferas**. Editorial Gustavo Gili, Barcelona. 2006.

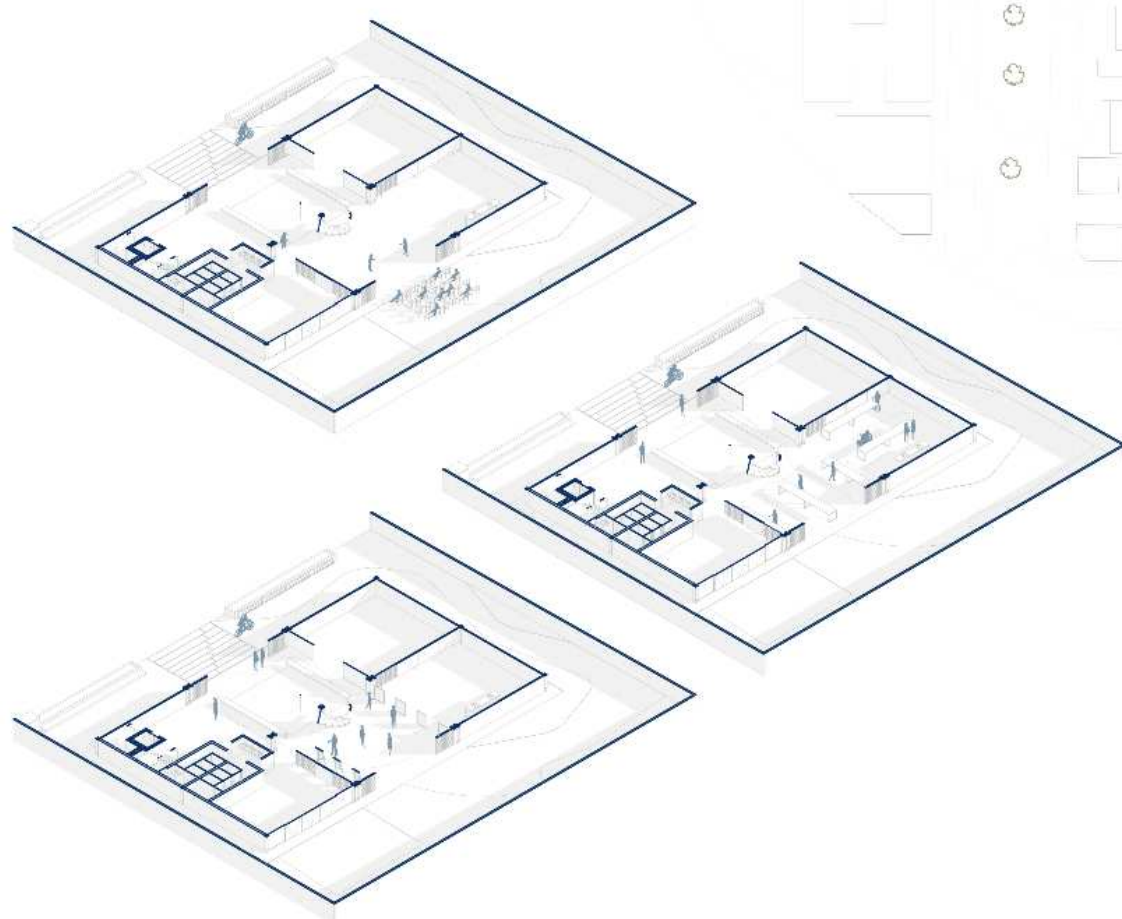
## **APÊNDICE A - Pranchas do anteprojeto**

## cultivar memórias

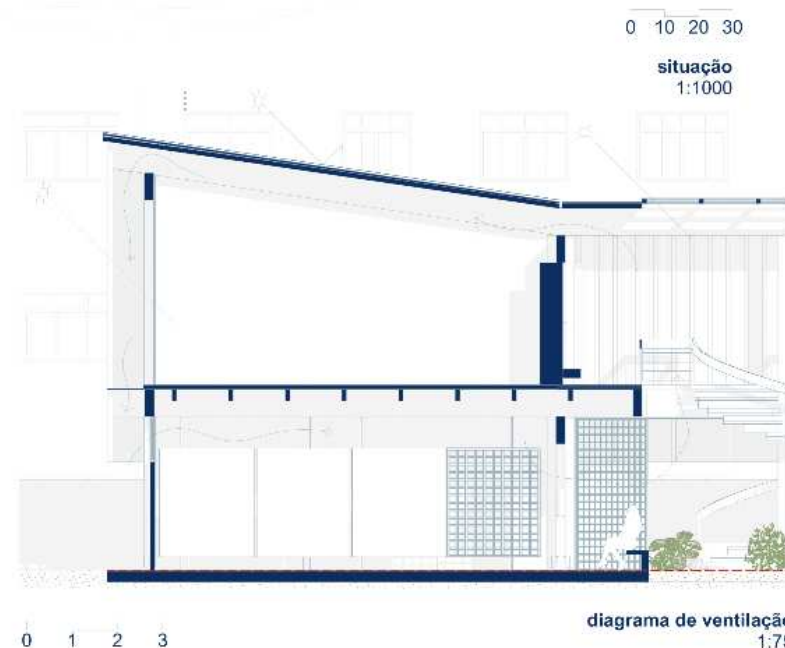
A arquitetura e as artes desempenham um papel fundamental na humanização dos espaços urbanos, mas cidades brasileiras, como Curitiba, enfrentam a escassez de centros culturais capazes de promover **pertencimento e identidade** local. Essa lacuna prejudica a interação social e cultural, limitando o **potencial** dos espaços públicos de **fortalecer vínculos emocionais e culturais** entre os cidadãos e a cidade. No contexto atual, a criação de espaços que integrem práticas artísticas, sociais e políticas é **essencial** para revitalizar a **vida urbana** e fomentar conexões significativas.

Diante dessa realidade, propõe-se a criação de um **centro cultural de bairro** que valorize a identidade local, promova a inclusão e **incentive a diversidade na esfera pública**. Este espaço busca não apenas atender às necessidades práticas do cotidiano, mas também oferecer experiências enriquecedoras, estimulando a **participação comunitária** e contribuindo para a **democratização da cultura**. A iniciativa justifica-se pela capacidade de fortalecer a **autonomia da comunidade**, além de incentivar a **criatividade** na busca por soluções para os desafios sociais e urbanos.

Para isso, o projeto busca compreender o **papel histórico da arte e cultura** na formação das cidades, identificar os **desafios** contemporâneos da **valorização cultural** e explorar referências nacionais e internacionais de centros culturais. Além disso, analisar da cidade de Curitiba para definir um local estratégico para implantação do centro e estabelecer diretrizes projetuais que **promovam pertencimento e integração social**, contribuindo para um espaço urbano mais humano e participativo.



possíveis usos do pátio central  
sem escada

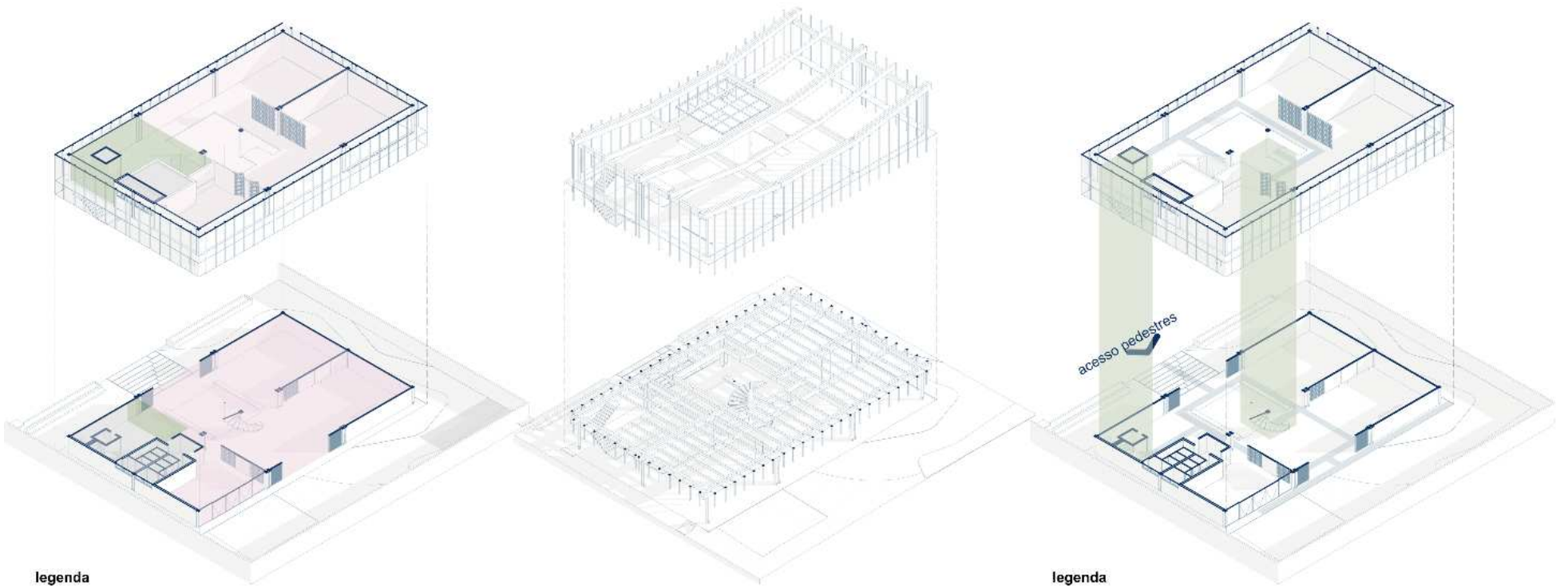


## memorial justificativo

O bairro **Rebouças** foi escolhido como local estratégico para o projeto devido ao seu relevante **caráter histórico** na cidade de Curitiba. Com a realocação do antigo polo industrial, o bairro passou a apresentar uma **carência de equipamentos** urbanos capazes de revitalizar as ruas e resgatar a vivacidade da região. Essa realidade reforça a **necessidade** de iniciativas que promovam a **reconexão** da comunidade com o espaço urbano, fortalecendo o **sentimento de pertencimento**.

O projeto, com o objetivo de **estreitar os laços comunitários**, adota como conceito principal o uso da **madeira** em sua estrutura, priorizando uma estética acolhedora. Para enfrentar a incidência solar excessiva na fachada principal, voltada para o oeste, optou-se pela aplicação de **policarbonato**, que atua como um elemento de proteção e conforto ambiental. Internamente, os ambientes foram projetados com **cortinas** no lugar de paredes fixas, proporcionando flexibilidade e adaptabilidade dos espaços às diferentes necessidades da comunidade.

Essa abordagem busca não apenas **valorizar a memória e a identidade** do bairro, mas também criar um espaço funcional, que estimule a **interação social** e cultural entre os moradores. Assim, o projeto almeja contribuir para a revitalização do Rebouças em uma proposta que coloca a comunidade no centro de sua concepção.



**legenda**  
■ administrativo  
■ cultural  
■ serviço

**setorização**  
sem escala

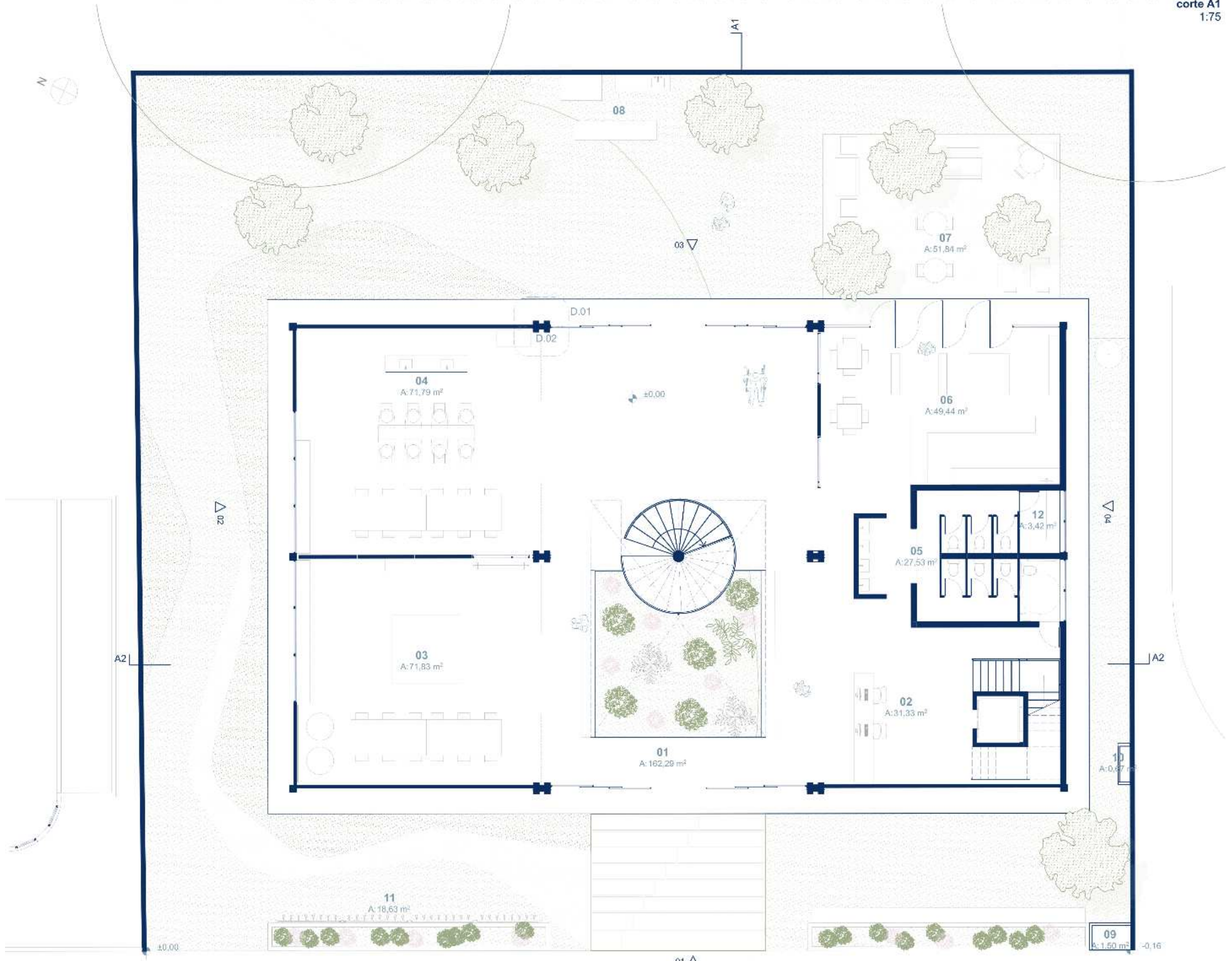
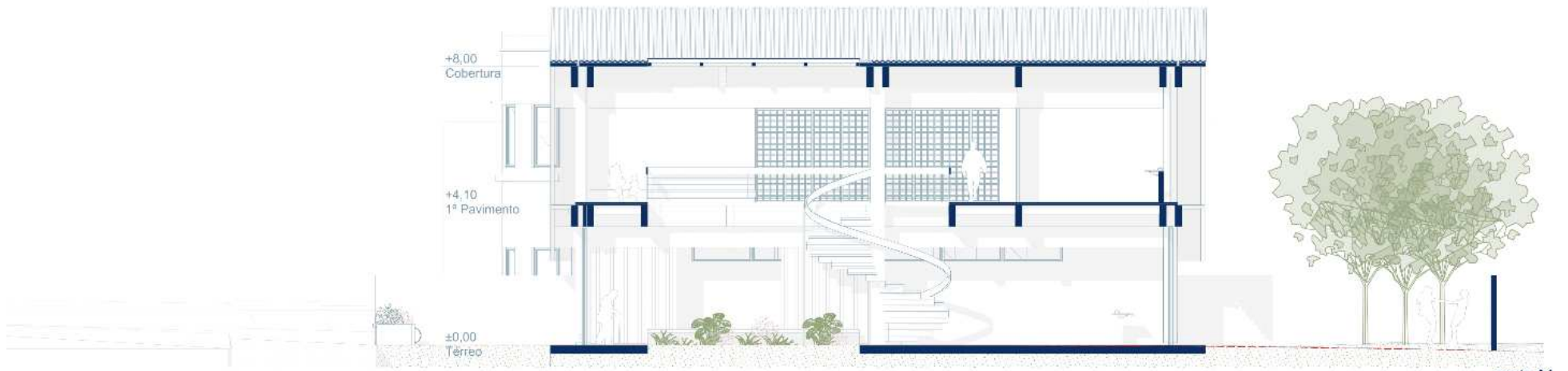
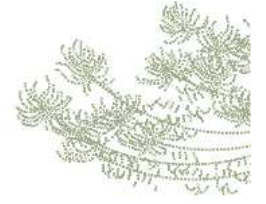
**sistema estrutural**  
sem escala

**legenda**  
■ público  
■ serviço  
■ vertical

**fluxos e circulação**  
sem escala



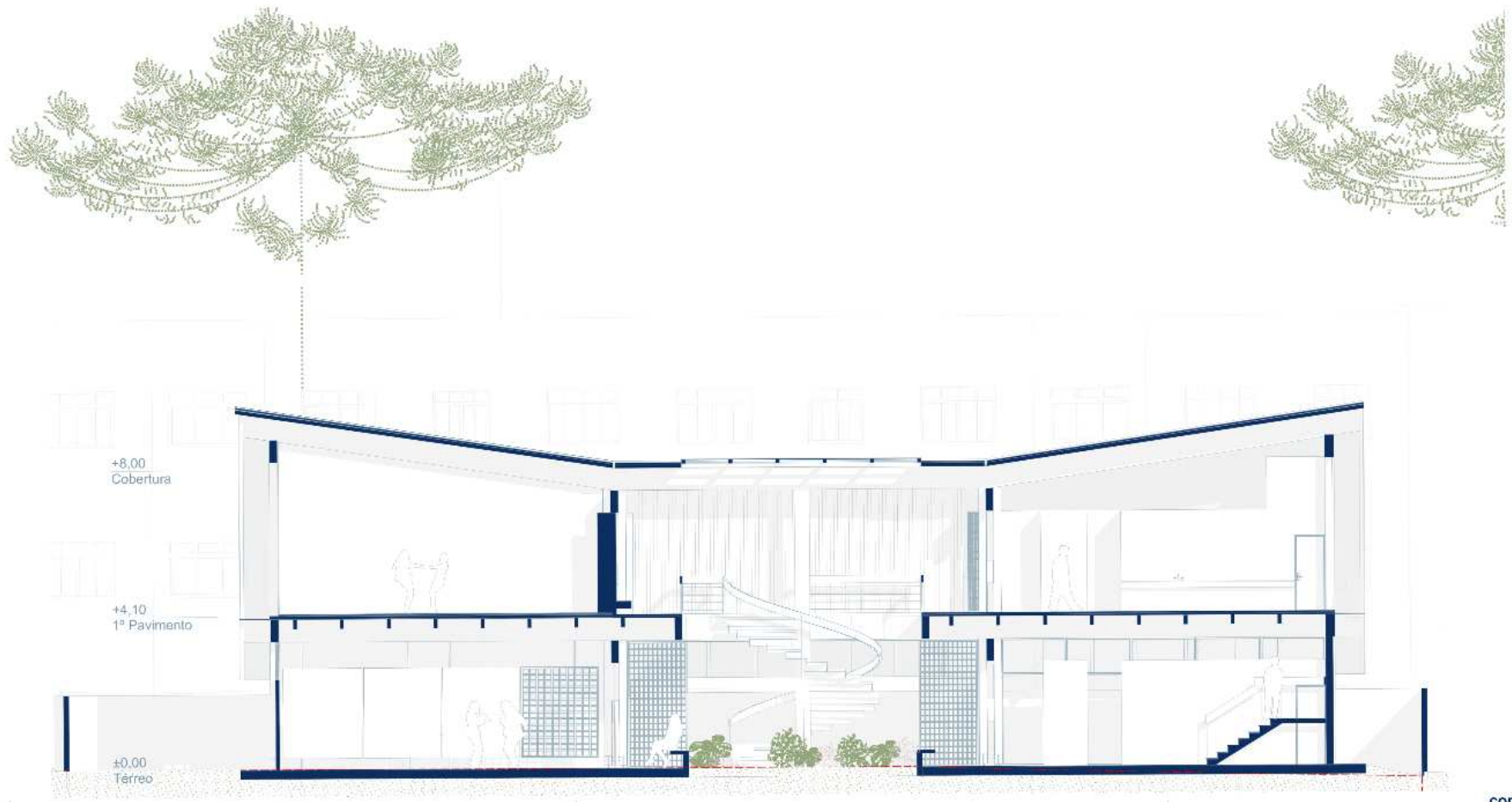
**implantação**  
1:75



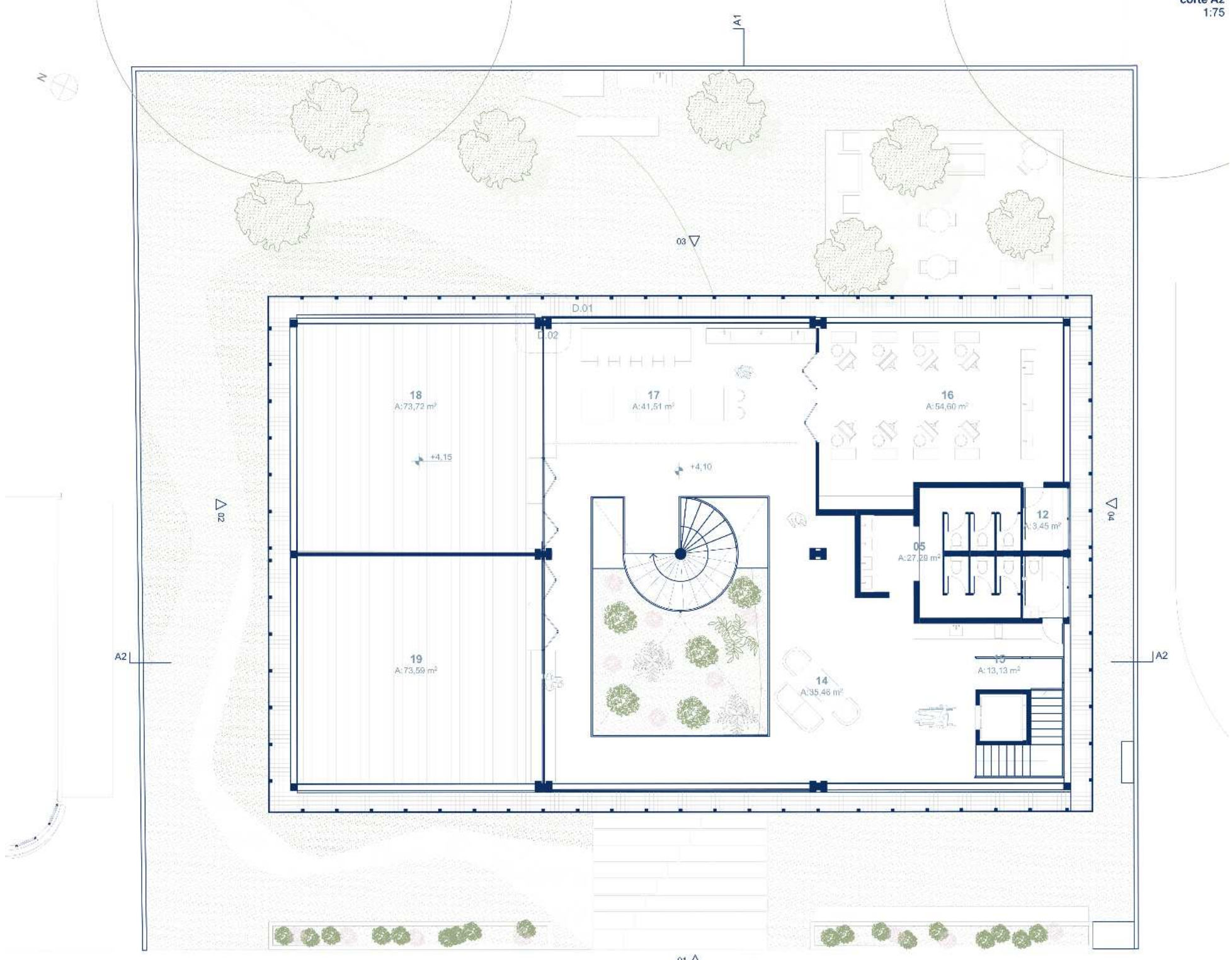
- |                     |                      |                 |                       |                   |
|---------------------|----------------------|-----------------|-----------------------|-------------------|
| 01 pátio central    | 05 banheiro          | 09 área de lixo | 14 área de descanso   | 18 sala de dança  |
| 02 recepção         | 06 café e biblioteca | 10 casa de gás  | 15 coz. funcionários  | 19 sala de teatro |
| 03 sala de costura  | 07 jardim            | 11 bicicletário | 16 sala de pintura    |                   |
| 04 sala de cerâmica | 08 sala raku         | 12 DML          | 17 sala de serigrafia |                   |

0 1 2 3

planta térreo  
1:75

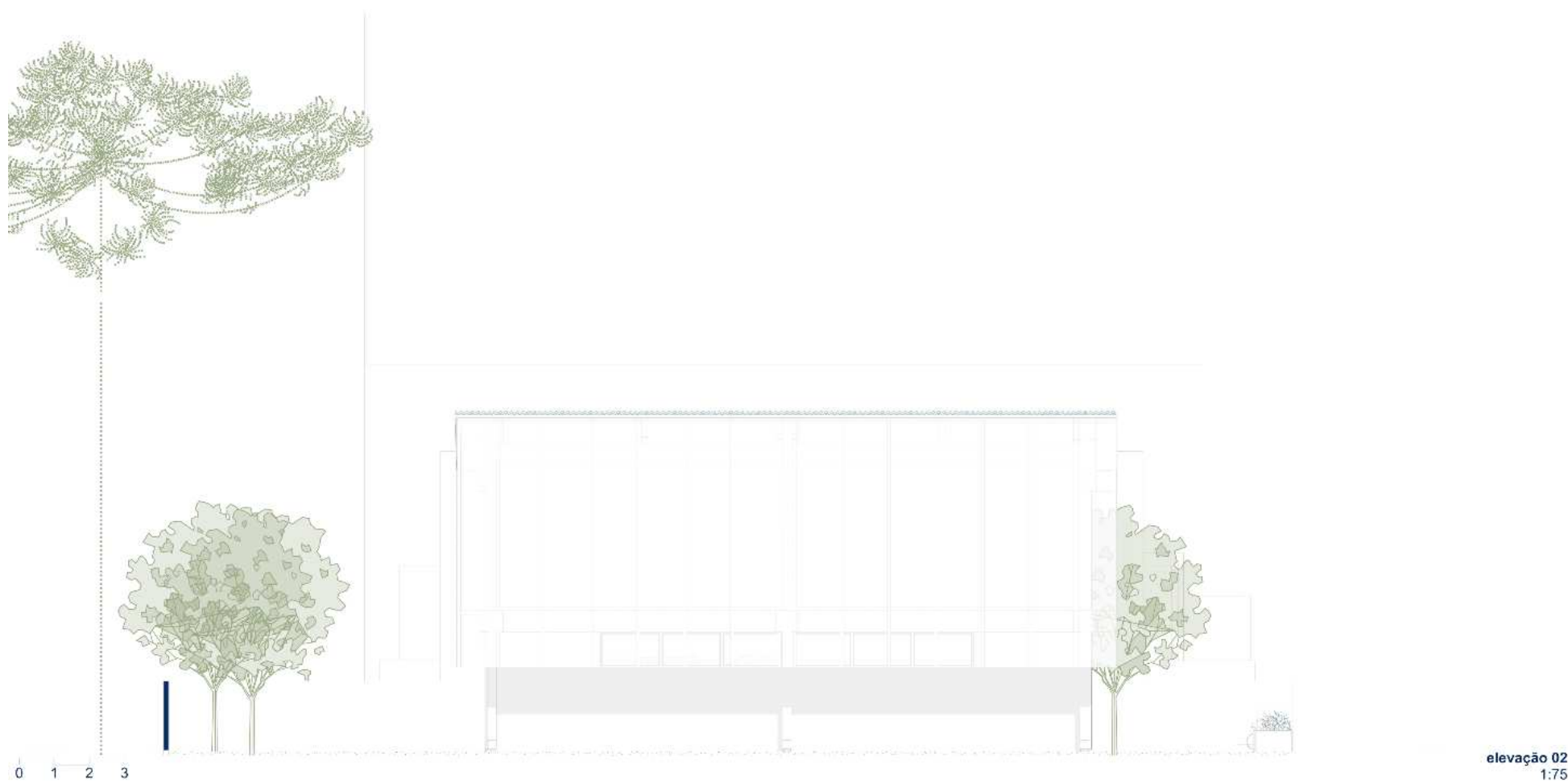
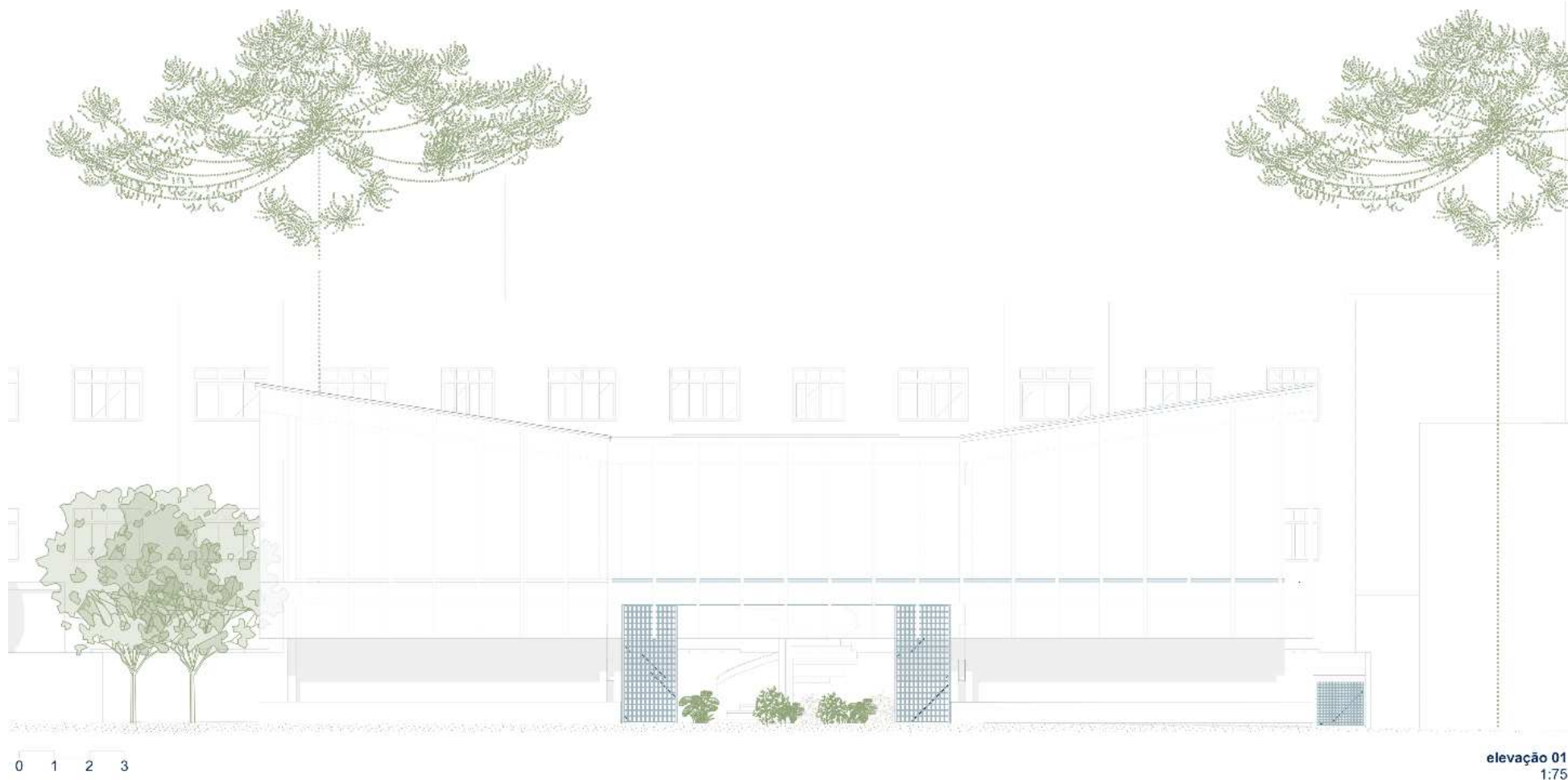


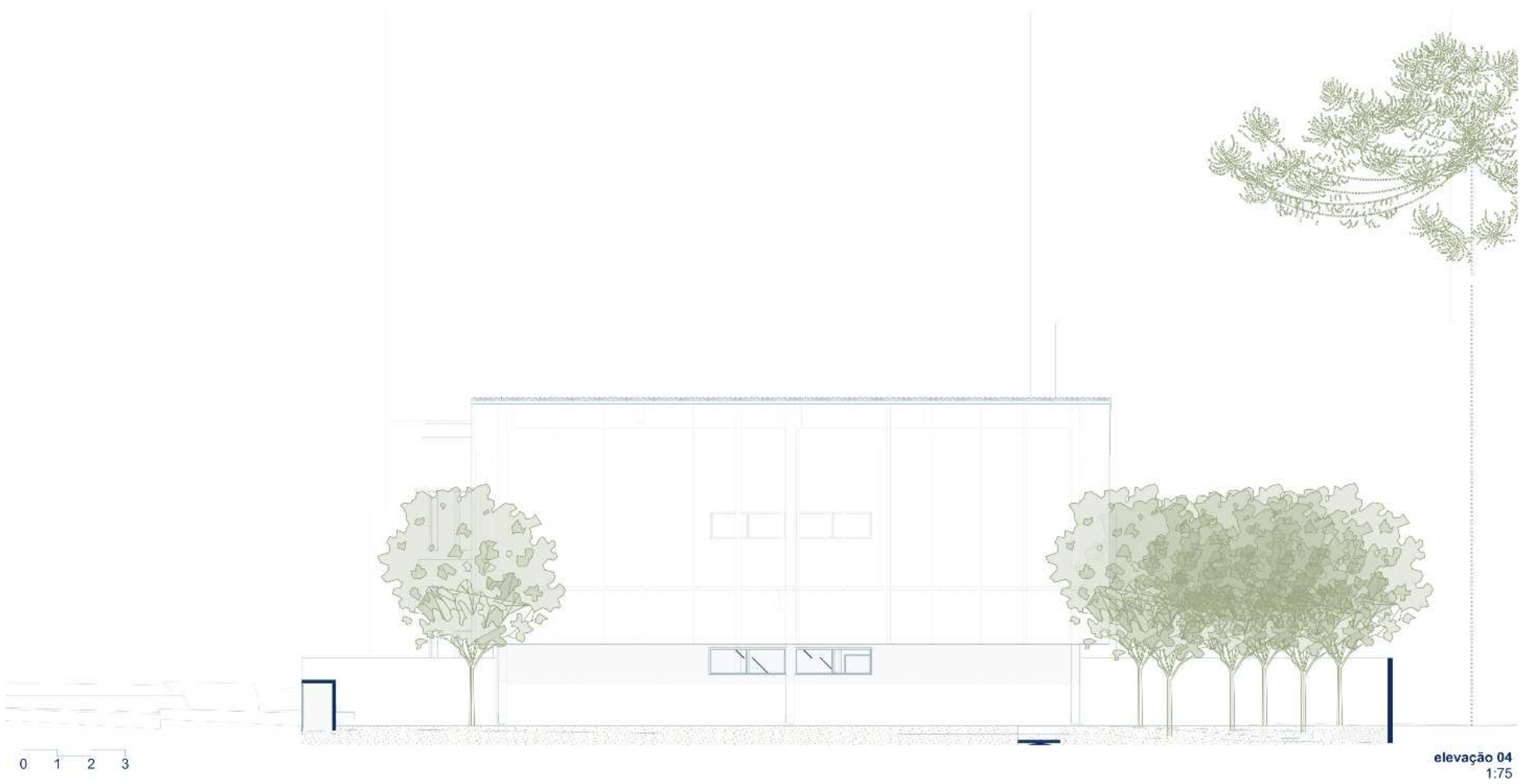
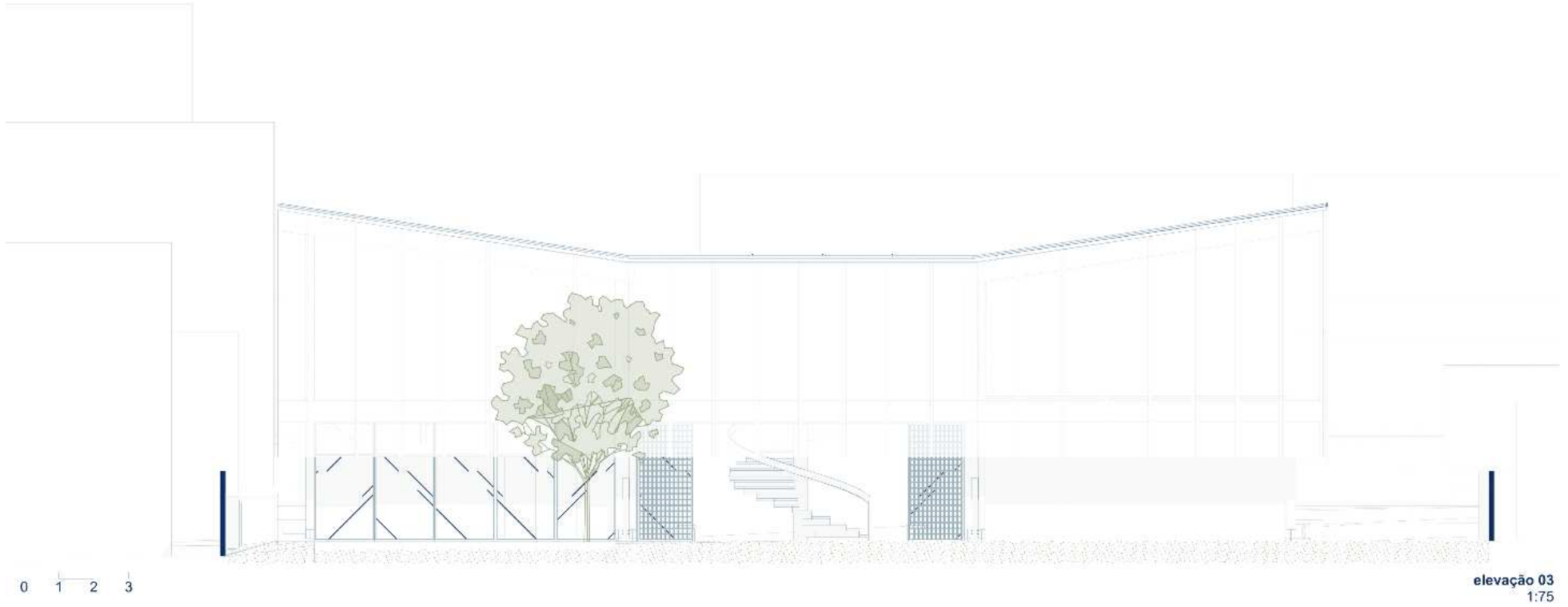
corte A2  
1:75



- |                     |                      |                 |                       |                   |
|---------------------|----------------------|-----------------|-----------------------|-------------------|
| 01 pátio central    | 05 banheiro          | 09 área de lixo | 14 área de descanso   | 18 sala de dança  |
| 02 recepção         | 06 café e biblioteca | 10 casa de gás  | 15 coz. funcionários  | 19 sala de teatro |
| 03 sala de costura  | 07 jardim            | 11 bicicletário | 16 sala de pintura    |                   |
| 04 sala de cerâmica | 08 sala raku         | 12 DML          | 17 sala de serigrafia |                   |

0 1 2 3  
planta primeiro pavimento  
1:75

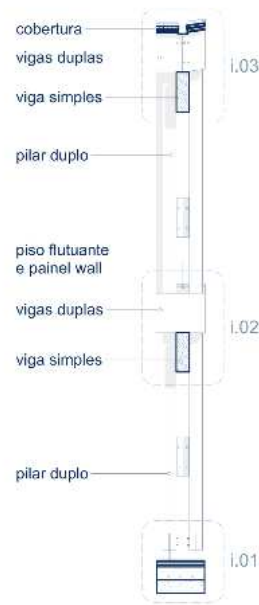






D.01 | seção construtiva  
1:50

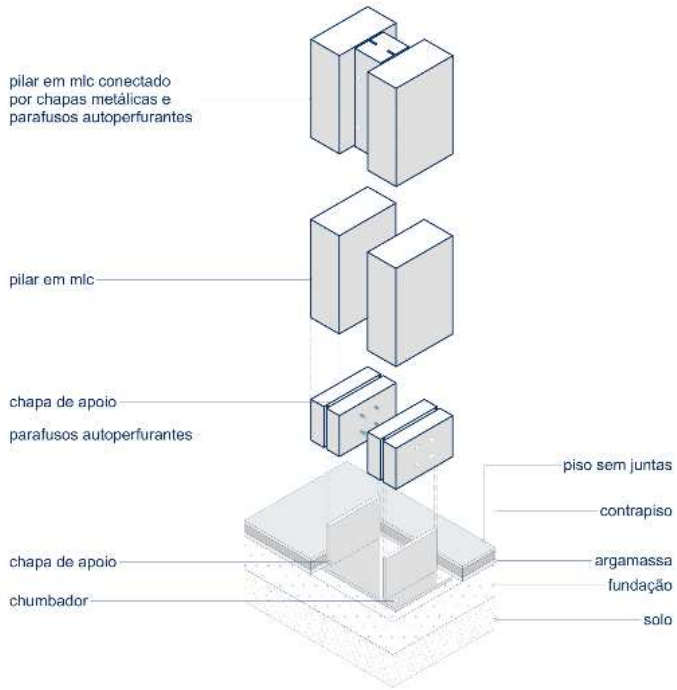
0 1 2 3



D.01 | elevação frontal pilar duplo  
1:50

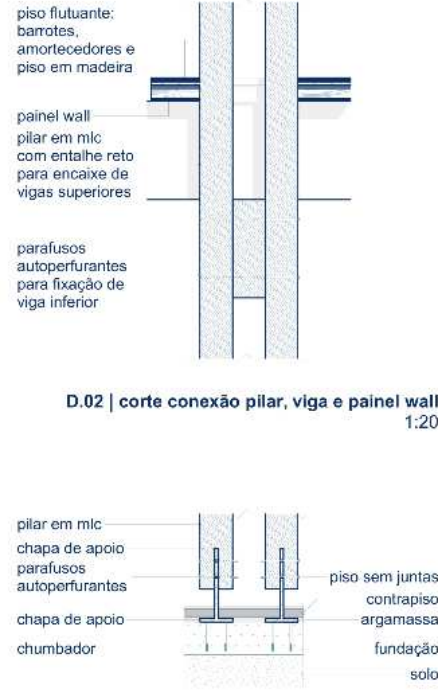


D.01 | elevação lateral pilar duplo  
1:50

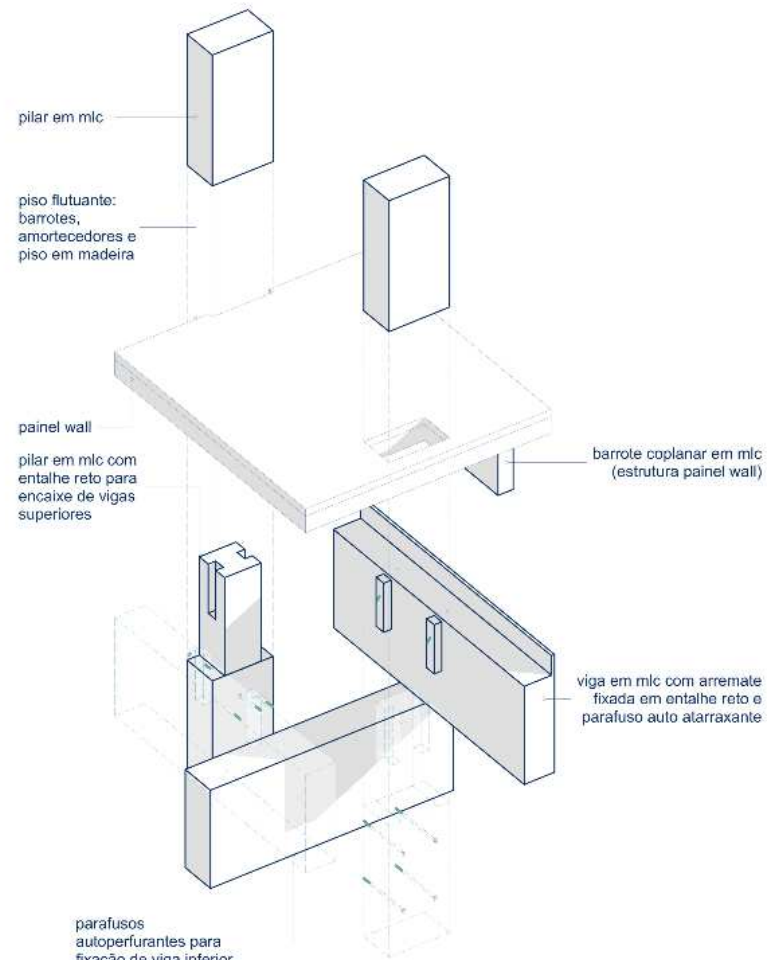


i.01 | isométrica conexão pilar e fundação  
1:20

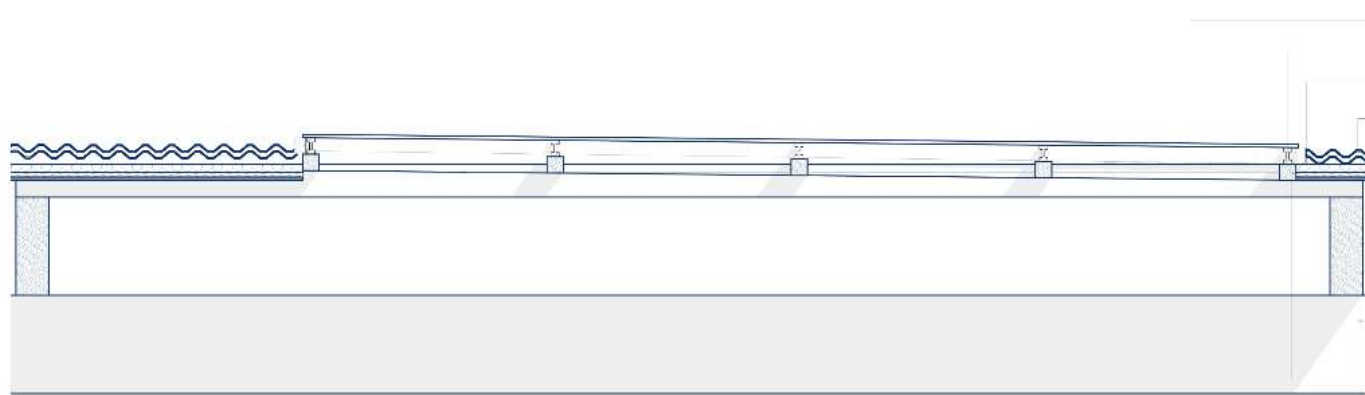
0 1 2 3



D.02 | corte conexão pilar e fundação  
1:20

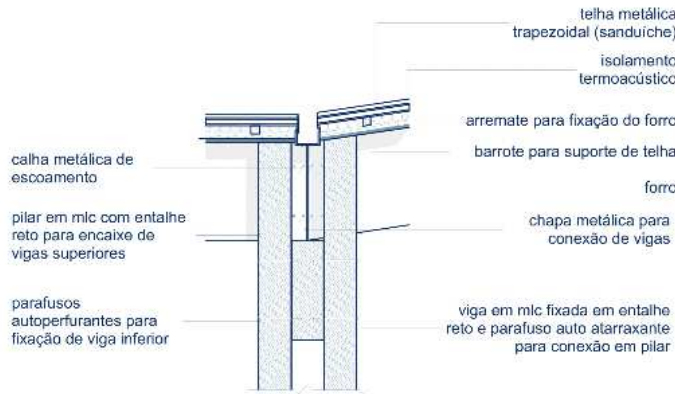


i.02 | isométrica conexão pilar e painel wall  
1:20

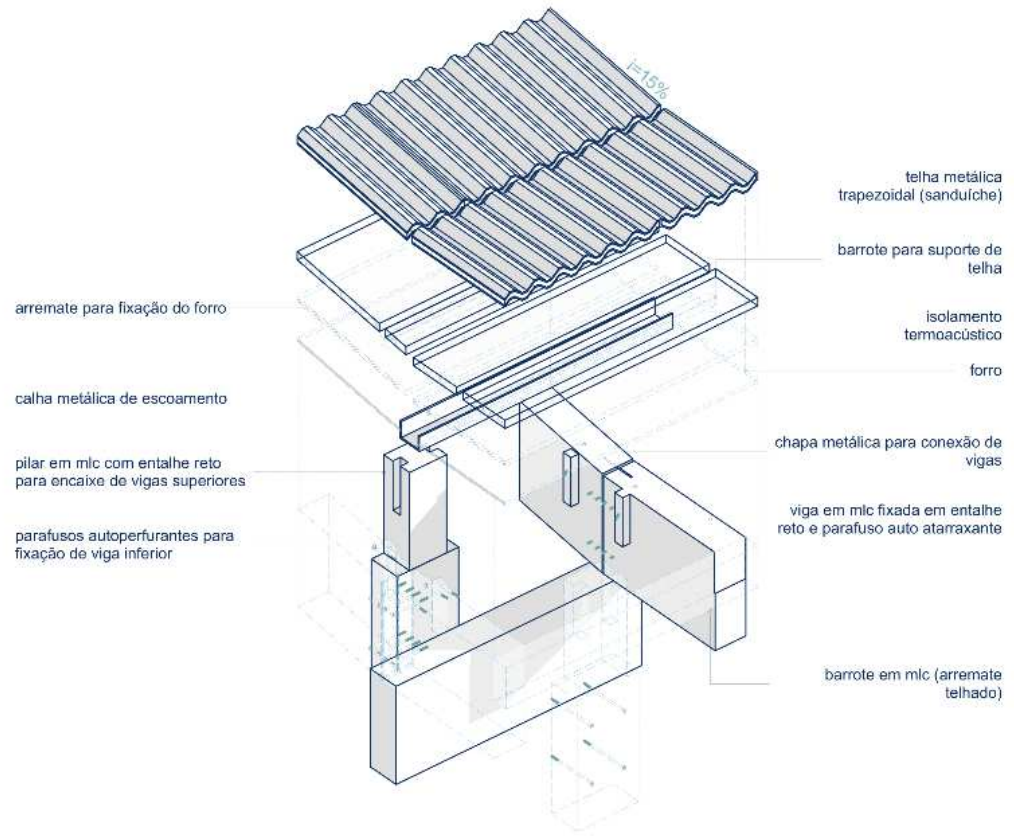


D.03 | corte claraboia  
1:20

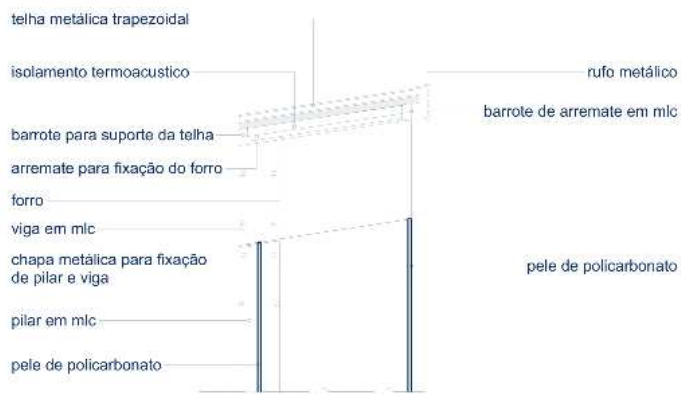
0 1 2 3



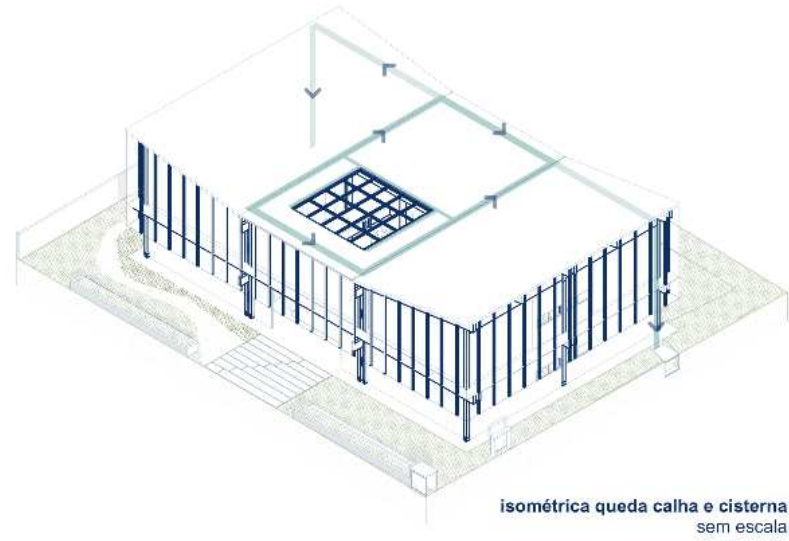
D.02 | corte conexão pilar, viga e cobertura  
1:20



i.03 | isométrica conexão pilar, viga e cobertura  
1:20



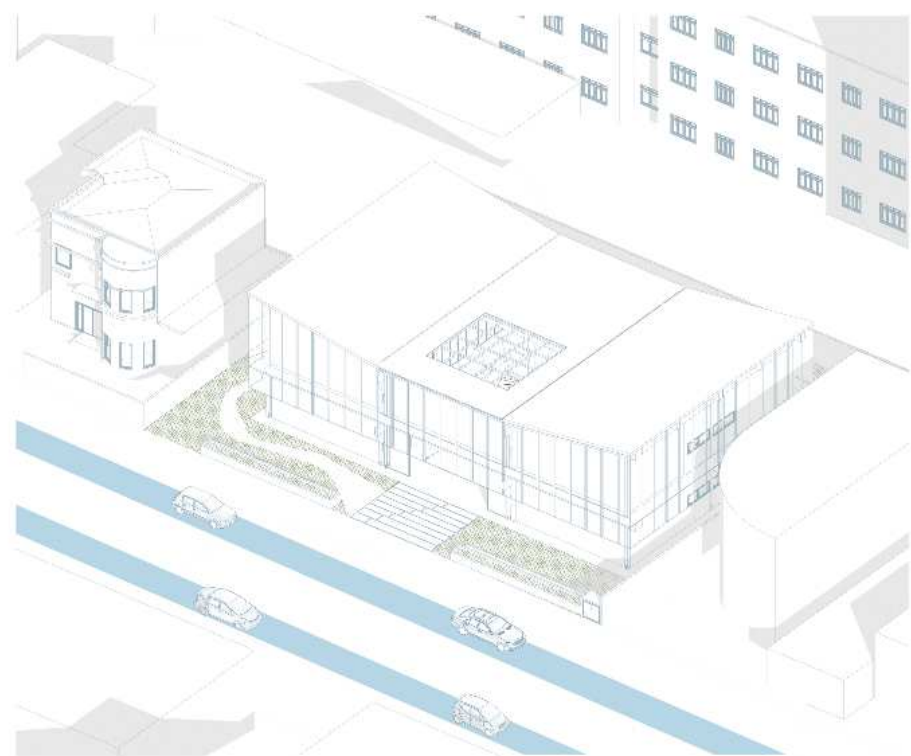
D.04 | detalhamento rufo  
1:20



isométrica queda calha e cisterna  
sem escala



escada e jardim central



isométrica estacionamento  
sem escala